U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

EM ARQUITETURA

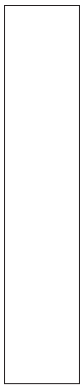
PROJETO DE LAGAR DE AZEITE E AGROTURISMO NA QUINTA DOS POÇOS

Reflexão, Programa Integrado e Operacionalização de Estruturas Rurais

Miguel Menezes

M

2017



Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
apresentado à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Projeto de Lagar de Azeite e Agroturismo na Quinta dos Poços

Reflexão, Programa Integrado e Operacionalização de Estruturas Rurais

Estudante
Miguel Bruno Carvalhal Calhau de Menezes

Professor Orientador
João Paulo Loureiro

FAUP
2016/2017

A presente dissertação foi escrita ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990).

Agradecimentos:

À minha família, pelo apoio incondicional.

Ao professor João Paulo Loureiro, pela orientação exigente e estimulante.

Ao engenheiro João de Azeredo, a quem devo grande parte do saber sobre os lagares e uma grande amizade.

À família Mesquita Guimarães, por todo o entusiasmo e disponibilidade com que abraçaram o projeto. Obrigado por me abrirem as portas desta aventura.

"É muito importante não estar muito tempo com a folha em branco porque esse vazio é inquietante.

Podes deixá-la assim, ou tens outra opção, sujá-la e começar". [1]

1 | SIZA, Álvaro

ÍNDICE

Resumo		3
Abstract		5
Objeto, Objetivo e Método		7
Introdução		9
1.	**CIRCUNSTÂNCIA**	**17**
1.1	O Douro e a Quinta	19
1.2	Visita ao lugar e análise prospetiva	29
1.3	Reunião com o cliente: da autoproposta à encomenda	41
1.4	Percurso e fragmentos de arquitetura: levantamento e estudo do existente	43
1.5	Sobre o desafio da intervenção no construído	57
2.	**CASA DO LAGAR**	**73**
2.1	Contextualização breve do valor do azeite e dos processos de extração	75
2.2	Programa do lagar: pertinência, definição e integração	83
2.3	Projeto da Casa de Cima | lagar	99
	Peças desenhadas	117
3.	**CASAS COMPLEMENTARES DE AGROTURISMO**	**131**
3.1	Programa complementar: alojamento e provas	133
3.2	Projeto da Casa do Meio | alojamento	139
	Peças desenhadas	151
3.3	Projeto da Casa de Baixo | provas	157
	Peças desenhadas	171
Considerações finais		177
Referências bibliográficas		183
Lista de origem e/ou créditos de imagens		189
Anexo 1: Exportações portuguesas de azeite na última década		191
Anexo 2: Diagrama de extração do azeite		193
Anexo 3: Visitas de estudo a três lagares		195
Anexo 4: Desenhos de levantamento		205

RESUMO

A dissertação partiu de uma intenção pessoal, relacionada com o desenvolvimento de uma reflexão crítica acerca dos elementos construídos que sustentam a paisagem cultural do Douro. Incidiu-se sobre o setor do azeite, por se tratar de uma indústria em processo de crescimento e afirmação, resultando numa autoproposta de projeto de lagar de azeite e no contacto com um contexto e cliente reais. A autoproposta evoluiu para uma encomenda de projeto de lagar e turismo numa propriedade privada situada em pleno Douro Património da Humanidade.

A construção do programa foi essencial para o desenvolvimento do projeto e consistiu na síntese de uma investigação que inter relaciona vários âmbitos. O contexto do projeto favoreceu a integração do programa funcional em espaços pré-existentes, enquadrando-se numa estratégia de requalificação do espaço devoluto da propriedade, e suscitou a reflexão sobre a intervenção em construído. A investigação termina com uma proposta de projeto que visa a operacionalização de estruturas rurais antigas.

ABSTRACT

The dissertation came from a personal intention, related with the development about a critical reflexion about the built elements that sustain the cultural landscape of the Douro. Focused on the olive oil sector, because it is an industry in the process of growth and affirmation, resulted in a self proposal of a project of an olive mill, with a real client and with it's own context. The self proposal evolved to an order of a project of an olive oil mill with complementary tourist spaces, in a private property, located in Douro, Unesco Cultural Heritage.

The construction of the program was crucial to the development of the project, and consisted in a sinthesis of an investigation that interconnects several aspects. The context of the project favored the integration of the functional program in pre-existing spaces, fitting in a requalification strategy of the vacant space property, that originated the reflection about the intervention on the built structures. The investigation ends with a project proposal that intends to operationalize old rural structures.

OBJETO, OBJETIVO E MÉTODO

OBJETO. À semelhança do vinho, apesar de menos explorado, o azeite é um produto igualmente ligado à terra e à cultura agrícola portuguesa, em processo de reconhecimento e modernização. O olival é identitário do Património Cultural do Douro e o azeite é igualmente um dos grandes produtos da região. O lagar de azeite é o equipamento central na extração e desenvolve uma relação recíproca de valorização e dependência com a paisagem, sendo encarado como uma necessidade da mesma. No entanto, em muitos casos, ainda carece das condições adequadas e da valorização devida. Por conseguinte, o objeto central de estudo é um projeto de lagar de azeite em contexto real e suscitou o contato com a Quinta dos Poços - o caso de estudo da dissertação. O conhecimento da circunstância e a relação com os clientes desencadearam a encomenda de um projeto mais abrangente, com valências programáticas complementares, originando a investigação que conduz à concepção de um programa funcional e de uma postura de intervenção adequados ao caso de estudo.

OBJETIVO. A dissertação tem como intuito desenvolver um projeto próximo da prática profissional, realizando-se em contexto real em função dos clientes e das necessidades do caso de estudo. A encomenda, definida dentro de uma área específica, visa o desenvolvimento de um projeto de reabilitação de casas devolutas através da aplicação das funções de lagar de azeite e turismo, com vista à sua operacionalização. O objetivo passa pela adequação das estruturas antigas aos tempos de hoje, enquadrando o programa funcional na atmosfera do contexto rural. Espera-se acrescentar valor ao espaço em análise e contribuir para o processo de reconhecimento do valor do azeite através de uma reflexão que demonstre a importância da arquitetura no processo de extração. Por outro lado, também se quer contribuir para o entendimento do processo de criação do projeto de arquitetura, sem que se antecipem regras ou modos de fazer, identificando no lugar e no programa duas premissas fundamentais para o desenvolvimento de uma arquitetura qualificada e coerente com cada circunstância. Servindo igualmente como ferramenta pessoal de trabalho, a reflexão pretende ser um auxiliar na procura de um método de projeto adequado às necessidades da arquitetura do nosso tempo.

MÉTODO. Em resposta à complexidade da circunstância, o projeto é encarado como um processo contínuo de investigação e de síntese que vai desde o estudo do lugar ao contacto com os clientes, das visitas a outros espaços de produção ao diálogo com técnicos especialistas, do estudo dos processos de extração de azeite ao desenvolvimento de um modelo adaptado e do levantamento dos espaços à problemática da intervenção em construído. Da investigação resulta um programa integrado que conjuga a função de lagar com outras valências programáticas, com vista ao desenvolvimento de um projeto útil, rentável e adequado ao caso de estudo. O programa representa uma dimensão ativa do projeto e expõe um sentido analítico que tem por base a criação de conceitos e áreas ajustados à realidade. Na sua construção, as preocupações incidiram sobre um correto dimensionamento económico da solução que, em teoria, pudesse viabilizar o projeto desenvolvido.



Fig. 1 - Muro de xisto caiado com letreiro na entrada poente da Quinta dos Poços.

INTRODUÇÃO

AO CASO DE ESTUDO

A minha prática desportiva intensa de remo no Douro, tanto na foz do rio como em zonas interiores do país, suscitou uma forte relação com a paisagem duriense e interesse sobre os temas que lhe estão associados. A intenção de desenvolver um projeto ligado à região originou uma reflexão sobre o papel da vinha e do olival na sua caracterização e fez despontar o interesse sobre os elementos construídos que sustentam ativamente a paisagem tal como a conhecemos. As adegas de vinho e os lagares de azeite relacionam-se diretamente com o território e desempenham funções fundamentais na sustentabilidade da "paisagem construída" do Douro. Tanto as adegas como os lagares, fazem parte de uma cadeia que, partindo do hábito de consumo da população, motiva o cultivo da terra e a posterior transformação dos frutos nos respetivos equipamentos de produção. Estes, por sua vez, revelam um papel dinâmico com grande responsabilidade sobre a paisagem, tornando-a viva.

Depois de identificar no azeite um setor menos desenvolvido mas em processo de reconhecimento crescente e modernização acentuada, como seguidamente se verá, cresceu a intenção de perceber como funciona este equipamento com origem ancestral e de projetar um lagar de azeite. A vontade de reformular um equipamento antigo com relação direta com a paisagem duriense conduziu à procura de um contexto real (local) onde fosse possível realizar uma reflexão crítica (projeto) acerca deste tema.

Partindo da vontade de desenvolver um projeto ativo, com caráter real e influenciador da paisagem, realizou-se uma ação de autodivulgação deste trabalho científico num estabelecimento de venda de vinho e azeite. Dessa ação resultou a oportunidade de contactar diretamente com os proprietários de uma marca produtora e de desenvolver o estudo de um lagar na sua propriedade agrícola. A Quinta dos Poços identificou na autoproposta de projeto uma necessidade inerente à circunstância de desenvolvimento de azeite da marca, passando a integrar o caso de estudo da dissertação, com o intuito de desenvolver o projeto de um lagar integrado na sua estrutura agrícola.[1]

A Quinta consiste numa propriedade privada situada na Região Demarcada do Douro, na zona do Baixo Corgo, em Valdigem, Lamego. Os últimos anos de crescimento e modernização têm contribuído para o atual reconhecimento da marca no âmbito internacional, onde se destaca o vinho produzido em adega própria. O azeite é o segundo maior produto da Quinta e atravessa um período de grande desenvolvimento no espaço

1 | Deste modo criaram-se as condições para o desenvolvimento de um projeto com caráter real, assente na relação entre arquiteto e cliente que se pretende próximo da prática profissional. Por esse motivo, a dissertação trata os proprietários como clientes, visto ser essa a sua condição no âmbito da investigação e porque o projeto é desenvolvido em função dos seus sonhos e necessidades. "T*he dialogue between client and architect is about as intimate as any conversation you can have, because when you're talking about building a house, you're talking about dreams".* STEM, Robert A. M. (Online) Brainy Quote. Disponível em: https://www.brainyquote.com/quotes/authors/r/robert_a_m_stern.html;



Fig. 2 - Embalagem de Azeite Quinta dos Poços, com retrato do casal Mesquita Guimarães - os clientes proprietários.

agrícola. Com este produto deseja-se construir um percurso semelhante ao do vinho, assente em padrões de qualidade e sustentabilidade, mesmo sabendo tratar-se de uma indústria menos desenvolvida, sobretudo no que diz respeito ao fenómeno turístico.

A marca começou a produzir e a comercializar azeite em 1997 e desde essa altura que tem registado um aumento de volume de produção e uma crescente preocupação em potenciar a qualidade do produto. Ao olival velho e de bordadura já existente juntou-se um novo olival de dimensão significativa em 2005, com o qual se espera atingir um volume total de produção próximo dos 2000l de azeite. O objetivo dos clientes é maximizar a produção de azeite da marca, mesmo que isso implique "*plantar uma nova oliveira em todos os sítios onde for possível"*. Ao mesmo tempo, desenvolveu-se uma nova identidade gráfica ligada à venda do produto e um *blend* de azeitonas selecionadas que resulta na comercialização de um Azeite DOP Trás-os-Montes, o que denota o investimento significativo no setor.

Para extrair o azeite, a marca recorre a uma unidade industrial longe da Quinta, o que gera bastantes inconvenientes no processo de produção. Sabe-se que a azeitona deve ser laborada logo que possível após a apanha, mas este afastamento do equipamento obriga ao transporte do fruto em várias levas que muitas vezes incorre em demasiado tempo entre a colheita e a respetiva transformação em azeite. Para atenuar o problema, depois de colhida, a azeitona é conservada em água até ser transportada para o lagar onde é processada. Mesmo assim, a operação não evita a deterioração de propriedades importantes que posteriormente comprometem a qualidade do produto final.

Dado tratar-se de um espaço de produção ao qual recorrem inúmeros produtores da região, as questões logísticas de coordenação entre o usufruto do equipamento e os vários produtores podem tornar-se complicadas e condicionar a qualidade do azeite produzido. Para além disso, numa situação como esta não há qualquer controlo sobre o processo de laboração por parte dos produtores, apesar de haver confiança nas pessoas e nas máquinas da unidade industrial que extraem o azeite. Mas seria substancialmente diferente se pudessem ser os próprios a gerir todo o processo produtivo, aperfeiçoando cada detalhe no sentido de potenciar a melhor qualidade final.

Com os olhos postos no futuro, a propósito da possibilidade de desenvolvimento de um projeto de arquitetura de um lagar de azeite com caráter particular, os clientes expressaram o valor que dão à modernização capaz de conjugar novas formas de construção dos espaços com valores tradicionais e materiais regionais. Não acreditam numa rutura com o passado e defendem um moderno em continuidade com o antigo. Ambos partilham uma visão objetiva do futuro e valorizam o método e o rigor do trabalho. Prezam muito a tradição mas estão constantemente abertos a novas ideias e novos modos de fazer ou construir, o que os leva a abraçar novos projetos como é o caso desta dissertação. Deste modo, pretende-se desenvolver um programa e um projeto enquadrado na visão dos clientes[2] e no movimento de dinamização da olivicultura na Quinta, tendo por base um estudo da temática de produção de azeite e uma investigação sobre as necessidades reais do caso de estudo.

2 | Sobre este assunto, José Manuel e Maria Luísa Mesquita Guimarães dizem acreditar *"que no futuro os produtores serão capazes de fazer o azeite nas suas próprias quintas, mesmo tratando-se de produções com volumes reduzidos";*



Fig. 3 - Visita acompanhada dos clientes ao olival da Quinta dos Poços. Na imagem observam-se oliveiras de bordadura, tradicionais na região do Douro.

À PRODUÇÃO DE AZEITE NACIONAL

A produção de azeite em Portugal atravessa o período mais próspero da história da olivicultura portuguesa. Entre tradição e modernidade, o azeite tem desempenhado um forte contributo na recuperação e valorização do espaço rural português.

Hoje em dia cada vez mais se valorizam os produtos tradicionais e, sobretudo, o que é característico de determinada região. Os produtos certificados com Denominação de Origem Protegida (DOP) utilizam o nome de uma região para definir artigos cuja produção é distintiva de um contexto geográfico particular, tendo em conta regras específicas, fazendo prevalecer a história e a tradição em determinadas formas de fazer.

Entre as várias regiões produtoras de azeite em Portugal distinguem-se sobretudo duas com características muito diferentes: o Alentejo e Trás-os-Montes. Estas duas regiões são representativas dos dois principais lados da olivicultura portuguesa, cujas circunstâncias geográficas distintas dão origem a azeites diferenciados e a uma grande disparidade em termos de volume de produção, que se deve sobretudo ao tipo de olival utilizado e ao meio envolvente.[3]

"*Até há 10 anos a região de Trás-os-Montes acompanhava a produção do Alentejo, mas hoje em dia a produção de azeite aumentou muito nessa região, sobretudo motivada por todo o mecanismo associado ao projeto Alqueva. Em Trás-os-Montes, 90% dos olivais são de sequeiro, mas são os mais diferentes e ricos em termos de perfil sensorial e portanto há que potenciar essa qualidade, sobretudo porque nesta região não se pode produzir em grande quantidade, isso é impossível".*[4]

Atualmente a produção de azeite organiza-se entre os olivais tradicionais e os olivais intensivos ou super intensivos, nos quais a maior proximidade e a menor dimensão das plantações, mais adaptadas às máquinas, se traduzem num maior volume de produção. Este tipo de olivais começaram a ser introduzidos no país por empresários espanhóis há cerca de 12 anos, no seguimento da construção da Barragem do Alqueva, e tem por isso mais expressão no Alentejo, em particular na área do perímetro de rega do Alqueva. Os olivais intensivos e super intensivos são os principais responsáveis pelo aumento das exportações nacionais.[5]

Numa análise mais recente, verifica-se a alteração dos padrões de qualidade do azeite, a dificuldade de pequenos produtores em acompanhar as exigências de comercialização e os preços competitivos, definidos por Espanha, onde está o conhecimento, o investimento em tecnologia e a agressividade comercial[6]. No entanto, tal como diz a experiência do empresário agrícola Francisco Pavão, uma das principais figuras do setor da olivicultura e do azeite em Portugal, essa situação começa a inverter-se e os pequenos produtores de azeite estão a encontrar o seu lugar próprio através de uma via assente na sustentabilidade dos olivais e na qualidade diferenciada dos seus produtos. É o caso da Quinta dos Poços.

3 | *DOP AZEITE ep. 3.* (14, Jun 2016) (Documentário) Dirigido por ANABELA SAINT-MAURICE. Gaia: RTP2;
4 | PAVÃO, Francisco Ataíde (2016) Entrevista. In: *DOP AZEITE ep. 3,* Op. Cit.*;*
5 | Ibidem;
6 | Ibidem;



Fig. 4 - Olival super intensivo na Herdade do Marmelo, em Ferreira do Alentejo. A dimensão e posicionamento das oliveiras são determinadas pelas máquinas de apanha e pelo aproveitamento máximo do solo.

"*Cada vez há mais pequenos produtores a aparecer, no Douro e em Trás-os-Montes, com azeites de excelência. Produtores de vinho que já têm os seus canais de venda estabelecidos e que percebem que o Douro Património da Humanidade também é olival. E que estão a recuperá-los e a torná-los económica e ambientalmente sustentáveis"*.[7]

Independentemente das características de cada região e de cada produção, importa continuar o movimento de desenvolvimento do azeite e de valorização das variedades regionais. Portugal é um país rico e diversificado onde a coexistência entre olivais intensivos e tradicionais é uma mais-valia. Se por um lado existem olivais tradicionais com uma enorme qualidade reconhecida de variedades, que apesar da idade e menor volume de produção permitem afirmar Portugal no comércio internacional enquanto país produtor de azeite de qualidade superior, por outro existem olivais intensivos capazes de gerar autossuficiência e aumentar as exportações[8].

Nas recolhas de dados anuais do INE, confirma-se o crescimento do setor com estatísticas que revelam uma tendência de aumento significativo do volume de produção e do consumo médio por habitante, ano após ano. A mesma tendência verifica-se no crescimento das exportações nacionais[9], que não deixam dúvidas relativamente à importância do azeite em Portugal - o quarto maior país produtor da Europa[10].

7 | PAVÃO, Francisco (2016) *Francisco Ataíde Pavão: "Falta dinheiro para promoção"*. Jornal Dinheiro Vivo, 21 Fev 2016. Disponível em: https://www.dinheirovivo.pt/economia/francisco-ataide-pavao-falta-dinheiro-para-promocao/;
8 | DINIZ, Eduardo (2016) Entrevista. In: *DOP AZEITE ep. 3, Op. Cit.;*
9 | Ver Anexo 1: Exportações portuguesas de azeite na última década:
10 | INE (2015) Estatísticas Agrícolas de 2014. Lisboa: INE.

1. CIRCUNSTÂNCIA



Fig. 5 - A paisagem cultural do Douro contém a história da relaçao entre o Homem, a terra e o rio.

1.1 O DOURO E A QUINTA

"El paisaje contiene história. Los seres humanos han vivido siempre en él y en él han trabajado. Y a veces el paisaje tiene que sufrir que nosotros habitemos y trabajemos en él. Con todo, para bien o para mal, en el paisaje há quedado almacenada la história de nuestra relación con la tierra, y probablemente por ello hablamos de paisaje cultural. Así, a la sensación de formar parte de la naturaleza se une outra de vinculación a la história que transmite el paisaje". [1]

A importância do rio Douro na história da região e a respetiva influencia na vida das pessoas está bem patente na humanização das montanhas de granito e xisto que o guiam. A passagem do rio desencadeia uma relação de cumplicidade especial ente o Homem, a água e a terra, que confere à Região Demarcada do Douro a tão apreciada paisagem cultural classificada como Património da Humanidade, reflexo da evolução social, técnica e económica da região.

O Douro é mais do que um vale de um rio apertado por encostas com elevações imponentes. As condições que nele se vivem estendem-se ao longo das margens e penetram no seu interior, estabelecendo toda uma zona de influência com uma individualidade própria, não podendo considerar-se uma linha ou uma zona que estabeleça uma separação nítida entre as províncias de Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes e Alto Douro[2]. Dentro desta área de influência, o clima, que apresenta marcas de caráter continental desencadeadas pela passagem de ventos provenientes de Espanha, o solo xistoso e o relevo determinam tipos únicos de cultivo. São esses o vinho, o azeite, as frutas e as hortaliças, com os quais se atingem padrões de qualidade diferenciadores.[3]

As encostas, compostas por sucessivos patamares de verdura suportados por muros infindáveis de pedra, são reflexo *"duma obra paciente, persistente e hercúlea, a que os olhos nunca se acostumarão, porque a sensação de respeito persistirá com o hábito. (...) O Douro não admite o frouxo, o tíbio, o indeciso: só nele tem lugar o homem que, para se manter, teve de olvidar aquilo que aos homens é devido".* [4]

Na ocupação do território podem distinguir-se genericamente várias zonas e vários tipos, quer ao nível dos terrenos de cultivo, quer ao nível das construções. Relativamente aos primeiros, nos cabeços mais elevados, quando cultivados, encontram-se apenas oliveiras. As vinhas ocupam as meias encostas e as descidas para os vales, onde predominam pomares e as hortas. Relativamente à forma como se distribuem as construções, deve fazer-se uma distinção entre as que pertencem a unidades fundamentais de exploração agrícola e as que pertencem aos povoados marcados pelo cunho do negócio e por pequenas construções rarefeitas que procuram a proximidade das estradas e dos caminhos principais. *"Neste*

1 | ZUMTHOR, Peter (2014) *Pensar la Arquitectura*. 3ª edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. p. 95;
2 | AFONSO, João, MARTINS, Fernando, MENESES, Cristina (ed.) (2004) *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos. p.115;
3 | Idem, p. 179;
4 | Idem, p. 180;

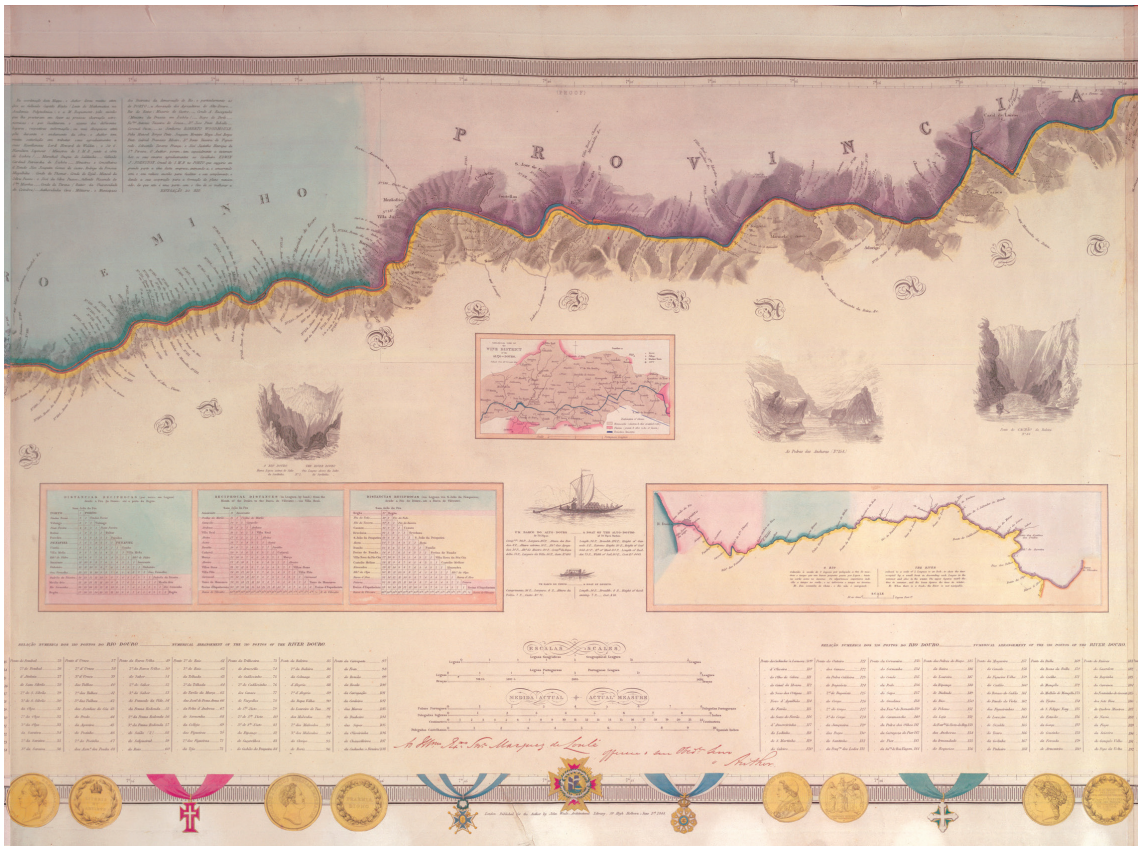


Fig. 6 - Extrato da cartografia "*O Douro portuguez e paiz adjacente contando do rio quanto se pode tornar navegavel em Espanha"*, de Joseph James Forrester.

quebra-cabeças teremos, pois, de um lado, o tipo dispersivo que caracteriza a vizinha zona baixa do Douro e, por outro, as concentrações, ora de feição vincadamente castreja, ora aglutinadas pelo processo de trocas comerciais". [5]

Dos povoados, tanto nos pequenos aglomerados dispersos como nas povoações de maior importância, *"a impressão directa que se colhe é a de uma influência muito directa de meios urbanos de província, que se sente ou se pressente num certo tipo de rasgamentos, em varandas envidraçadas, no uso da cal, da telha e até da cor, misturados com lousas, chapas de zinco e outros produtos industriais, desconcertadamente usados e expostos. De um tom local, uma que outra empanada de madeira (...) e uma certa ingenuidade na maneira de jogar com os volumes, com as cores e, enfim, com os materiais, principalmente os que vem de fora..."*[6]. Esta confusão advém, de forma geral, da complexidade do aglomerado humano, separado por funções e castas gradativas[7]. Relativamente às unidades de exploração agrícola - as quintas – os autores de *Arquitectura Popular em Portugal* escrevem sobre a importância da componente *"não local"* na apreciação das arquiteturas ditas locais, e mencionam a necessidade de libertação dos habituais conceitos associados a tal designação[8].

As quintas, enquanto unidades de povoamento, exploração agrícola e poder territorial, constituem importantes vetores de desenvolvimento da região do Douro. São ricas em história e num vasto património material (arquiteturas eruditas, vernaculares e de paisagem) e imaterial (tradições, crenças e memórias), que as tornam unidades centrais para o território classificado como Património da Humanidade, tanto ao nível do valor da memória colectiva como ao nível do valor de recurso para a promoção e desenvolvimento da região.[9]

As quintas são geralmente constituída por vinhas, edifícios de vinificação e armazenagem, casa de proprietários e/ou caseiros e casas de trabalhadores, sendo que em alguns casos também existem olivais, lagar de azeite, capela, etc. Apesar do seu caráter típico, as quintas correspondem a uma realidade territorial relativamente excecional, sendo que de cerca de quarenta mil explorações vitícolas do Douro constituem apenas uma pequena parte na ordem das centenas. No entanto, a sua estrutura enquanto unidades de exploração agrícola, geralmente de média e grande dimensão, e a aptidão para a comercialização dos respetivos produtos, em particular o vinho, atribuem às quintas um lugar socioeconómico estratégico na região duriense.[10]

Para além disso, atualmente há muitas quintas que aproveitam as oportunidades de crescimento do setor do vinho e que aliam às atividades de produção iniciativas de enoturismo, revelando um grande esforço de investimento nos dias que correm e uma capacidade de conjugação entre tradição e modernidade. As quintas têm tirado partido

5 | Idem, p.180;
6 | Idem, p. 184;
7 | Idem, p. 184;
8 | Idem, p.185;
9 | PEREIRA, Gaspar (ed.) (2014) *Quintas do Douro: História, Património e Desenvolvimento*. In: *Atas das 2as Conferências Museu de Lamego / Citcem*, Lamego, Outubro, 2014. Lamego: Museu de Lamego, 2014, pp. 9-20;
10 | Ibidem;



Fig. 7 - Vista aérea da região do Douro onde se localiza a Quinta dos Poços (sinalizada a amarelo).

da sua posição geográfica, da sua dimensão espacial e económica e das suas heranças edificadas para melhorar as condições de sustentabilidade e de preservação do património histórico-cultural. Há um cada vez maior número de casos de sucesso deste tipo, o que reforça o papel das quintas enquanto agentes de desenvolvimento regional. Como diz Gaspar Martins Pereira, "*Independentemente dessa aposta económica, as quintas desempenham a dupla missão de guardiãs do património cultural e ambiental do Douro e de centros de irradiação eficaz quer desses valores de memória e identidade quer de dinamismo e de aperfeiçoamento tecnológico, ou seja, de conhecimento, no sentido mais abrangente e plural da palavra*".[11]

A QUINTA DOS POÇOS

A Quinta em estudo deve o seu nome à relação intrínseca entre o Homem e a Natureza. Por um lado, a voz do povo fundamenta a designação com as várias nascentes de água que brotam do solo da Quinta em altura de chuva intensa. Por outro, uma análise histórica atenta justifica o nome com o facto de se situar em frente ao *"Ponto das Poças"*, assinalado no histórico Mapa do Douro do Barão de Forrester[12] como um dos principais pontos de perigo e morte *"desse Douro com rápidos traiçoeiros e poços capazes de engolir embarcações inteiras"*.[13]

"A Quinta dos Poços dos nossos dias, se bem que marcada pela evolução dos séculos e da região, mantém o encanto e a sedução de um pedaço do Douro com mais de trezentos anos de história, a fazer fé nos documentos mais antigos até onde foi possível recuar – a primeira data extrema inscrita nos tombos da época faz-nos recuar até 1711. Porém, já no século XVII a quinta teria pelo menos mais um proprietário, e com toda a certeza que dada a antiguidade das terras de Valdigem, no «sítio dos poços» terá sido cultivada vinha muito antes".[14]

A Quinta dos Poços original, com solar rural típico do séc. XVIII e dimensão considerável para o período é uma das mais antigas da região[15]. Segundo registos da época, a Quinta pertenceu à família Pacheco Pereira, da qual se destaca João Pacheco Pereira, na altura um dos mais poderosos proprietários do Porto e do Douro vinhateiro[16]. A mesma família terá, em data indeterminada, vendido a Quinta original em duas parcelas, que hoje conhecemos como Poços de Cima e Poços de Baixo[17]. A propriedade dos Poços de Baixo foi vendida aos Pereira Leitão, uma família duriense com grande património na região, ficando na sua

11 | Ibidem;
12 | Figura importante da cartografia duriense do séc. XIX e autor de *"O Douro Portuguez e Paiz Adjacente contando do rio quanto se pode tornar navegavel em Espanha"* (1848).
13 | BRAGA-AMARAL, José (2011) *Quinta dos Poços. 300 Anos de História*. Porto: Pagella. p. 27;
14 | Idem, p. 25;
15 | Ibidem;
16 | PEREIRA, Gaspar Martins, COSTA, Natália Fauvrelle da (1998) *Instruções para a cultura das vinhas e para o fabrico do vinho nas quintas de João Pacheco Pereira, antes da instituição da Companhia*. In: *Douro: Estudos & Documentos* (1998) n.º3. Porto: UTAD. p. 162;
17 | BRAGA-AMARAL, José (2011) Op. Cit., p. 35;

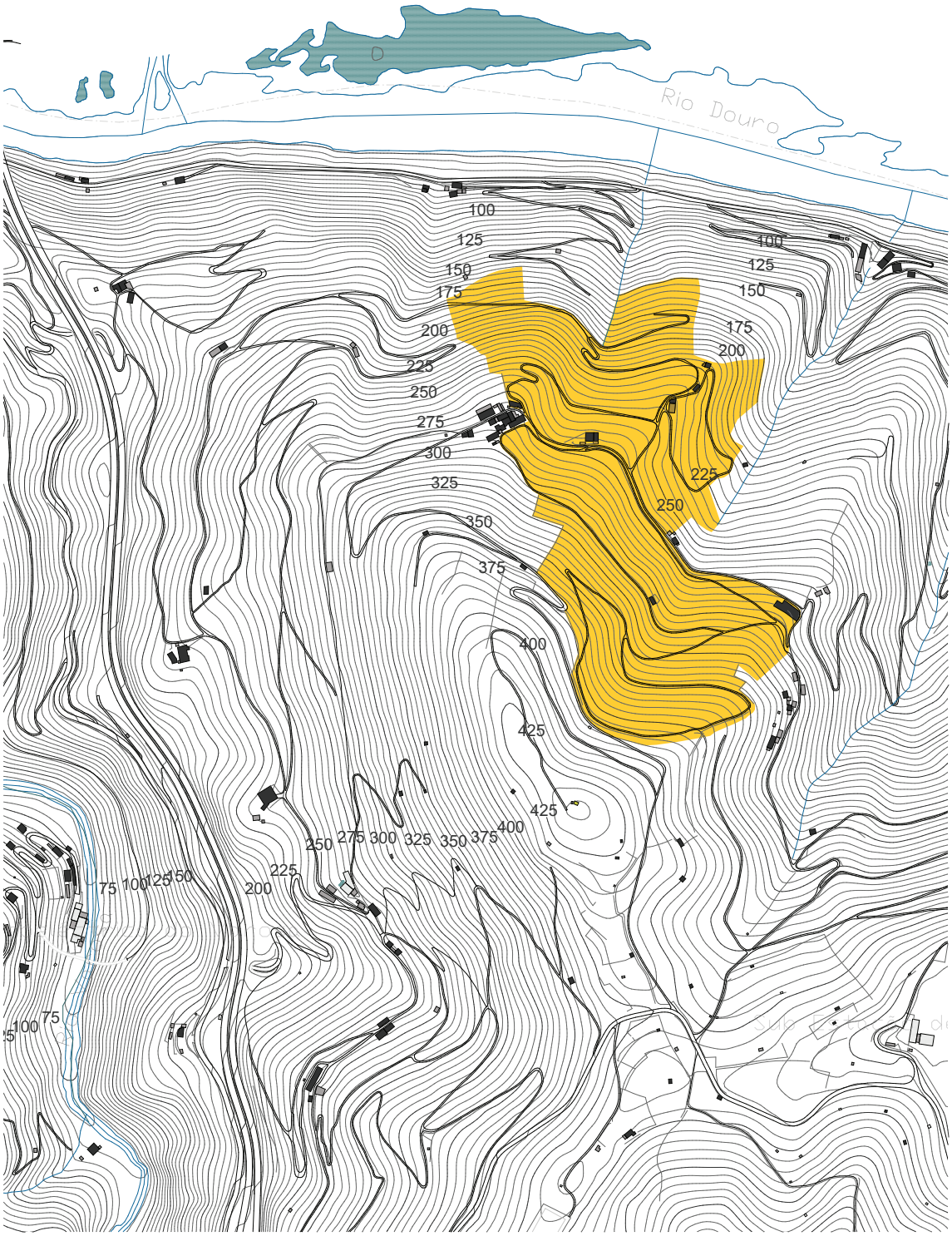


Fig. 8 - Extrato da planta topográfica da região, cedida pela Câmara Municpal de Lamego, com identificação da propriedade em estudo. Escala 1:10000.

posse até 1986, data em que foi adquirida pelo casal Mesquita Guimarães[18]. Já os Poços de Cima passaram por vários proprietários até serem adquiridos pelo casal em 1997[19]. A partir desse ano a Quinta dos Poços tornou-se una outra vez, dando início a uma nova história escrita pelas mãos da família Mesquita Guimarães, que perdura até aos dias de hoje.

Mais tarde, o casal adquiriu as Liberatas, originalmente constituídas por 8 pequenas parcelas de cultivo situadas entre os Poços de Cima e os Poços de Baixo. Estas têm o seu primeiro registo escrito na Casa Douro em 1939 e foram assim apelidadas na década de 80 do séc. XIX, quando o Sr. Manuel Teixeira Machado, o seu mais antigo proprietário, comprou as terras e iniciou a plantação de videiras. O cultivo das terras por parte da família do mesmo senhor passou de geração em geração até 2003, o ano em que foram vendidas aos atuais proprietários da Quinta dos Poços, que integraram as Liberatas na sua estrutura agrícola, vestindo-as com as castas nobres que hoje se podem apreciar[20].

Hoje-em-dia a Quinta é composta pelo conjunto do emparcelamento dessas três propriedades, perfazendo um total de 25ha, dos quais 21ha são cobertos por vinha em patamar e ao alto e 2,7ha são preenchidos por olival tradicional e de bordadura. Nela abundam castas tradicionais da região, tais como Touriga Nacional, Touriga Franca e Tinta Roriz, entre outras, e variedades de oliveira regionais, tais como a Madural, a Verdeal e a Cobrançosa.

A propriedade privada ocupa uma área na encosta Sul do rio Douro, numa zona de vales com dois cursos de água que definem a feição do relevo e influenciam o espaço agrícola. A Quinta tem uma orientação predominantemente Norte, por força da inclinação da encosta no sentido do rio, e apresenta uma variação de altitude entre as cotas 200 e a 400. A morfologia do terreno e os limites das três propriedades ditam a configuração do espaço, caracterizado por grandes diferenças de nível e por uma exposição solar que varia consoante o relevo da encosta.

O acesso à propriedade é realizado a partir da estrada nacional N313, por um caminho que percorre a encosta pelas cotas alta e intermédia da montanha, num percurso em forma de "bolsa" que retorna à estrada nacional. O percurso sinuoso, que também permite o acesso a duas quintas vizinhas, atravessa a Quinta dos Poços e separa-a em duas grandes metades.

A metade na cota superior, situada acima do percurso, é constituída pelos Poços de Cima e por uma pequena parte dos Poços de Baixo. A metade na cota inferior é composta pela maior parte dos Poços de Baixo e pelas parcelas das Liberatas. Apesar da subdivisão em duas partes, o espaço agrícola funciona segundo as três propriedades constituintes. Cada uma dessas tem um portão particular de relação com o caminho mencionado, o que lhes confere acessos independentes, apesar de existirem outros pontos de contacto.

Os Poços de Cima têm a sua entrada posicionada no extremo nascente, junto da adega de

18 | Idem, pp. 41-43;
19 | Idem, p 36;
20 | Idem, pp. 53-54.



Fig. 9 - Vista aérea da Quinta dos Poços.

vinho, relacionada com o cais exterior adjacente à edificação. Este espaço relaciona-se com os dois principais percursos que abraçam as vinhas deste setor nas suas diferentes altitudes, tornando bastante funcional a relação do espaço agrícola com o equipamento de produção de vinho.

Nesta área superior, para além do edifício da adega, destaca-se a presença de outra construção posicionada numa cota mais elevada. O pequeno edifício de xisto cravado no terreno terá estado votado ao abandono mas foi recentemente recuperado, passando a funcionar como capela e/ou sala de visitas.

Os Poços de Baixo têm duas entradas, respetivamente na parte superior e inferior, e organizam-se em torno do complexo construído do Solar. Este conjunto edificado situa-se numa cota inferior ao caminho central, numa posição contígua, e é formado pela casa principal, com capela incorporada, pelo antigo lagar de vinho, pela casa dos caseiros e por um terreiro organizado em duas plataformas que tiram partido do desnível do terreno.

Para a parte superior dos Poços de Baixo existe um portão posicionado num dos extremos Oeste e para a parte inferior existe outro portão, partilhado com as Liberatas. O segundo, quando considerada a Quinta no seu todo, parece posicionado no centro geométrico da propriedade privada, o que lhe confere uma presença central. Ligado a este portão existe um percurso que se desenvolve na linha de fronteira entre os Poços de Baixo e as Liberatas. Ao longo do percurso fixam-se três cardanhas que, entre espaços de arrumo e espaços abandonados, constituem a área menos desenvolvida da propriedade.

De realçar ainda, da totalidade da superfície cultivada da Quinta, o olival antigo, localizado no espaço adajcente ao percurso acima descrito, e o olival novo, ainda em fase de crescimento no extremo poente da propriedade, dois espaços fundamentais a considerar para a localização do equipamento de produção de azeite.



Fig. 10 - Vista dos Poços de Cima para o vale. À direita observa-se o olival velho existente nos Poços de Baixo.

1.2 VISITA AO LUGAR E ANÁLISE PROSPETIVA

Passeia-se na Quinta dos Poços e imaginam-se possibilidades para o projeto. É outubro. As vinhas apresentam um tom avermelhado que se esbate no verde das plantações conduzidas por esteios de xisto, elegantes. Ainda cheira a vindima. As oliveiras estão frondosas e carregadas de azeitonas ansiosas pela campanha que em breve decorrerá. A Quinta dos Poços encontra-se sã e plena de energia.

No âmbito da fase inicial da investigação procurou-se compreender o lugar e confrontá-lo com ideias embrionárias de projeto, tendo como principio regulador a organização do espaço da Quinta. Das várias visitas ao terreno, destaca-se uma das primeiras realizada com esse intuito, onde se procurou desenvolver uma experiencia real na circunstância.

Tal como diz o arquiteto Fernando Távora, a circunstância é fundamental para o desenvolvimento de qualquer forma e a sua compreensão será tanto mais completa quanto mais se transforme em vivência, não sendo suficiente um método intelectual de pura análise, ainda que este possa constituir uma forma de aproximação ao problema[1]. À luz das suas palavras, a circunstância é entendida como o *"conjunto de factores naturais e humanos (...) que envolvem o homem, que estão à sua volta e, porque ele é criador de muitos deles, a esses haverá que juntar os que resultam da sua própria existência, do seu próprio ser"*.[2]Evocando outra passagem do mestre português, jogando com a troca de duas palavras, poderá dizer-se que, assim como *"um bom"* azeite *"só poderá apreciar-se"* provando-o *"e não raciocinando sobre a sua fórmula química, assim uma forma só poderá compreender-se vivendo-a, bem como à sua circunstância e não apenas ouvindo descrições a seu respeito ou consultando suas reproduções"*.[3]

Através de um conhecimento profundo da circunstância almeja-se desenvolver um projeto integrado, ou por outras palavras, um *organismo* assente no equilíbrio entre as formas da arquitetura e as formas da paisagem ao invés de um *"frigorífico pousado numa colina"*[4]. Nesse sentido, realizou-se a referida visita a par de uma análise prospetiva, com vista à interpretação do lugar e ao estudo de quatro hipóteses de localização para o lagar:

A) Próximo da adega de vinho, nos Poços de Cima;
B) Próximo do solar, nos Poços de Baixo;
C) Junto ao caminho de ligação entre olivais principais, nos Poços de Baixo;
D) No percurso das Liberatas, no eixo de relação com o caminho principal.

---

1 |TÁVORA, Fernando (1993) *Teoria geral da organização do espaço: arquitetura e urbanismo: a lição das constantes*. Porto: FAUP Publicações. p. 22;
2 | Ibidem;
3 | Idem, p. 23;
4 | Citam-se duas expressões utilizadas pelo arquiteto Fernando Távora no texto que se segue à visita a Tallesin, quando quando se refere à *Casa Gropius* em Lincoln como "*frigorífico pousado numa colina*", por comparação aos "*organismos"* de *Wright*. TÁVORA, Fernando (1960) Diário *de Bordo da Viagem aos USA, 1960;*



Fig. 11 - Vista do olival velho para a quinta dos Poços de Cima. onde se pode observar o caminho de acesso à propriedade, a Adega de Vinho e as vinhas em patamares.

A) Próximo da adega de vinho - hipótese descartada

A Quinta dos Poços de Cima ocupa a cota mais alta da propriedade e estende-se praticamente até ao cume da montanha. Deste local obtém-se uma vista elevada sobre o vale do Douro, numa panorâmica enquadrada pela bacia que define este pedaço da encosta. A pendente acentuada do terreno orientado a Norte, impede, em algumas áreas, a exposição solar direta durante grande parte do dia. No entanto, a reflexão da luz na margem oposta proporciona uma luminosidade ténue e um ambiente tranquilo (Fig. 10).

Deste local, a configuração do terreno possibilita uma visualização total do espaço relativo aos Poços de Cima e às Liberatas, parte dos Poços de Baixo e ainda o caminho que rasga a propriedade em metades. Constata-se que as plantações, organizadas em socalcos e delmitadas pelos traçados existentes, cobrem a maior parte da superfície da Quinta. Procuram-se pistas para uma relação harmoniosa entre o novo equipamento e o território, mas perante o cenário observado torna-se difícil imaginar uma nova construção sem que ocorra uma intervenção agressiva na estrutura agrícola, e essa é uma preocupação presente.

A propósito desta premissa básica da arquitetura – arquitetura e lugar - Fernando Távora disse que *"a relação de um edifício com o seu sítio é de importância capital e embora normalmente, e sob o ponto de vista da dimensão, o sítio predomine sobre o edifício, a verdade é que este embora pequeno, pode destruir totalmente aquele, quando o que seria de desejar era a obtenção de um equilíbrio harmónico entre os dois elementos em presença"*.[5] No seguimento desta passagem, o mestre português enfatiza que se um mau edifício pode ser tolerado numa rua ou numa praça, onde estas dominem sobre ele, um edifício mal relacionado com o lugar pode destruir um enorme pedaço da paisagem e representar uma oportunidade perdida.

Em conformidade, se inicialmente se considerou desenvolver o lagar de azeite nos Poços de Cima, em relação direta com o caminho de acesso à propriedade, para facilitar questões logísticas e consolidar conjuntamente com a adega um núcleo de produção claro no âmbito da totalidade do espaço agrícola, rapidamente se confirmou que aquela zona não comportava uma nova intervenção, encontrando-se completamente preenchida. A obra recente de ampliação da adega e o trabalho de mecanização, modernização e desenvolvimento da vinha neste espaço não deixam margem para que se viabilize a implantação de um novo edifício (Fig. 11)

B) Próximo do solar - hipótese descartada

A diferença de nível entre o terreno dos Poços de Cima e o caminho principal, obrigam a que a saída se realize somente pelo portão existente próximo da adega. Passando o portão entra-se no caminho principal que contorna o edifício e que se liga, no sentido Este-Oeste, ao extremo oposto da propriedade. O percurso é ladeado por um muro de contenção à esquerda, desce de nível até à zona onde se situa o portão comum aos Poços de Baixo e Liberatas, enquadrado pelas oliveiras centenárias, passa perto de um poste de alta tensão

5 | TÁVORA, Fernando (1993) Op. Cit., p. 59;



Fig. 12 - Solar e casa dos caseiros.

posicionado numa cota inferior, e sobe até ao espaço onde se encontra o solar oitocentista.

A casa secular implanta-se num ponto elevado dos Poços de baixo, numa situação de destaque na paisagem, por forma a estabelecer um domínio visual sobre a propriedade e marcar presença no território. A casa do proprietário é por norma o elemento mais visível da estrutura de uma quinta duriense, tanto pela sua localização como pelo valor simbólico, e esta não é exceção.[6]

Neste local, o xisto caiado dos muros de suporte de terras e o branco das paredes da construção rural criam uma atmosfera distinta do restante espaço agrícola onde sobressaem as pedras de xisto em bruto. A casa secular ganha assim uma importância acrescida no contexto em análise e exerce uma presença forte no ambiente em que enquadra. (Fig. 12).

O caráter efémero das hortas presentes nos terrenos adjacentes ao solar e a sua importância reduzida no contexto produtivo da Quinta, induzem uma hipótese de projeto que ganha força pela proximidade ao caminho principal e pela relação que pode criar com o edificado existente. Perante esta situação surge como referência de projeto a Adega da Quinta do Vallado[7], localizada na margem oposta do rio e que, através de um gesto sensível e de uma simplicidade magistral, integra os edifícios pré-existentes com uma expressividade que valoriza tanto o complexo construído como a paisagem circundante.

Apesar da força desta ideia e do exemplo mencionado, o espaço livre disponível para edificar é escasso e a presença do complexo construído da casa secular é, por si só, um elemento marcante na paisagem. A experiência *in situ* tornou difícil conceber toda transformação do lugar inerente à edificação do novo equipamento, conduzindo a um progressivo abandono desta hipótese de projeto durante o decorrer da visita.

C) Junto ao caminho de ligação entre olivais - hipótese descartada

Do solar pode-se seguir pela mesma cota até ao extremo poente da propriedade, onde se situa o olival novo, caracterizado por um declive muito acentuado do terreno e pela vista para o Peso da Régua. As novas oliveiras, ainda com dimensões reduzidas, em breve serão o maior motor de produção de azeite da Quinta.

A partir do olival novo existe um caminho que se desenvolve no sentido Oeste-Este, conectando o extremo poente com o coração dos Poços de Baixo, imediatamente abaixo do solar (Fig. 13). Nesta zona, o caminho descrito liga-se de forma perpendicular ao eixo de acesso aos Poços de Baixo e Liberatas, com portão no caminho principal. Esse acesso é ladeado pelas oliveiras centenárias que formam o olival velho, onde a dimensão das copas e os troncos retorcidos não escondem a idade. A articulação entre os dois percursos é pontuada por um pequeno obelisco de tonalidade branca, com uma base trabalhada e uma cruz esculpida no topo, assente sobre um muro de xisto. O "*cruzeiro"*, como lhe chamam os produtores, posicionado justamente entre dois eixos fundamentais, enfatiza a importância deste espaço de charneira.

6 | COSTA, Natália (1999) *Quintas do Douro, As Arquitecturas do Vinho do Porto*. Dissertação de Mestrado em História da Arte, FLUP. p. 29;
7 | Obra da autoria do atelier Menos é Mais - Arquitetos Associados;



Fig. 13 - Percurso de ligação entre olivais. Espaço de charneira pontuado por um obelisco branco - o *cruzeiro*.

Tratando-se o projeto de um equipamento de produção de azeite, este espaço de charneira revela-se uma área estratégica para a localização do lagar, beneficiando da ligação entre olivais e da relação com o caminho principal pelas Liberatas. Nesse sentido ponderou-se edificar na área junto à dita ligação, mas isso implicaria abdicar de uma porção considerável de terreno de cultivo que, tal como se verifica na maior parte da propriedade, foi alvo de grande investimento por parte dos produtores. Esta zona encontra-se profundamente desenvolvida, podendo dizer-se que se trata de verdadeira *"Natureza ordenada pelo Homem"*.

"O Homem, desde sempre, impôs uma certa ordem à Natureza. Quando passamos por grandes extensões de cultura de oliveiras ou de vinhas traçadas à régua de acordo com uma implacável geometria que se adequa bem à topografia, o que contemplamos é a Natureza ordenada pelo Homem. A mesma ordem que o arquiteto estabelece ao desenhar racionalmente as cidades, desde a trama romana até à eficaz retícula de Manhattan".[8] Estas palavras do arquiteto Alberto Campo Baeza ilustram perfeitamente aquilo que é a paisagem construída do Douro. Trata-se por isso de uma questão basilar, o local onde situar o novo equipamento, sobretudo perante tamanho património e porque não foi definido por pelos clientes nenhum local específico para o fazer. O contexto da dissertação atribuiu esse encargo à investigação, o que consiste num fator de dificuldade acrescida.

A propósito desta possbilidade de escolha do local a edificar, o arquiteto espanhol diz, referindo-se às primeiras arquiteturas, que *"Essa operação tão arquitetónica da escolha do local não é mais que um reflexo da maior qualidade humana: a liberdade"*.[9] Este conceito aparece igualmente no discurso de Fernando Távora quando fala da intervenção ativa do Homem organizador do espaço, mas o arquiteto português destaca a responsabilidade associada ao ato organizador. *"E tal responsabilidade surge exactamente pelo facto de o homem saber que a organização do espaço, tendo de satisfazer e atender à circunstância, não é por esta «fatalmente determinada» - e daí a possível intervenção activa do organizador – e de saber ainda que uma vez organizado o espaço constitui igualmente circunstância. Estes dois aspectos, liberdade de escolha de formas, ainda que satisfazendo determinada circunstância, e consciência da importância do espaço organizado, devem estar na base da actividade do organizador do espaço"*.[10]

Em todo o caso, daqui infere-se que é preciso tomar uma atitude perante a circunstância apresentada. Apesar do potencial estratégico deste espaço de charneira, considerou-se que edificar junto ao caminho de ligação entre olivais originaria consequências negativas na estrutura da *"Natureza ordenada"* da Quinta e, como diz Campo Baeza,"*Em nenhum caso se pode falar de destruir a Natureza. Bem pelo contrário, trata-se de estabelecer uma relação adequada, lógica, baseada na razão"*.[11] Em concordância, admitindo que esta hipótese de intervenção não era a mais adequada para o contexto, então eliminou-se qualquer ideia de projeto relacionada com nova edificação nesta área.

8 | CAMPO BAEZA, Alberto (2013) *Principia Architectónica*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. p. 78;
9 | Ibidem;
10 | TÁVORA, Fernando (1993) Op. Cit., p. 24;
11 | CAMPO BAEZA, Alberto (2013) Op. Cit., p. 79;



Fig. 14 - Vista do conjunto arquitetónico e paisagístico em que se propõe intervir.

D) No percurso das Liberatas - hipótese adotada

Continuando pelo caminho que liga os olivais até ao percurso perpendicular com ligação ao caminho de acesso à propriedade, entra-se no setor das Liberatas. Esta parte da propriedade ocupa um espaço proeminente a meia-encosta, numa zona delimitada por linhas de água a nascente e a poente, e apresenta uma variação de cota de quase 100m.

O percurso mencionado, com orientação e declive Sul-Norte, identificado com a máxima importância para estruturação deste setor, é ainda o eixo de amarração de três casas que, devido ao seu caráter devoluto e localização, revelam um potencial latente para o desenvolvimento de um projeto (Fig. 14). Estas construções vernaculares em xisto foram outrora espaços de habitação com funções agrícolas associadas, mas atualmente encontram-se degradadas e sem funções reconhecíveis.

A primeira e maior do conjunto, orienta-se no mesmo sentido do percurso e localiza-se próxima do espaço de charneira entre olivais, numa área com cotas relativamente estáveis comparativamente com a envolvente próxima. A par da localização, que se revela adequada para a função de lagar de azeite, o estado de abandono faz da construção espaço disponível para uma nova utilização. Outro aspeto que reforça a viabilidade desta ideia prende-se com o facto de existir um alargamento considerável no percurso contíguo, o que permite pensar nas manobras de veículos implícitas à atividade de produção.

A segunda casa ocupa uma cota intermédia relativamente às restantes edificações, num sítio com pendente muito acentuada, e a terceira remata a ponta Norte do percurso existente. Neste extremo é possível usufruir de uma vista de 360º que permite um domínio do vale que é de realçar: a nascente vê-se o rio para além da Barragem da Régua; a Norte sente-se a proximidade da encosta na margem oposta; a poente observa-se o Peso da Régua, as suas 3 pontes e as montanhas distantes; a Sul domina-se praticamente toda a Quinta, numa panorâmica que abrange o território entre a primeira fila de oliveiras da nova plantação, a Oeste, e a adega de vinho, a Este.

A unidade reconhecida ao conjunto dos três fragmentos de arquitetura dispostos ao longo do mesmo percurso de forma equidistante, levam a considerar o crescimento do programa de projeto para além da produção de azeite, integrando-os numa estratégia conjunta de regeneração do espaço devoluto. Deste modo, o projeto do lagar pode organizar o espaço relativo à maior construção, para tirar partido da componente estratégica descrita, e gerar funções complementares a instalar na segunda e terceira construção, no âmbito de uma estratégia alargada de consolidação das Liberatas e valorização da Quinta.

Com a crescente convicção de que no projeto deverá constar a requalificação deste espaço edificado, retomam-se as questões subjacentes à intervenção ativa do organizador do espaço. A propósito, Távora infere *"que o homem tem de tomar uma atitude ao criar qualquer forma, quer porque não é obrigado a obedecer passivamente à cirucnstancia, quer até porque esta pode apresentar aspectos terrivelmente negativos e seria uma posição cobarde cultivar, tais aspectos em lugar de os combater, além de que o homem sabe, igualmente, que ao criar formas cria circunstância e a circunstância que ele cria*

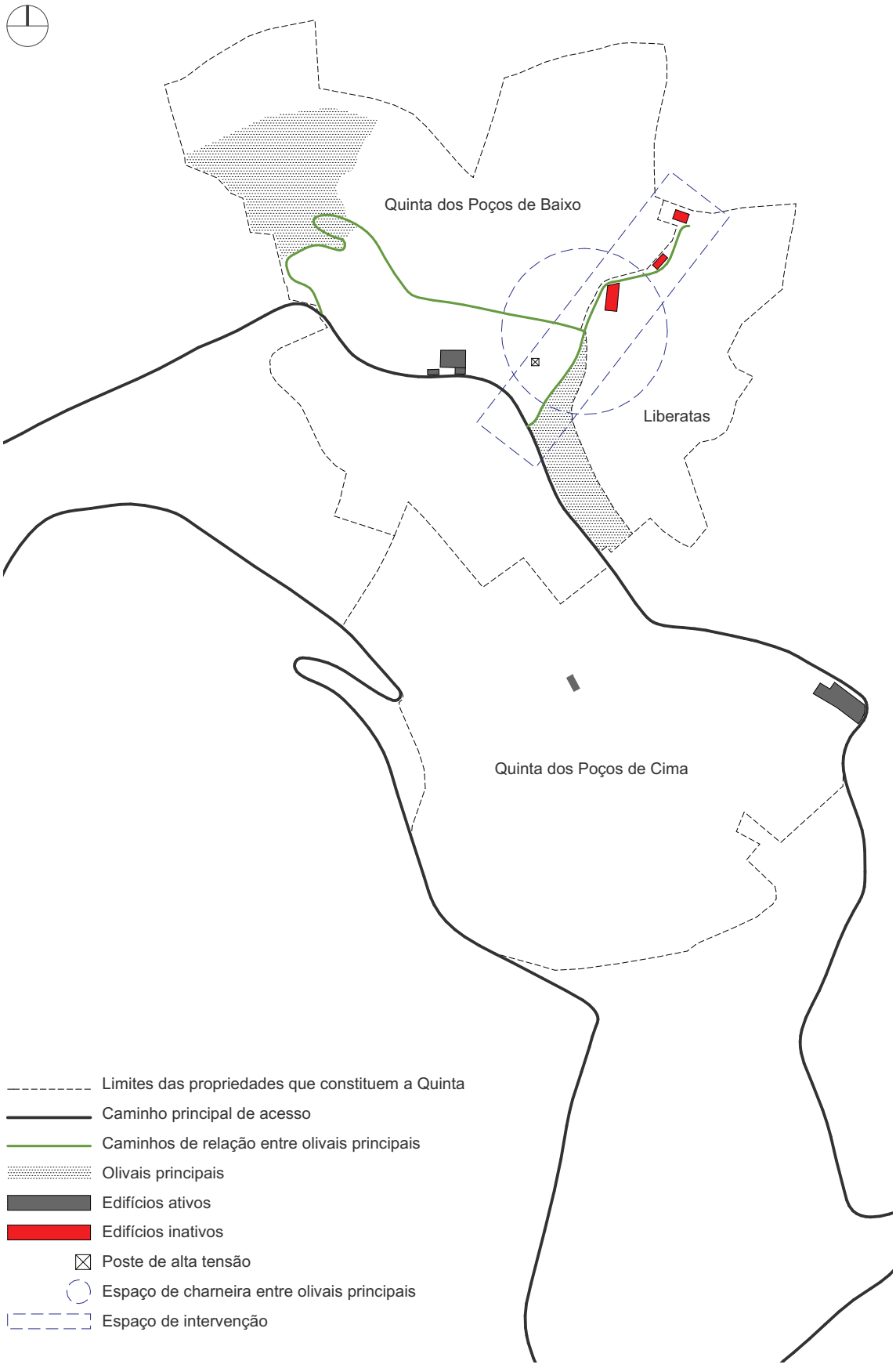


Fig. 15 - Planta síntese com análise prospetiva. Escala 1:5000

pode agravar esses aspectos ou pode melhorá-los".[12]

Assim, tendo em consideração o cenário projetado e o estado de degradação das três casas, ponderaram-se posturas limite de intervenção, alternando entre ações de ruptura e/ou continuidade com a arquitetura existente. Mas como o mestre português refere, *"A dificuldade da posição a tomar está exactamente em saber que porção da circunstância haverá que seguir e que porção haverá que esquecer ou mesmo contrariar; há, neste caso, duas posições limite e, porque limites, porventura inexistentes: ou seguir totalmente a circunstância ou nega-la totalmente".*[13]

A visita ao terreno proporcionou um contacto importante com a realidade do espaço de estudo e com as texturas humanizadas da paisagem duriense. A Quinta, enquanto paisagem e arquitetura, impregna nas suas superfícies a história, a vida e o trabalho das pessoas que por lá passaram segundo uma perspetiva de sedimentação histórica e de uma transformação continuada no tempo. A par da visita, a análise realizada (Fig. 15) constatou um desequilíbrio funcional na estrutura da propriedade, destacando-se as Liberatas como espaço por consolidar, sobretudo quando comparadas com os Poços de Cima e os Poços de Baixo. Os primeiros têm o espaço agrícola absolutamente estabilizado e têm na adega de vinho e na capela, ocasionalmente utilizada como sala de visitas, dois elementos dinamizadores do espaço. Para além destes dois edifícios, a própria ação das vindimas é uma atividade polarizadora do setor. Os segundos têm a sua estrutura igualmente definida e têm no complexo construído do solar, a habitação principal, a casa dos caseiros e outros espaços que dão vida à área envolvente. Contrariamente, nas Liberatas, o abandono das construções existentes e a falta de uma função reconhecível originam uma situação de indefinição que lhes retira força na circunstância estudada. Neste setor, o estado de degradação das três casas sugere uma paragem no tempo, aguardando por uma intervenção abrangente que as reintegre na atividade do caso de estudo. Nesse sentido, crê-se que o desenvolvimento da hipótese de projeto D) nas Liberatas é a que melhor se enquadra no âmbito da circunstância estudada e aquela que mais capacidade tem de oferecer uma resposta ajustada às necessidades reais da propriedade.

Pelas razões estratégicas mencionadas, conclui-se que o lagar pode localizar-se na área de charneira entre olivais e que pode usufruir do espaço disponível relativo ao maior dos edifícios abandonados, não sendo necessário interferir com a estrutura agrícola consolidada. Ao mesmo tempo, acredita-se que o equipamento de produção pode gerar outro tipo de funções e que essas podem servir para desenvolver uma estratégia alargada de reabilitação do espaço devoluto das Liberatas, consolidando-as com um programa ativo na Quinta. Nesse sentido, a intervenção pode englobar toda a área que corresponde à zona de influência do percurso que liga as casas e o olival ao caminho principal.

No seguimento desta ideia tornou-se necessário dialogar com os clientes para expor a análise realizada e avaliar a hipótese de intervir no setor identificado, tendo em vista o desenvolvimento de um projeto mais alargado do que aquele que inicialmente se previa.

12 | TÁVORA, Fernando (1993) Op. Cit., p. 24;
13 | Ibidem.

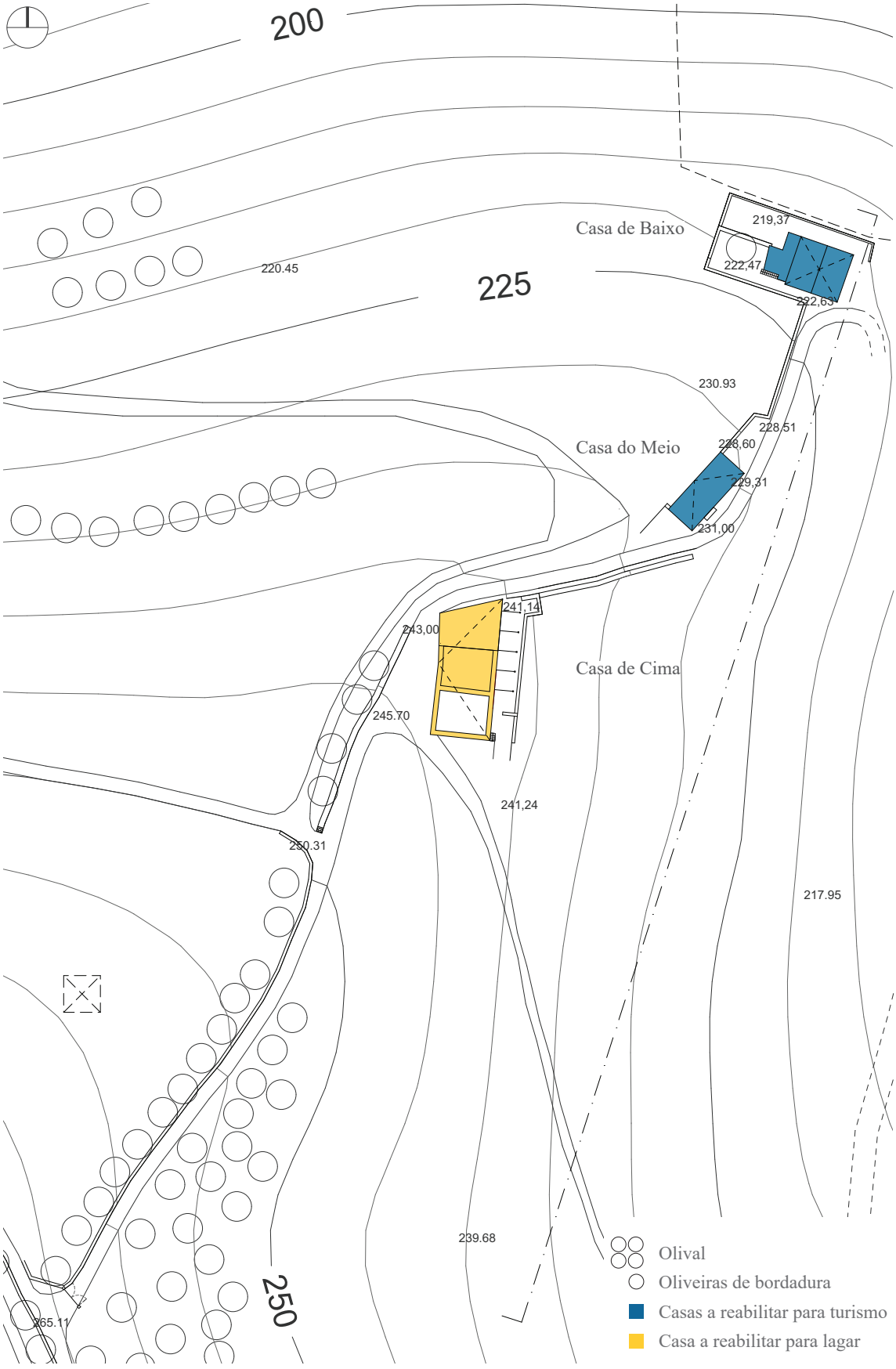


Fig. 16 - Planta do setor de intervenção à escala 1:1000. Para o desenvolvimento do trabalho, atribuíram-se nomes às casas do setor com base na sua posição no terreno: Casa de Cima, Casa do Meio e Casa de Baixo.

1.3 REUNIÃO COM O CLIENTE: DA AUTOPROPOSTA À ENCOMENDA

Depois da visita, agendou-se uma reunião com os clientes para apresentar o raciocínio acerca da melhor localização para o lagar de azeite, abordando ao mesmo tempo as carências identificadas na análise ao lugar. Com este contacto pretendeu-se introduzir uma dose de realidade na investigação, suscitando uma discussão do ponto de vista da sustentabilidade da Quinta, que teve como objetivo a realização de um projeto útil e rentável. A exposição partiu da consciencialização da falta de espaço livre para edificar, constatou a ruína de três edifícios nas Liberatas e referiu a importância do espaço de charneira entre olivais para localizar o lagar. Nessa lógica, apresentou-se a autoproposta de integração do equipamento na Casa de Cima e discutiu-se acerca da capacidade que este terá para gerar funções complementares de turismo, para contaminar a área envolvente e promover a regeneração do espaço devoluto que foi observado.

A reunião possibilitou o envolvimento dos clientes e gerou um consenso positivo acerca da localização estratégica do lagar na dita charneira e da correspondente integração no edificado existente. Ao mesmo tempo, gerou um debate acerca da reabilitação dos edifícios inativos em prol das necessidades da marca. Nesse debate, os clientes expressaram a vontade que há muito têm de recuperar as casas para desenvolver atividades de turismo, mostrando estar em sintonia com a ideia desenvolvida. No seguimento dessa vontade, considerando o grau de desenvolvimento do vinho da Quinta e antecipando a atração turística que o lagar poderá representar, considerou-se que o programa de produção podia ser complementado com outras valências programáticas que contibuissem para o aumento dos índices de rentabilidade da propriedade. Deste modo, a autoproposta evoluiu para uma encomenda de um projeto abrangente com lagar de azeite e equipamento complementar de turismo de degustação e alojamento, inserido no âmbito de um programa de requalificação do espaço edificado das Liberatas. Nesse sentido, se por um lado se definiu que o lagar seria integrado na Casa de Cima, por razões estratégicas de relação com os olivais e com o caminho principal, por outro definiu-se que as outras duas albergariam o programa complementar, tirando partido da sua condição paisagística priveligiada.

Também se refletiu acerca da necessidade de modificar a entrada no setor, atualmente marcada por um ângulo de viragem e pendente acentuados que dificultam o acesso de qualquer veículo, e sobre a necessidade de reestruturar o percurso existente. Para que se proporcione um acesso adequado, concordou-se em alargar o caminho e corrigir o seu traçado em zonas críticas, melhorando ao mesmo tempo a sua relação com o edificado.

Em suma, a encomenda de projeto de lagar de azeite e turismo visa o aproveitamento da arquitetura fragmentada das Liberatas e pressupõe a elaboração de um programa integrado nas pré-existências, ajustado à circunstância do caso de estudo. Definida a encomenda e o local do projeto, pôde-se avançar para o levantamento dos espaços a intervir, apresentado a seguir, que serviu de base para a construção do programa de uma forma detalhada. O facto de se lidar com arquitetura pré-existente suscitou ainda a reflexão acerca do desafio de intervenção em espaço construído, como se verá mais à frente neste capítulo.



Fig. 17 - *"La presencia de determinados edifícios tiene, para mi, algo secreto. Parecen simplemente estar ahí. No se les depara ninguna atención especial, pero sin ellos es casi imposible imaginarse el lugar donde se erigen. Estos edifícios parecen estar fuertemente enraizados en el suelo. Dan la impressión de ser una parte natural de su entorno, y parecen decir: «Soy como tú me ves, y pertenezco a este lugar»".* ZUMTHOR, Peter (2014) Pensar la Arquitectura. 3ª edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. p.17.

1.4 PERCURSO E FRAGMENTOS DE ARQUITETURA: LEVANTAMENTO E ESTUDO DO EXISTENTE

> *"Na Liberata o rio enche-se de prata. Os pássaros trauteiam Mozart por entre os ruídos do silêncio e a quietude das parras com que se vestem os bardos, desenhados como pautas musicais à espera das notas com que há de tocar-se a sinfonia de Setembro que acompanha o parto das uvas – A vindima.*
>
> *Entretanto o sol cálido, o choro das nuvens, o suor dos homens e das mulheres foram cúmplices no ato de amor e na gestação do ministério da fé duriense.*
>
> *Liberata é o sítio das plantas libertadas, uma espécie de Jerusalém dos Poços. Muito provavelmente o conjunto das parcelas de terra liberta para o plantio. E o plantio deu-se, e as vinhas deram vida às vidas que aí cresceram de geração em geração, bordejadas de oliveiras erguidas a rezar a um rio que não para de correr".*[1]

As três casas que se erguem por entre as vinhas e oliveiras das Liberatas, apesar do progressivo estado de degradação, subsistem como fragmentos na paisagem. O abandono dos espaços conduz a uma lenta apropriação da Natureza que espontaneamente age sobre as estruturas antigas, poder-se-á dizer, como o Homem age quando se instala em determinado espaço e o adapta às suas necessidades. Durante o processo de apropriação, tanto por via da lógica como por via de uma ação natural, os elementos efémeros e mais frágeis são suprimidos (madeiras e tintas) e os elementos perenes (pedra) são absorvidos e consolidados. Da ligação intrínseca que se cria entre os materiais da construção e as matérias da Natureza, resulta uma atmosfera nostálgica com lembranças do que outrora terão sido estes fragmentos, que é tanto maior quanto o grau de ruína em que se encontram.

Os fragmentos, de construção modesta em xisto e cobertura em telhas de barro, são memória de vidas passadas e de um certo modo de construir na região. Num período de escassez de recursos e de técnicas construtivas rudimentares, os materiais da construção eram aqueles que a natureza providenciava. As exigências de conforto não eram as mesmas das atuais e a relação dos homens com a terra era muito mais próxima e necessitada. O conjunto destes fatores dava origem a um tipo de arquitetura de natureza humilde e de caráter contextual, com forte ligação aos lugares[2]. A simplicidade desta arquitetura vernacular é visível tanto na configuração construtiva dos próprios edifícios como na forma como

1 | BRAGA-AMARAL, José (2011) *Quinta dos Poços. 300 Anos de História*. Porto: Pagella. p. 53;

2 | *"(...) é vernácula uma arquitectura do povo, feita pelo povo, em que há uma ligação tradicional e herdada entre o homem e o meio (...)"*. ROSETA, Helena (2004) *Prefácio da 4ª Ed. Inquérito à Arquitectura Portuguesa*. In: AFONSO, João, MARTINS, Fernando, MENESES, Cristina (ed.) (2004) *Arquitectura Popular em Portugal.* Lisboa: Ordem dos Arquitectos. p. V;

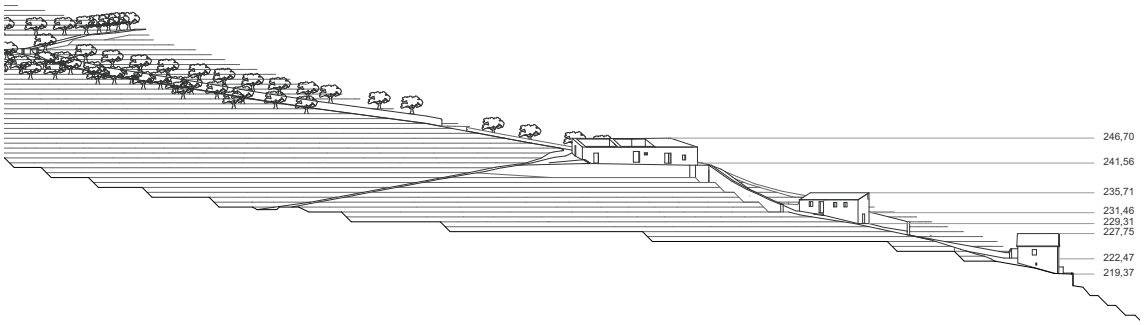


Fig. 18 - Perfil do setor de intervenção com o percurso, o olival e as casas de Cima, do Meio e de Baixo.

se implantam no meio natural, através de operações elementares de domesticação da topografia. Partindo de necessidades básicas de segurança e da rentabilização máxima dos recursos à disposição, os antigos tiravam partido do lugar e de um modo hábil[3] inseriam as construções em zonas abrigadas do vento e das intempéries, assim em como em zonas com vista privilegiada. Não existia propriamente um modelo a seguir, mas sim um modo de atuar e de ler o sítio, que variava de região para região. Dessa metodologia decorria uma forma de construir que se adaptava às diferentes necessidades de uso (seja para habitação, produção, armazenagem, entre outros) ao clima e à morfologia do terreno[4], dando origem a diversas variações tipológicas[5]. Trata-se de uma arquitetura pragmática e duradoura que resolve com o mínimo de complexidade as necessidades dos homens e a sua relação com os lugares[6].

Aquando da visita de Fernando Távora a *Tallesin* em 1960, o arquiteto português disse que *"a paisagem sem ser grandiosa é grande e os edifícios sem serem grandes sentem-se perfeitamente na paisagem, sem, de qualquer modo, a desvalorizarem"*. Emocionado com o primeiro contato, Távora diz que a ideia inicial de Tallesin como construção se desfez no seu espírito e que *"Tallesin é uma paisagem, (...) um conjunto, em que é porventura difícil distinguir a obra de Deus da obra dos Homens"*.[7] Não querendo comparar *Tallesin* ao caso de estudo, poder-se-á dizer que a mesma ideia se aplica aos fragmentos observados nas Liberatas. Quando vistos de longe, parecem fazer parte da envolvente natural pois formam um conjunto indissociável da paisagem. Quando observados de perto, as superfícies e os materiais parecem impregnar o contexto onde estão imersos. De estrutura simples e risco anónimo, as casas são como são e pertencem àquele lugar.

Da mesma forma, o percurso que as interliga é outra parte integrante do lugar. De traçado bem definido e com caráter aglutinador, o percurso estrutura o território e define as relações que as casas estabelecem entre si, assim como com a Quinta. A partir deste caminho em terra batida desenvolvem-se caminhos secundários de relação com outras áreas da propriedade e o acesso às três edificações. O acesso é feito de forma direta nas casas de baixo e por via de uma plataforma de nível na Casa de Cima, posicionada de "costas" para o referido caminho (Fig. 22). Por causa do declive acentuado, o percurso é, por um lado, delimitado por muros de xisto de suporte de terra (Fig. 20) e, por outro, sobrelevado em

3 | *"Falemos de casas, do sagaz exercício de um poder tão firme e silencioso como só houve no tempo mais antigo"*. HÉLDER, Herberto. In: ROSETA, Helena (2004), Op. Cit., p. V;

4 | *"There is much to learn from architecture before it became an expert´s art. The untutored builders in space and time (...) demonstrate an admirable talent for fitting their buildings into the natural surroundings. Instead of trying to conquer nature, as we do, they welcome the vagaries of climate and the challenge of topography"*. RUDOVSKY, Bernard (1965) *Architecture without architects: a short introduction to non-pedigree architecture*. Nova Iorque: MOMA - Museu de Arte Moderna. p. 3;

5 | *"The use of a single building type does not necessarily produce monotony. Irregularity of terrain and deviations from standard measurements result in small variations which strike a perfect balance between unity and diversity"*. Idem, p. 56;

6 | *"Trata-se de tipos de soluções de uma mínima complexidade lógica em que a única forma resolve simultaneamente, ainda que de modo muito elementar, uma multiplicidade de questões. A forma do material, da estrutura, do espaço, do isolamento térmico, etc., etc., são em realidades corolários indiferenciáveis de um único modelo, estabilizado por una experiência acumulada ao longo de uma civilização"*. SOLÀ-MORALEZ, Ignasi (1982) *Teorías de la Intervención Arquitectónica.* (Weblog) Cuatro Cuadernos- escritos sobre arquitectura y patrimonio. 16 , Abr 2015;

7 | TÁVORA, Fernando (1960) Diário *de Bordo da Viagem aos USA, 1960.* In: SIZA, Álvaro (ed.) *Diário de "bordo"*. Matosinhos: Associação Casa da Arquitectura;



Fig. 19 - Portão de entrada no setor a intervir.



Fig. 20 - Troço inicial do percurso, junto ao olival velho.



Fig. 21 - Troço do percurso entre o olival velho e a Casa de Cima.



Fig. 22 - Alargamento do percurso na zona contígua à Casa de Cima.

relação a terrenos contíguos (Fig. 21 e 22). Apesar das grandes diferenças de nível e da irregularidade do traçado, o percurso garante a irrigação desta área da propriedade, sendo por isso central para a organização dos espaços do projeto.

Perante o contexto em análise e tendo em conta a a encomenda, as novas funções requerem, naturalmente, um funcionamento distinto das pré-existências e uma reestruturação do percurso existente. É importante fazer esse exercício de imaginação e perceber como pode funcionar o novo projeto[8]. Mas antes disso, e para que o novo possa encontrar o seu lugar, é importante conhecer o contexto em que se intervém.

Num projeto desta natureza, o tipo de intervenção deve resultar do diagnóstico e da reflexão acerca da qualidade arquitectónica e do estado de conservação do construído, mais ou menos transformado. Nesse sentido, previamente ao projeto e ao próprio programa, foi realizado um levantamento do espaço edificado (disponível no Anexo 4) com recurso a medições lineares e por triangulação, com fita métrica e laser. As medições efetuadas foram complementadas com uma planta topográfica da região, tornando possível obter uma visão abrangente do território, com informação altimétrica e indicação das construções, ruas, caminhos e linhas de água. Com base na informação reunida desenvolveu-se um modelo digital dos espaços de intervenção - uma espécie de maqueta virtual com caráter operativo - que constituiu um instrumento de trabalho fundamental para o processo de compreensão do território e para o desenvolvimento posterior das soluções de projeto.

O conjunto destes elementos representa um esforço de apreensão do real que, apesar de tudo, é difícil de medir e representar na íntegra devido às irregularidades das construções e aos desníveis do terreno. Por esse motivo, não foi possível representar nos desenhos de levantamento e no modelo digital toda a riqueza, texturas e imperfeições das construções que, apesar de subtis, constituem matéria importante para o desenvolvimento de novas soluções arquitectónicas. Em contrapartida, a experiência *in situ* e o exercício de levantamento possibilitaram desenvolver uma análise para além da medida, explorada sob a forma de registo impressivo da realidade. Nos textos que se seguem associou-se ao material de levantamento um estudo da arquitetura existente, que tenta captar e colocar por escrito as pequenas nuances de cada edificação, as características comuns, as diferenças e as particularidades enquanto arquitetura do Douro. A par deste estudo, a fotografia revelou-se importante, pois permitiu captar outro tipo de informação que não se registou nos desenhos e modelo digital. As fotografias apresentadas são sensíveis a essa procura, tentando captar o caráter e o estado de preservação de cada fragmento.

A Casa de Cima apresenta características da *Casa Típica da Sub-região C das Beiras*[9] e desenvolve-se de forma horizontal com compartimentos sem ligação, dos quais se realça a divisão central com lagar e pipas de vinho. A do meio, situada numa cota intermédia,

---

8 | "Com cada nuevo edifício se interviene en una determinada situación histórica. Para la calidad de esta intervención, lo decisivo es si se logra o no dotar a lo nuevo de propriedades que entren en una relación de tensión com lo que ya está alli, y que esta relacion cree sentido. Para que lo nuevo pueda encontrar su lugar nos tiene primeiro que estimular a ver de una forma nueva lo preexistente". ZUMTHOR, Peter (2014) *Pensar la Arquitectura*. 3ª edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. p. 17;

9 | Mapas tipológicos de Trás-os-Montes e Alto Douro e das Beiras. In: AFONSO, João, MARTINS, Fernando, MENESES, Cristina (ed.) (2004) *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos. pp. 214-258;

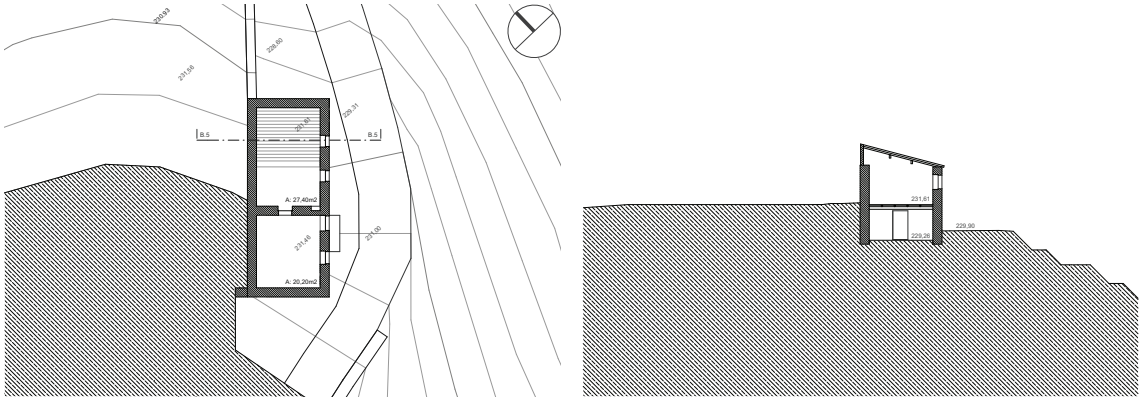


Fig. 23 - Casa do Meio, a transformar para turismo. Planta à cota 233 (piso superior) e corte transversal. Escala 1:500

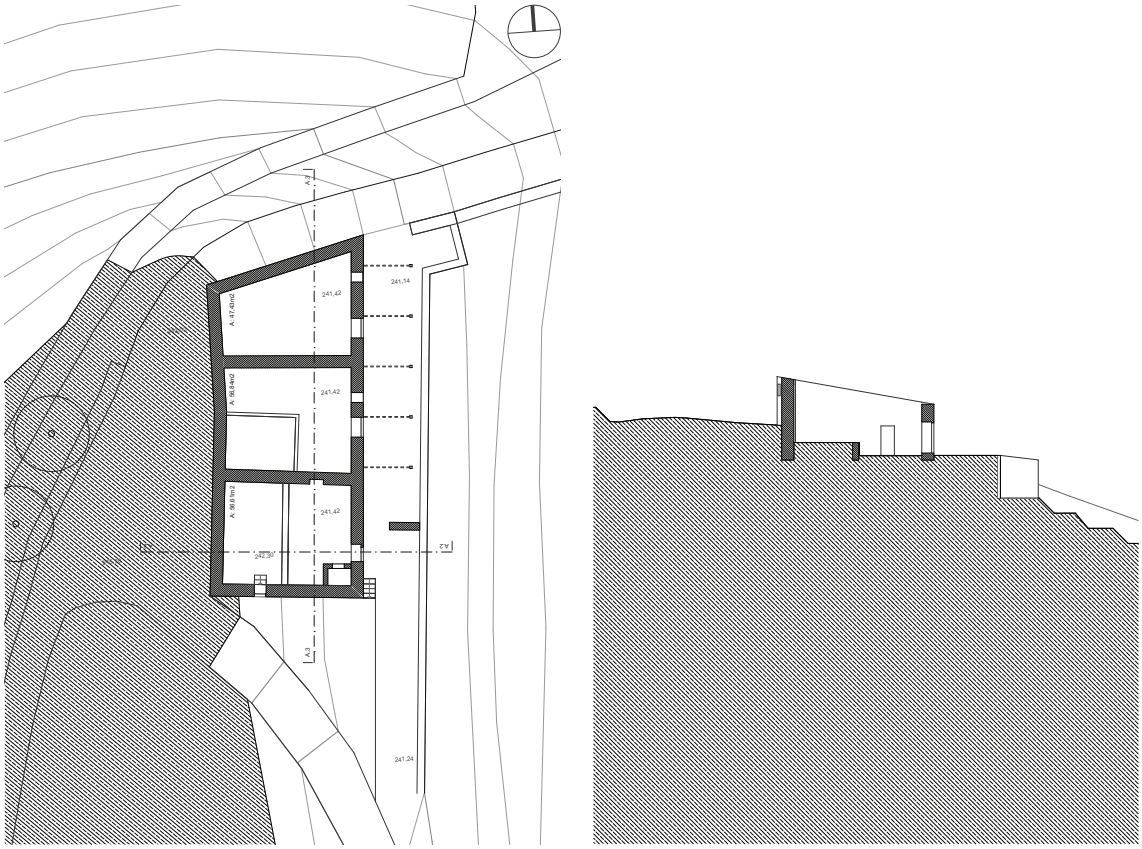


Fig. 24 - Casa de Cima, a transformar em lagar. Planta à cota 242,80 e corte transversal. Escala 1:500

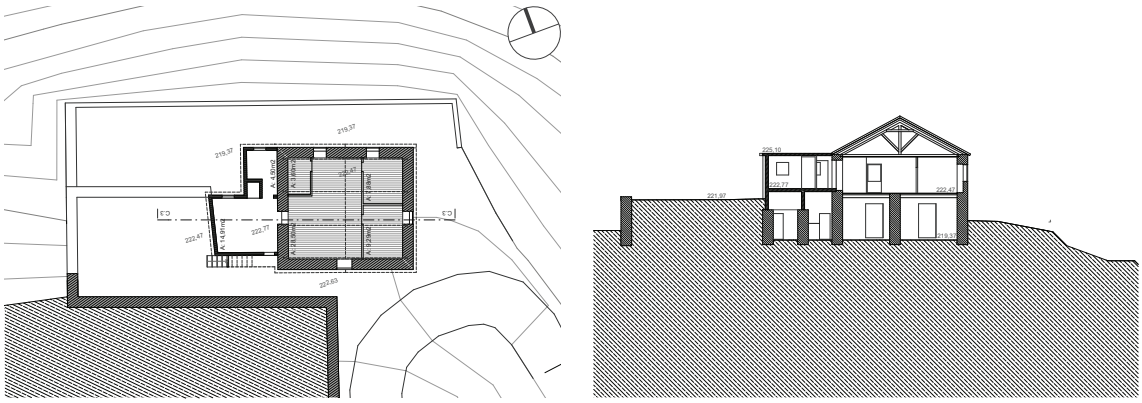


Fig. 25 - Casa de Baixo, a transformar para turismo. Planta à cota 224 (piso superior) e corte longitudinal. Escala 1:500

é uma *Casa de 2 Pisos*[10] formada por dois compartimentos no andar superior e por um compartimento no andar inferior, relacionado com a guarda de gado. A de baixo, também de dois pisos mas com telhado de duas águas, assemelha-se à *Casa Típica da Sub-região B das Beiras*[11] e aparenta ser a mais recente do conjunto. Esta última é constituída por duas construções acopladas (uma em xisto com revestimento de cal e outra em bloco de cimento com argamassa) cujas técnicas construtivas evidenciam períodos de edificação diferentes. O contraste entre as duas torna-se por demais evidente pelo telhado da primeira e a cobertura plana da segunda.

As três casas apresentam linhas simples, com janelas e portas com formato elementar, sem quaisquer elementos decorativos. Destaca-se a Casa de Baixo, pela tonalidade branca do revestimento exterior em cal quase intacto. As duas restantes ainda apresentam vestígios brancos sobre a pedra, o que indica terem sido igualmente revestidas, mas esses são praticamente imperceptíveis. A ausência de cal expõe o aparelho irregular formado por pedras com dimensões variadas.

O xisto é a pedra mais utlizada na região e isso reflete-se nas construções da propriedade, assim como nos muros. O granito é outra pedra bastante utilizada, geralmente com caráter mais nobre, sendo por isso empregue em situações de maior esforço estrutural, tais como cunhais ou padieiras, e em situações com características decorativas[12]. A presença do granito pode ser observada nos vãos da adega de vinho e no solar, onde as cantarias assumem uma função decorativa, sendo deixadas sem reboco e apresentando alguns elementos ornamentais, mas não se observa nas casas em estudo. Do conjunto das três edificações em xisto, sobressai apenas um janelo em granito na Casa de Cima.

As paredes das casas apresentam uma espessura média de 70cms, o que representa uma característica típica da região. Esta espessura elevada contribuiu para atenuar os efeitos da grande amplitude térmica que se faz sentir, dotando-as da capacidade de conservar no interior a frescura do verão e o calor do Inverno. A cal, por outro lado, para além de refletir os raios solares e contribuir para um maior arrefecimento do espaço nos picos do calor, exercia uma função sanitária ao afastar os insectos das habitações.

Observe-se agora cada casa de forma particular.

A Casa de Cima é a maior das três construções (com uma área bruta de 224 m2) e implanta-se na direção Sul-Norte. Apresenta uma planta retangular quase regular (com um comprimento máximo de 24m e uma largura de 10m) quebrada por um maior ângulo da parede Norte e por uma pequena quebra na parede Oeste. A volumetria é definida pelo telhado de uma água no sentido da pendente da encosta. Quando observada a partir de cotas mais altas, constata-se o diferente grau de conservação dos três compartimentos constituintes: a divisão sul, já sem cobertura e exposta ao exterior, é a mais deteriorada; a divisão central, com cobertura abaulada e esburacada, ameaça um colapso iminente; a divisão Norte, recentemente recuperada com um novo telhado, evidencia-se das demais.

10 | Idem, p. 241;
11 | Idem, p. 258;
12 | COSTA, Natália (1999) *Quintas do Douro, As Arquitecturas do Vinho do Porto*. Dissertação de Mestrado em História da Arte, FLUP. p. 85;



Fig. 26 - Topo Norte e relação com percursos contíguos.



Fig. 27 - Fachada Sul.



Fig. 28 - Fachada Oeste.



Fig. 29 - Frente Este com videira em ramada.



Fig. 30 - Compartimento central com apetrechos vinícolas e cobertura muito danificada.

A cota do piso nivela-se pela plataforma do lado nascente, por onde se acede, fixando o interior abaixo do percurso exterior, mais alto. O encaixe no terreno determina o fecho para poente e a a abertura para nascente.

A parede voltada para o percurso apresenta particularidades que parecem indicar três fases de construção (Fig. 28). Da direita para a esquerda, constata-se que o primeiro terço é constituído por um aparelho com pedras maiores no cunhal e com dimensões variadas na restante extensão. Para além disso, existe uma fiada de telhas de pedra entalada sob o xisto que define a cércea máxima da ruína, rematada com telhas de aba e canudo com argamassa. Observando o terço central, nota-se a existência de uma quebra no aparelho lançado no primeiro terço e na respetiva direção, assim como conjuntos de pedras maiores nos extremos, sugerindo antigos cunhais. No último terço, destaca-se o único vão deste alçado, com formato horizontal e caixilharia metálica amarela, e um acabamento superior em cimento correspondente ao telhado recuperado.

No lado nascente a casa relaciona-se com o exterior através de cinco vãos diferentes (Fig. 29): da esquerda para a direita existem duas portas, um janelo, outra porta e uma janela. Nesta fachada destaca-se o extremo correspondente ao compartimento Norte com beiral e ainda uma porta e caixilharia metálica amarelas que contrastam com os restantes vãos. Esses encontram-se semicerrados com portas e portadas em madeira muito danificadas. Esta frente da construção possui ainda uma videira em ramada, segura por uma estrutura em ferro cravada na parede e por um conjunto de esteios, e um pequeno muro de granito e xisto que, no conjunto, definem uma atmosfera particular fortemente ligada à terra e à agricultura, bem diferente dos restantes lados da edificação.

Ao contrário das duas outras casas, as divisões interiores não estabelecem qualquer relação entre si, ligando-se apenas com o exterior. O compartimento Norte é utilizado como área de arrumação e destaca-se por ser o único espaço verdadeiramente encerrado e utilizado. A sua recuperação representa um esforço recente dos proprietários que não foi possível concretizar na íntegra, permanecendo 2/3 da casa em ruína. O compartimento Sul distingue-se dos demais por integrar um desnível com 90cm, com ligação ao vão Sul, onde também existe a ruína de um forno em pedra e restos de uma estrutura em madeira nivelada pela cota superior. Neste compartimento importa realçar a existência de um vão na parede contígua ao compartimento adjacente, com 1/4 da profundidade da mesma. O compartimento central encontra-se preenchido por velhos apetrechos vinícolas onde se pode ler, numa das pipas, uma inscrição com o ano de 1974. Esta data revela a paragem da edificação no tempo, clamando por um novo programa que a traga do passado e a reanime com competências que sirvam as necessidades do presente.

Da estrutura irrecuperável do telhado da divisão central (Fig. 30) é possível perceber como era o vigamento da cobertura em telha-vã[13]: existia uma viga principal transversal à casa, sobre a qual assentavam duas vigas menores no sentido oposto, varas e um tabuado espaçado onde pousavam as telhas. Já na divisão sul, a principal viga e única intacta, tem uma disposição longitudinal à casa, sugerindo uma estrutura semelhante à do

13 | Termo utilizado para telhados sem forro. Neste caso, este é visível pelo interior, o que ajuda à ventilação do espaço;.



Fig. 31 - Topo Sul com cércea baixa.



Fig. 32 - Topo Norte com cércea de dois andares e fachada Oeste com paramento em bloco de cimento.



Fig. 33 - Perfeita integração da Casa do Meio na encosta.



Fig. 34 - Fachada Este e relação com a Casa de Cima.



Fig. 35 - Compartimento maior do andar superior: piso em tabuado, cal nas paredes e vigamentos da cobertura.

compartimento central mas com orientação diferente dos vigamentos principais.

A Casa do Meio é a mais pequena do conjunto (com uma área de implantação de 71m2 e uma área bruta de 95m2), posiciona-se a meia distância e entre cotas das outras duas casas e dispõe de planta retangular no sentido Sudoeste-Nordeste. Tal como a primeira, também se caracteriza por um telhado de uma água no sentido da pendente do terreno e também se apresenta encastrada na encosta (Fig. 33). A morfologia do terreno dita o posicionamento dos vãos na parede voltada para o vale, relativos aos dois compartimentos comunicantes do piso superior (Fig. 34). O piso inferior dispõe de dimensões muito reduzidas, encontra-se semienterrado e tem uma única porta de ligação com o exterior, a Norte. O interior ainda apresenta algumas superfícies caiadas (Fig. 35).

A inclinação acentuada do terreno origina uma cércea máxima pouco expressiva no topo Sudoeste (Fig. 31), com cerca de 2,5m, e uns consideráveis 6m de altura no topo oposto (Fig. 32), possibilitando a existência do referido piso inferior com pé direito reduzido. O compartimento inferior relaciona-se com uma estrutura precária de madeira e chapa ondulada coberta por toldos, que atualmente serve de galinheiro. A porta branca e os vestígios de cal exterior fortalecem a ideia de que terá sido toda pintada na mesma cor.

O alçado nascente é o mais característico (Fig. 34): da esquerda para a direita é constituído por uma janela, uma porta e mais duas janelas, encerradas por elementos em tabuado de madeira muito danificados. As três janelas tem sensivelmente o mesmo formato, alinhamento e dimensão, destacando-se a porta de entrada virada para o percurso. A cota elevada da soleira obriga à existência de um patamar de mediação com a cota exterior. Os vãos são definidos por duas pedras de padieira em xisto, uma de peitoril e uma de soleira. As laterais sem ombreira são rematadas em cimento. Os vãos são pequenos e insuficientes para iluminar a casa durante o dia, servindo apenas durante as primeiras horas da manhã. O espaço interior é por isso escuro, tornando-se desconfortável.

Contrariamente ao anterior, o alçado poente é cego, no entanto, demonstra uma importante alteração volumétrica da construção (Fig. 32). A parede correspondente é constituída por um plano inferior em xisto, nivelado pela parede nascente, e por um plano superior mais recente em bloco de cimento, que dobra para os alçados dos topos. Analisando atentamente o aparelho dos mesmos, percebe-se uma linha inclinada que separa pedras maiores, em baixo, doutras mais pequenas, em cima, sugerindo a anterior existência de um telhado de duas águas. Com estes dados comprova-se que o assentamento dos blocos elevou a cércea do lado poente e transformou a cobertura antiga no telhado que hoje existe.

Dentro da construçao, o cobrimento em cal das paredes também torna percetível a configuração antiga do telhado, uma vez que os bloco de cimento e o xisto mais recente não se encontram pintados. Esta modificação alterou significativamente o pé direito interior, tornando-o mais alto. Aqui destaca-se o piso tabuado face ao pavimento em terra, localizado sobre o único compartimento do piso de baixo. A estrutura de madeira do telhado, abaulada e a precisar de intervenção, encontra-se segura por dois prumos de madeira encurvados, apoiados no mesmo tabuado, que suportam os vigamentos de forma improvisada (Fig. 35). A estrutura é frágil e encontra-se muito danificada.



Fig. 36 - Fachada Sul de frente para o percurso.



Fig. 37 - Fachada Norte com dois andares, construção anexa em bloco de cimento e socalco em xisto,



Fig. 38 - Posicionamento da Casa de Baixo numa zona proeminente da encosta, com grande destaque no vale,



Fig. 39 - Divisão maior do andar superior, com teto de camisa e saia branco e paredes pintadas de verde.



Fig. 40 - Sistema de duas asnas de suporte da cobertura. Fotografia tirada a partir do compartimento sem teto.

A Casa de Baixo situa-se no final do percurso após uma zona de pendente acentuada, sendo a de mais difícil acesso. Do conjunto edificado, é a construção melhor conservada e a mais privilegiada em termos de enquadramento paisagístico, abrindo-se para o vale nas suas quatro frentes. A construção implanta-se no extremo Norte da Quinta, num cabeço proeminente, destacando-se na encosta (Fig. 38). Possui planta quadrangular, um telhado de duas águas, 79m2 de área de implantação e 145m2 de área bruta. A vivacidade da cal confere-lhe uma identidade singular, marcada por uma textura que funde as assimetrias do aparelho de pedra com o revestimento branco marcado pelo tempo (Fig. 36).A Oeste existe uma construção mais recente e duas plataformas desniveladas (2,6m), delimitadas por muros de xisto, onde existe algum cultivo.

A casa encaixa-se no terreno por força da pendente da encosta, havendo um piso inferior semienterrado voltado a Norte, nivelado pela plataforma de onde se ergue a construção (Fig. 37). O piso superior nivela-se pela cota do percurso que chega de Sul, de frente para a entrada (Fig. 36). Deste lado lê-se somente um piso e o alçado é marcado pela configuração da cobertura e pela porta de entrada (almofada) alinhada pela cumeeira. No alçado posterior já se leêm os dois pisos, existindo duas janelas (de peito, com folhas de abrir e portadas exteriores) no andar superior e duas portas de madeira no andar inferior.

Nos compartimentos inferiores, não comunicantes, os madeiramentos de suporte do piso estão bastante deteriorados, oferecendo poucas condições de segurança. Nestes espaços destacam-se as vigas de madeira transversais aplicadas sem grandes cuidados, que invadem o espaço do compartimento adjacente de forma descontrolada, e um pequeno rasgo vertical na parede nascente do compartimento maior. As paredes ainda mantêm parte da pintura branca. No andar superior, o espaço divide-se em quatro compartimentos: um maior (Fig. 39), com a porta de entrada, a porta de ligação ao anexo e uma janela; dois menores, relativos a um quarto e casa de banho com janelas; e outro muito pequeno sem aberturas, a partir de onde se pode visualizar a cobertura. Com exceção do último, o piso encontra-se coberto por um teto de camisa e saia[14], que atribui ao andar um pé direito baixo (Fig. 39). As paredes divisórias em tabique (de fraca qualidade) encontram-se pintadas com cores diferentes, assim como as paredes de pedra. O jogo cromático varia entre o verde-claro na divisão central e o cor-de-rosa nas divisões menores.

A cobertura em telha de marselha assenta sobre uma estrutura tradicional em madeira que pousa nas paredes estruturais. Tratando-se de um vão considerável, sobretudo quando comparado com o das casas anteriores, o telhado é de duas águas e suporta-se por duas asnas (Fig. 40). Estas são constituídas por linha, pernas pendural e escoras, sobre o qual pousam as madres, a fileira, e posteriormente as varas e as ripas. A estrutura evidencia um caráter tosco. As asnas são as peças mais características e as que se encontram melhor conservadas. As varas estão encurvadas, a cobertura está abaulada e faltam telhas. No conjunto, a cobertura encontra-se enfraquecida e a precisar de uma intervenção.

14 | Sob a estrutura do telhado era normal colocar-se um forro de madeira para ajudar a isolar a habitação e conferir melhor acabamento ao interior. O teto em madeira é tradicional na região do Douro e no Norte de Portugal. A técnica mais simples é o chamado teto de camisa e saia, que consiste na sobreposição alternada de tábuas de madeira.

"In my beginning is my end. In succession

Houses rise and fall, crumble, are extended,

Are removed, destroyed, restored, or in their place

Is an open field, or a factory, or a by-pass.

Old stone to new building, old timber to new fires,

Old fires to ashes, and ashes to the earth

Which is already flesh, fur and faeces,

Bone of man and beast, cornstalk and leaf.

Houses live and die: there is a time for building

And a time for living and for generation

And a time for the wind to break the loosened pane

And to shake the wainscot where the field-mouse trots

*And to shake the tattered arras woven with a silent motto" **

***ELIOT**, Thomas Stearns (1943) *The four Quartets*. Califórnia: Harcourt.

1.5 SOBRE O DESAFIO DA INTERVENÇÃO NO CONSTRUÍDO

Olhando para o caso de estudo pode dizer-se que o desafio da intervenção consiste, primeiramente, num problema de organização do espaço[1] e não numa mera ocupação da arquitetura existente, apesar desta poder ser interpretada como espaço disponível para a implementação e desenvolvimento do programa de regeneração daquele setor. Dessa forma procura-se, através do projeto, a formação de um todo novo equilibrado, assente numa perspectiva de (re)organização da realidade apresentada.

Por se tratar de uma ação sobre estruturas rurais antigas, importa realçar a ideia de colaboração vertical[2]. Quer-se com isto dizer que o projeto que se propõe ultrapassa a dimensão de uma geração, interligando homens e arquiteturas de períodos diferentes, e que se enquadra numa visão de continuidade e transformação ativa do território ao longo do tempo. Por esse motivo, o desafio trata igualmente um problema de relação entre tempos distintos e um problema da arquitetura com o próprio tempo, que Távora classifica como *"(...) factor fundamental e não apenas como dimensão de observação mas como dimensão da própria obra, sabido como é que um edifício tem uma vida – tal como a pintura ou uma escultura – (...) que o alteram como espaço organizado"*.[3] Um tempo que é irreversível, assim como o espaço[4], mas que se repete sucessivamente num processo cíclico *"(...) donde todo se confunde, se repite y se anula y volve a comenzar: en un eterno comienzo de nada y de todo"*.[5] Como diz Antonio Martí, um tempo que oscila *"(...) entre progreso y ruina, desarrollo y retroceso, vida y muerte, permanencia y cambio, escasez y plenitud"*

Implícito nesta circunstância coloca-se o tema da intervenção no construído e suscita-se a reflexão acerca da complexidade envolvida na conciliação das exigências do Homem contemporâneo com os edifícios antigos, independentemente do seu maior ou menor valor histórico. Esta relação tem refletido um enorme desafio entre presente e passado, que ao

---

1 | *"Vemos na palavra «organizar» um desejo, uma manifestação de vontade, um sentido, que a palavra «ocupar» não possui e daí que usemos a expressão «organização do espaço» pressupondo sempre que por detrás dela está o homem ser inteligente e artista por natureza, donde resultará que o espaço ocupado pelo homem tende sempre para, caminha sempre no sentido de, tem como fim, a criação da harmonia do espaço, considerando que harmonia é a palavra que traduz exactamente equilíbrio, jogo exato de consciência e sensibilidade, integração hierarquizada e correcta de factores"*. TÁVORA, Fernando (1993) *Teoria geral da organização do espaço: arquitetura e urbanismo: a lição das constantes*. Porto: FAUP Publicações. p. 14;

2 | "*Podemos, talvez, considerar dois tipos de participação na organização do espaço; uma participação a que chamaremos horizontal, que se realiza entre homens de uma mesma época, uma outra a que chamaremos de vertical que se realiza entre homens de épocas diferentes. (...)A nossa época (...) tem sido avessa à colaboração (...) donde resulta que as suas obras constituem apenas a soma e nunca integração; a «barbárie do especialismo» (...) não é, em verdade, propícia à colaboração mas apenas a uma pura e simples participação e desta outra coisa não pode resultar que não seja uma pura e simples ocupação do espaço e nunca a sua organização"*. Idem, pp. 20-21;

3 | Idem, p. 16;

4 | *"Quando, por exemplo, ao restaurar um monumento com critério «científico» (ou pseudo-científico) passa pela cabeça de alguém dar a tal monumento o aspecto que ele teve em época mais ou menos passada, cai-se na utopia de supor que aquilo que já foi pode de novo vir a ser, esquecendo-se que a irreversibilidade do espaço não permite aceitar tal hipótese"*. Idem, p. 19;

5 | MARTÍ, Antonio (2013) *Los Ciclos del Tiempo.* (Weblog) Cuatro Cuadernos - escritos sobre arquitectura y patrimonio. 31, Dez 2015;



Fig. 41 - Fernando Távora, Casa de férias em Briteiros, 1989-1990.

longo do tempo tem marcado a transformação sucessiva do território e do ambiente. Faz parte da História o (re)aproveitamento de edifícios antigos e a modificação de espaços precedentes para dar continuidade às funções vitais do Homem. No entanto, as exigências humanas são cada vez maiores e alimentam uma utilização contínua e progressiva dos recursos à disposição[6], o que torna a problemática da intervenção em construído um tema cada vez mais pertinente e atual[7].

"A história das cidades dá-nos conta de quanto hoje é atual construir no construído, e no entanto, em nenhum período da história o homem teve tanto medo como na atualidade, de realizar, à imagem das suas ideias e vontades, as diferentes formas, que ao longo do tempo, essas mesmas adquiriram. Cada vez mais a nossa geração tem medo de confrontar os seus modelos significativos e exigências funcionais com o contexto da cidade pré-existente e de verificar a atualidade deste último, negando, por consequência, a sua própria evolução". [8]

O desafio da construção evolutiva do território contemporâneo não se tem revelado tarefa fácil, pois como afirma Francisco de Gracia, tem havido uma *"...incapacidade (do arquiteto) assumir tanto a história do lugar como a sua própria condição histórica".*[9] Duas condicionantes imprescindíveis[10], que devem pesar nas opções de projeto para que se estabeleça uma relação coerente com o contexto precedente, quer se trate de uma intervenção em espaço construído ou mesmo de um projeto de raiz. Relacionado com este assunto, Fernando Távora dizia: *"(...) a mim, dá-me gosto intervir em edifícios existentes; não no sentido de recuperação ou de reabilitação, mas com uma visão mais ampla, de arquiteto. Todos os projetos são, de facto, reabilitações. Se há um vazio reabilitamos o vazio, e se há um edifício reabilitamos o edifício: trata-se sempre de arquitetura".* [11]

A intervenção em edifícios antigos surge com elevada importância na concepção de arquitetura dos arquitetos Michele Cannatá e Fátima Fernandes, quando dizem: *"a subtil certeza que temos de que a arquitetura é a concretização de alterações sucessivas e por vezes sobrepostas, em tempos diferentes e descontínuos do território natural e artificial, resulta com maior evidência quando o projeto diz respeito a um edifício ou parte desse já existente; quando a memória daquilo que existiu constitui uma grande referência cultural*

---

6 | *"Satisfazer as exigências humanas, sempre crescentes, provoca um contínuo e progressivo uso dos recursos disponíveis. Um uso que impõe a realização de obras capazes de armazenar, transportar, transformar e finalmente usar partes de cidade e de edifícios abandonados, mortos ou agonizantes".* CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima (ed.) (1999) *Building upon time: Souto de Moura, Rafael Moneo e Giorgio Grassi*. Lisboa: Estar. p. 7;

7 | *"Basically, the challenges of contemporary society seem to relate to the interpretation and transformation of the extant. The contemporary city is an already constituted megastructure. Thus, it must always be a question of modifying it, of optimizing it rather than making ir artificial. Today, only relationships count, the different kinds of rapport between, in and with things. (...) We think that what exists can act as a powerfull support to the imaginary".* LACATON, Anne, VASSAL Jean Philippe (2001) *Structural freedom, a precondition for the miracle.* In: 2*G Lacaton & Vassal* (2001) n.º 60. Barcelona: Gustavo Gili. p. 173;

8 | CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima (ed.) (1999) Op. Cit., p. 7;

9 | GRACIA, Francisco de (1996) *Construir en lo Construído*, Madrid: Nerea. p. 5;

10 | "*Se ser contemporâneo do próprio tempo é condição primeira e irrenunciável do nosso ofício, o passado representa, pelo contrário, a identidade cultural".* BATISTA, Nicola di. In CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima (ed.) (1999) Op. Cit., p. 11;

11 | TÁVORA, Fernando (1998) *Nulla sines linea, Fragmentos de una conversacion con Fernando Távora*. In: *DPA: Documents de projectes d'arquitectura* (1998) n.º 14. Barcelona: DPP;



Fig. 42 - Alberti, Iglesia de san Francisco de Rímini, 1450.

colectiva".[12]

Tratando-se o caso de estudo de um projeto de intervenção em estruturas antigas, considera-se pertinente refletir acerca do próprio conceito de intervenção, já que existe uma certa imprecisão na forma como é empregue o termo[13]. Não se pretende, no entanto, dissecar todas as filosofias de atuação ou as variadas formas de abordar os espaços construídos. Pretende-se sim, encontrar diretrizes literárias no âmbito da intervenção no construído e definir o enquadramento teórico que sustenta a formação da postura crítica refletida nas ideias do projeto desenvolvido.

Quando considerada no seu sentido mais lato, a intervenção engloba qualquer ação levada a cabo sobre um determinado edifício ou arquitetura pré-existente. No entanto, tratando-se a arquitetura de uma atividade reflexiva, a intervenção tem um significado muito mais específico na medida em que pressupõe uma atitude crítica face à circunstância em que opera, assim como aos conceitos gerais associados à mesma, tais como a restauração, a preservação, a conservação, etc[14] . A subjetividade implícita na intervenção origina conflitos e diferenças ao nível da sua interpretação, o que leva Ignasi Solà-Morales a afirmar que *"(...) todo problema de intervención es siempre un problema de interpretación de una obra de arquitectura ya existente, porque las posibles formas de intervención que se plantean siempre son formas de interpretar el nuevo discurso que el edificio puede producir. Una intervención es tanto como intentar que el edificio vuelva a decir algo y lo diga en una determinada dirección".* [15] Dependendo da direção adotada, os resultados da intervenção serão uns ou outros, o que retoma a importância da intervenção ativa do homem organizador do espaço[16].

O reconhecimento da importância desta temática surgiu no período do renascimento[17], questionando e teorizando sobre a relação entre a arquitetura (então) contemporânea e a arquitetura (dita) do passado. Até então, as relações com os edifícios antigos eram precipitadas, ditadas pela oportunidade, sem que houvesse reflexão sobre a condição e o valor do existente, tomando-os como simples base material sobre o qual se impunham novas operações. Esta tomada de consciência da importância da história e das estruturas antigas advém de um novo olhar sobre o Homem, até então limitado a criatura e daí em diante reconhecido com poder criador, originando um novo interesse sobre diversas áreas de atividade humana tanto do presente como do passado[18]. Nesse momento, pela primeira vez na história, a arquitetura surgia a partir de uma leitura crítica da realidade física onde intervinha e agia com o objetivo de unificar o espaço do presente e do passado, considerado palco para a vida humana[19].

---

12 | CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima (ed.) (1999) Op. cit, p. 7;
13 | SOLÀ-MORALEZ, Ignasi (1982) *Teorías de la Intervención Arquitectónica.* (Weblog) Cuatro Cuadernos- escritos sobre arquitectura y patrimonio. 16 , Abr 2015;
14 | Ibidem;
15 | Ibidem;
16 | TÁVORA, Fernando (1993) Op. Cit., p. 26;
17 | CHOAY, Françoise (ed.) (2011) *As questões do património, Antologia para um combate*, Lisboa: Edições 70. pp. 24-25;
18 | Ibidem;
19 | *"... el objetivo próprio de la operación renascentista nos definiria un primer mecanismo en cual la arquitetura es un instrumento de intervención que tiene en sí mismo su propia congruência, encarándose y debatiéndose contra las*



Fig. 43 - Sverre Fehn, Headmark Museum, Hamar Noruega, 1967-2005.

Evoluíram as interpretações e este conceito de intervenção acabou por se transformar num outro mais redutor de restauração[20], desenvolvido por Viollet-le-Duc, que o relacionou com o desenvolvimento das ciências positivas contemporâneas, adotando assim um sentido contrário ao da intervenção ativa do arquiteto a que se assistiu no renascimento. Por outro lado, John Ruskin, contemporâneo de Viollet-le-Duc, considerava a obra do passado intangível, dizendo que nada havia a fazer para a completar, devendo ser simplesmente preservada da melhor forma possível. A convergência destes dois pensamentos, um de restauração e outro de preservação, traduziram-se de forma veemente na formulação de uma teoria de conservação dos edifícios históricos que influenciou fortemente a cultura arquitetónica do séc. XX[21]. Posteriormente Camilo Boito formulou uma síntese entre as duas ideologias dizendo, de vários pontos, que a intervenção em edifícios antigos devia ser a mínima possível e que essa operação devia ter um caráter neutro, isto é diferenciar-se da anterior por via do material, da textura, etc.

A Carta de Atenas (1931), no que diz respeito aos edifícios históricos, foi influenciada por estas ideias e estabeleceu dois novos pontos importantes: o primeiro, relacionado com as novas tecnologias, considerava a sua importância e utilidade para manter o caráter do edifício sem nunca o alterar; o segundo estabelecia que não se devia conservar o edifício como elemento isolado, mas sim um determinado contexto onde o edifício (ou edifícios) se encontra inserido, emergindo uma ideia de conservação de um ambiente do passado. Este estereótipo moderno acabou por servir de base para a elaboração da Carta de Veneza (1964), onde ganhou preponderância o conceito de conservação[22].

Segundo o arquiteto Solà-Morales todo este processo conduziu a uma situação insustentável, originando um comércio manipulador e uma confusão das arquiteturas ditas históricas, assim como o surgimento de especialistas em conservação com ausência absoluta de critérios de arquitetura, regendo-se somente por princípios de manutenção da condição existente. Geraram-se correntes conservadoras que ignoravam as lições do passado, não reconhecendo os processos históricos de revitalização e evolução das civilizações, que contribuíram para o embalsamento e para *"(...) a desertificação dos lugares da história, acabando por transformá-los em representações fantásticas de uma realidade jamais existente".*[23] Esta será, porventura, a posição menos arquitectónica e mais redutora.

"Me parece que el problema en el que nos encontramos en la actualidad es el de repensar nuestra relación con los edificios históricos. Es preciso pasar de una actitud en el fondo

---

estruturas existentes, pero no para respetarlas en su diversidade, sino para subsumirlas en un proyecto de ciudad que há de tener una unidad própria. Evidentemente, éste es el momento arquitectónico por excelência en la medida en que la nueva arquitectura, la nuova maneira tiene todas las possibilidades, tiene toda la potencia y toda la seguridade (...)". SOLÀ-MORALES, Ignasi (1982) Op. Cit.;

20 | "(...) *una operación fundamentalmente técnica, más que creativa; una operación puramente de ayuda, de clarificación, de distinción, un trabajo analítico para que el edificio hable por sí mismo y de alguna manera él solo explique cómo acabarlo. (...) aquí la creación arquitectónica se retira como tal creación, no ofrece una contrapropuesta sino que, al contrario, se ofrece sólo como una posibilidad técnica para desarrollar lo que ya existe previamente".* Ibidem;

21 | Ibidem;

22 | Ibidem;

23 | CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima (ed.) (1999) Op. Cit., p. 7;



Fig. 44 - David Chipperfield e Julian Harrap, Neues Museum, Berlim, 2009.

evasiva y cada vez más distante, propia de la protección-conservación, a una actitud de intervención proyectual. Me parece que lo que debe hacerse es reconsiderar si no hay una manera específicamente arquitectónica, y arquitectónica sin adjetivos, de enfrentarse con la arquitectura histórica y de responder ante ésta a partir de incorporarla a un proyecto de futuro con una mínima congruencia".[24]

Integra-se a mesma atitude de intervenção projetual do arquiteto Solà-Morález, que considera o primeiro momento clássico e o segundo momento ligado ao positivismo, como duas lições diferentes que devem ser tidas em conta ao repensar o problema da intervenção em edificado. Problema esse que é, acima de tudo, um problema de arquitetura, devendo olhar-se para as lições do passado como um diálogo que se realiza a partir do presente e não a partir de atitudes evasivas de defesa ou conservação do existente; e apresenta contornos muito específicos que exigem respostas igualmente concretas, não podendo as soluções de projeto advir de formulações genéricas abstractas[25].

Esta atitude não pressupõe uma desvalorização da história ou dos valores do passado, mas traduz uma consciência crítica do presente e do que até ele chegou, um presente criativo, como refere Aldo Van Eyck, através do qual se dá uma projeção do passado na direção do futuro. *"Cuando el pasado se recoge en el presente y el creciente cuerpo de la experiencia encuentra un hogar en la mente, el presente adquiere una profundidad temporal, pierde su instantánea acidez: su cualidad de filo de navaja. Uno podría llamar a esto: la interiorización del tiempo o el tiempo haciéndose transparente".*[26] Por outras palavras, a arquiteta Lina Bo Bardi diz que *"na prática não existe o passado. O que existe ainda hoje e não morreu é o presente histórico. O que você tem que salvar: aliás, salvar não, preservar – são certas características de um tempo que pertence ainda à humanidade".*[27]

Reflete-se aqui acerca de um presente onde tudo se reúne, onde estão contidas todas as possibilidades e onde deve estar o enfoque da intervenção, tendo em consideração a existência de um tempo contínuo transparente[28] que confere sentido ao projeto e à obra de arquitetura. Acredita-se que a abordagem ao caso de estudo se apoia nesta noção de presente e que isso se traduz de forma muito operativa no projeto desenvolvido. Não se depreenda no entanto, uma negação do passado, pois como afirma o arquiteto Siza Vieira, *"(...) qualquer obra que apague o passado será condenada ao apagamento. Quebra-se uma cadeia. (...) E o que vem de fora, e deve vir, rapidamente e até à simultaneidade, vem para vivificar, não para ocupar".*[29] É importante esta noção de vivificar para o caso de estudo, ou seja, dar numa nova vida aos três fragmentos através de uma transformação

24 | SOLÀ-MORALES, Ignasi (1982) Op. Cit.;
25 | Ibidem;
26 | EYCK, Aldo van (1996) *El Interior del Tiempo*. (Weblog) Cuatro Cuadernos - escritos sobre arquitectura y patrimonio. 24. Mar 2016;
27 | BO BARDI, Lina, *Uma aula de arquitetura*. In: RUBINO, Silvana e GRINOVER, Mariana (ed.) (2009) *Lina Por Escrito, Textos escolhidos de Lina Bo Bardi.* São Paulo: Cosac e Naify. p. 170;
28 | "*Me parece que pasado, presente y futuro deben estar, como un continuo, activos en el interior de la mente. Si no es así, los artefactos que hagamos carecerán de profundidad temporal, de capacidad de asociación".* EYCK, Aldo, (1996) Op. Cit.;
29 | SIZA, Álvaro. Citado por: MENDES, Manuel, *Escola ou generalismo – ecletismo ou tradição, uma opção inevitável.* In: SOUSA, Diana (ed.) (2008) *Páginas Brancas*. Matosinhos: Quidnovi. p. 18;



Fig. 45 - Valerio Olgiati, Yellow House, Flims, Suiça, 1996-1999.

do caráter do edificado e de uma renovação do seu significado, para que se possa atingir o objetivo último desta dissertação: validar as estruturas rurais existentes como possibilidades de lagar de azeite e espaços de turismo, enquadrados na visão dos seus proprietários[30].

Estas estruturas, constituídas em espaços que por ação do tempo perderam o seu papel arquitetónico reconhecível, encontrando-se perdidas, acabadas e alheias à vida quotidiana, representam um problema aberto a respostas diferentes. Para serem *novas* outra vez, precisam de soluções inovadoras por via de um projeto de arquitetura coerente, que não se limite a fatores meramente técnicos do ponto de vista da restauração. Grassi diz que este tipo de arquiteturas enfraquecidas (não necessariamente ruínas) apresentam uma espécie de caráter incompleto e demonstram uma nova disponibilidade, ou *virtualidade*[31], que fazem reaparecer as questões ligadas à sua razão de ser enquanto arquitetura e mantêm em aberto as suas possibilidades, como se tratassem de projetos inacabados, nos quais há a oportunidade de participar num trabalho já iniciado, mais abrangente e complexo[32]. No que diz respeito a este tema, partilha-se com Giorgio Grassi o mesmo pragmatismo quando diz que deixa de lado aspetos mais gerais, históricos e culturais e aborda o problema de forma muito operativa, considerando o sentido destas obras enquanto resposta arquitectónica, completa e especializada perante questões que são acima de tudo práticas[33].

Igualmente alinhada com a ideia de intervenção projetual, por oposição às correntes de conservação artificial e comercialização das obras antigas, Françoise Choay tem alertado para a necessidade de combater a forma como se lida com os edifícios pré-existentes numa época de globalização, esclarecendo as confusões e os erros associados à noção de património e às intervenções desta natureza[34]. De forma muito prática, em *Antologia para um Combate*, a historiadora estabelece três condições que defende serem essenciais para uma intervenção projetual em edifícios antigos: a primeira realça a importância de *"dotar os lugares de novos usos adaptados à procura societal contemporânea"*; a segunda passa por *"renunciar ao dogma da sua intangibilidade e ao formalismo da restauração histórica"*; e a terceira diz que se deve *"saber proceder às transformações necessárias associando o respeito pelo passado e a aplicação das técnicas de ponta contemporâneas"*.[35]

Em conformidade com as ideias expostas e com os três princípios acima apresentados, pretende-se desenvolver no projeto uma forma inovadora de construir e habitar o espaço rural contemporâneo na continuidade do antigo, segundo uma lógica de reapropriação

30 | *"(...) não basta construir casas ou cidade ou templos, é necessário possuir-se a garantia do seu interesse para aqueles a quem tais obras se destinam; vivendo-as, eles colaboram não já na criação mas na própria existência dessas manifestações".* TÁVORA, Fernando (1993) Op. Cit., p. 15;

31 | *"La obra muestra, en estos casos, junto a su ruina, toda su virtualidad como arquitectura (la virtualidade recuperada de su proyecto). Virtualidad que se expressa no sólo como habría podido ser respecto a sus problemas originales (el proyecto como sistema de elecciones), sino también como podría llegar a ser ante nuevos problemas y nuevas oportunidades".* GRASSI, Giorgio (1990) *Una Opinión Sobre la Restauración.* (Weblog) Cuatro Cuadernos-escritos sobre arquitectura y patrimonio. 26, Nov 2015;

32 | Ibidem;

33 | Ibidem;

34 | CHOAY, Françoise (2011) Op. Cit.;

35 | Idem, p. 52;



Fig. 46 - Menos é Mais Arquitectos e João Mendes Ribeiro, Centro de Artes Contemporãneas dos Açores, 2014.

e reutilização sistemática das heranças locais e edificadas[36], sem receio de introduzir as modificações técnicas necessárias ao bom funcionamento do programa desenvolvido[37].

Quando se olha para o estado de conservação dos edifícios do caso de estudo, em algumas situações irrecuperáveis, constata-se que estes requerem o estudo de novas soluções construtivas e a introdução de novos elementos indispensáveis, para além de novos telhados, madeiramentos, pavimentos e caixilharias. Não se pode exigir à Casa de Cima que seja capaz de responder aos requisitos técnicos da produção de azeite com operações superficiais de restauro da ruína; assim como não se pode esperar que a Casa do Meio, apesar de integrar um programa mais próximo da sua génese como é o alojamento, esteja à altura dos padrões de funcionalidade e conforto contemporâneos; ou a Casa de Baixo, onde se quer dotar o espaço de um caráter polivalente completamente distinto do original. Os tempos mudaram e os usos estão hoje mais libertos do quotidiano da vida no campo que outrora enchia de significado as casas das Liberatas. Atualmente encontram-se vazias e ausentes de sentido, pelo que não se lhes pode pedir que respondam às exigências do programa que se quer implementar, assim como às especificidades da contemporaneidade, sem que ocorra um processo de transformação[38] de caráter do edificado existente.

Contrariamente ao que se possa pensar, o desafio do projeto contemporâneo em obras antigas, pelo facto de lidar com a transformação de situações existentes, não pressupõe uma restrição à criatividade, mas deve ser um estímulo[39], visto que representam o atributo mais pertinente do progresso[40]. O passado e a tradição não são incompatíveis com a ideia de futuro e de inovação. Já dizia Gustav Mahler, importante compositor do séc. XIX, numa expressão que bem se enquadra nesta ideia de intervenção e transformação do construído: *"Tradition is not the worship of ashes, but the preservation of fire"*.[41]

No seguimento destas ideias, sem que se negue a condição histórica e o valor memorial dos edifícios precedentes, adopta-se uma postura aberta à metamorfose dos espaços e olha-se para os edifícios antigos como material pronto e disponível. A condição existente é considerada uma realidade alterável com a qual se pode operar para descobrir novas relações e novas lógicas que transformam o caráter dos espaços, mantendo fatores de continuidade. Fernando Távora dizia: *"(...) há que defender, teimosamente, a todo o custo, os valores do passado mas há que defendê-los com uma atitude construtiva, quer*

36 | Idem, p. 52;

37 | "*(...) há que recriar actividades e interesses, sem medo de intervir no edificado antigo com uma linguagem actual (...) porque património, como disse Fernando Távora, é só um: passado, presente e futuro".* ROSETA, Helena (2004) *Prefácio da 4ª Ed. Inquérito à Arquitectura Portuguesa*. In: AFONSO, João, MARTINS, Fernando, MENESES, Cristina (ed.) (2004) *Arquitectura Popular em Portugal.* Lisboa: Ordem dos Arquitectos. p. VII;

38 | *"Cuando nos confrontamos con el proyecto, partimos siempre de la arquitectura existente y la sometemos a diversos comentarios, variaciones, desarrollos, transgresiones; y de esa manipulación, de ese trato con las formas, surge otra forma distinta que es el proyecto. Éste es el significado literal de la palabra transformar: «pasar de una forma a otra»".* ARIS, Carlos Martí (2005) *El Concepto de Transformación Como Motor de Proyecto*. (Weblog) Cuatro Cuadernos - escritos sobre arquitectura y patrimonio. 23, Jul 2015;

39 | Ibidem;

40 | *"El ciclo de la catástrofe y la ruina y el ciclo de la regeneración y de la vida. No son una regresión estas ruinas, son el atributo más pertinente del progreso. Lo había anunciado Walter Benjamin: el concepto de progreso cabe fundarlo en la idea de catástrofe (...)".* MARTÍ, Antonio (2013) Op. Cit.;

41 | MAHLER, Gustav. (Online) Goodreads. Disponível em: http://www.goodreads.com/quotes/3543028-tradition-is-not-the-worship-of-ashes-but-the-preservation;

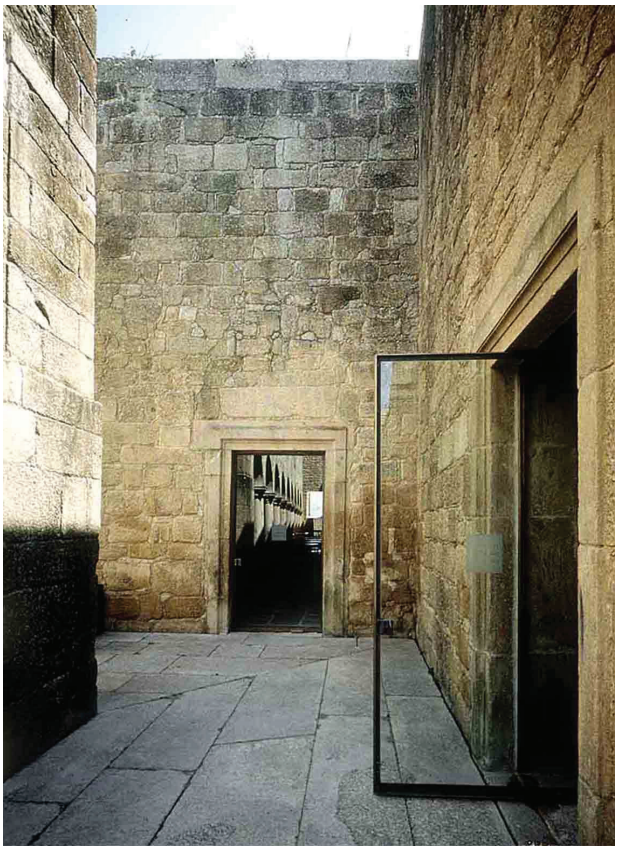


Fig. 47 - Eduardo Souto de Moura, reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro em pousada, 1997.

reconhecendo a necessidade que deles temos e aceitando a sua atualização, quer fazendo-os acompanhar de obras contemporâneas".[42]

Em suma, adopta-se a mesma atitude construtiva sobre o passado, abordando as estruturas antigas do ponto de vista da sua utilidade, isto é, reabilitando de forma útil caso a caso, consoante as potencialidades da arquitetura existente e os requisitos do programa regenerador. A intervenção poderia adotar as mesmas formas de atuação nas três casas inerentes ao projeto, no entanto, dadas as diferenças substanciais de cada uma, envereda-se por uma via com caráter mais experimental, que testa soluções diferentes ajustadas a cada situação. Ao invés de um código formal procura-se, através de um método assente na transferência de significado, nas relações morfológicas, temporais e culturais, a resposta para cada um dos problemas de arquitetura que as três casas representam, *"fazendo de cada edifício um corpo vivo, um organismo com alma e linguagem próprias".*[43]

Adopta-se assim uma intervenção projetual sensível às pré-existências que procura *"arrancar do lugar a fórmula do seu próprio renascer"*[44], construindo o útil e evocando o essencial[45] através de um conjunto de ações de reutilização, modificação, agregação, justaposição, inserção, etc, que nada mais procura do que *"a forma justa, a forma correta, a forma que realiza com eficiência e beleza a síntese entre o necessário e o possível, tendo em atenção que essa forma vai ter uma vida, vai constituir circunstância".*[46] Deste modo parte-se para um projeto de reabilitação que pretende ser o espelho do tempo que a produz[47], que deixa cada edifício falar por si num equilíbrio justo entre presente e passado, sem pretensão de impor determinada marca ou linguagem e que por isso se mantêm anónimo:

"Penso que a maior aspiração de um arquiteto é ser anónimo; ser anónimo não é ser falsamente modesto, mas sim conseguir construir, num determinado tempo, um espaço que possua a sabedoria acumulada durante milhares de anos; quando a natureza e o artefacto coexistem em perfeito equilibro, então alcança-se o estado supremo da arte ou o silêncio das coisas. (...) trata-se do silêncio das formas perenes – um silêncio que advém do equilíbrio entre o homem, os artefactos por si criados e a natureza existente".[48]

---

42 | TÁVORA, Fernando (1993) Op. Cit., p. 58;

43 | *"(...) mas o que marcou profundamente a Escola ao longo dos seus mais de quarenta anos de magistério foi a compatibilização desta convicção modernista com a tentativa de elaboração de um método e não de transmissão ou defesa de um código formal, foi a consideração da história como instrumento operativo para a construção do presente, foi, não só a definição de Arquitectura na sua adequação construtiva e funcional, mas sobretudo como representação de cada um porque representa dados, fazendo de cada edifício um corpo vivo, um organismo com alma e linguagem próprias".* ALVES COSTA, Alexandre. *Prefácio.* In: TÁVORA, Fernando (1993) Op. Cit.;

44 | CANNATÀ, Michele , FERNANDES, Fátima (ed.) (1999), Op. Cit., p. 7;

45 | SÁ, Mariana, *Construir o útil e evocar o essencial*. In: ALARCÃO, Pedro (ed.) (2014) *Intervenção arqutiectónica em contextoarqueológico, propostas e desafios para a cidade de Braga*. Porto: Faup Publicações. p. 28;

46 | TÁVORA, Fernando (1993) Op. Cit., p. 74;

47 | *"Se antes, para compreender o «como fazer», a nossa atenção se dirigia aos edifícios singulares, hoje é para a cidade e para os grande ciclos da história que é preciso olhar, para compreender como a arquitectura é sempre e apenas espelho do tempo que a produz e a ele está indissociavelmente ligada".* BATISTA, Nicola di. In: CANNATÀ, Michele e FERNANDES, Fátima (ed.) (1999) Op. Cit., p. 13;

48 | SOUTO DE MOURA, Eduardo. In: *2G Souto de Moura* (1998) N.º 5. Barcelona: Gustavo Gili. pp.122-136.

2. CASA DO LAGAR

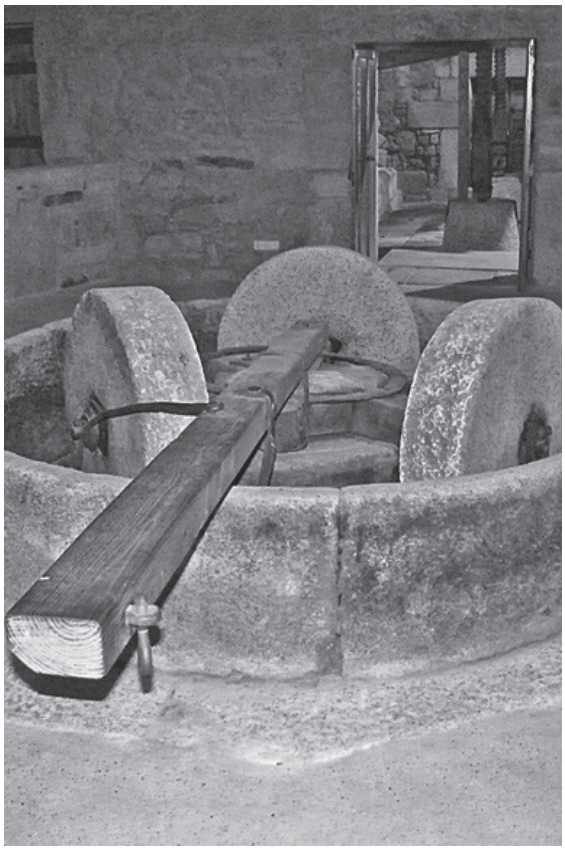


Fig. 48 - Moinho de mós rotativas, movido com recurso à força animal, no Lagar de Varas de Idanha-a-Velha.



Fig. 49 - Moinho com galgas tronco-cónicas, integrado na linha automática de produção do Lagar da Quinta do Romeu.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO BREVE DO VALOR DO AZEITE E DOS PROCESSOS DE EXTRAÇÃO

> *"O Azeite esteve sempre presente nos recantos da vida diária dos portugueses: na candeia do pobre e no candelabro do rico, na mesa frugal do camponês e nos solenes templos de velhos cultos.*
>
> *Mítico, bíblico, romanesco e histórico, "o Azeite vem sempre ao de cima". Enfrentou a nova verdade dos mercados selectivos e deixou de ser simplesmente o Azeite, para adoptar o berço de uma origem e assumir a identidade de uma marca".*[1]

Em Portugal subsistem ainda hoje oliveiras com mais de 2500 anos[2].

A sua cultura foi introduzida na Península Ibérica pelos Fenícios, cerca de 1000 a.C., passando pelos gregos, pelos romanos e pelos visigodos. No entanto, foram os árabes os principais responsáveis pelo cultivo e pela exploração da olivicultura, através da valorização da árvore e do aperfeiçoamento de técnicas de produção e de extração. Daí a designação *Azeite*, cuja origem provém do vocábulo árabe *az-zait*, que significa sumo de azeitona.[3]

Facilmente adaptável a solos pobres, não é por acaso que a oliveira é o símbolo da prosperidade[4]. A sua cultura, resistente à seca e compatível com terrenos pedregosos, alastrou-se pelo país e tornou-se uma constante na agricultura portuguesa. Hoje em dia a produção de azeite readquire uma renovada importância como atividade económica e cultural.

Durante muitos séculos o azeite foi utilizado com vários fins para além da culinária, como por exemplo terapêuticos, cerimoniais ou energéticos. Em Portugal, em meados do século XVI, era utilizado com frequência na iluminação, o que aumentou consideravelmente o seu consumo[5]. Atualmente este tipo de utilização desapareceu e o azeite retorna à sua utilização mais enriquecedora na indústria alimentar, com importância social, cultural e económica, diferenciando regiões, métodos e variedades, e cativando cada vez mais apreciadores.

Apesar da evolução do setor, o objetivo da olivicultura foi sempre e continua a ser, a simples extração do óleo das azeitonas para se obter azeite.

---

1 | CASA DO AZEITE (n.d.) *Azeite em Portugal*. (Online) Casa do Azeite. Disponível em: http://www.casadoazeite.pt/Hist%C3%B3ria/Azeite-em-Portugal;
2 | DOP AZEITE ep. 3. (14, Jun 2016) (Documentário) Dirigido por ANABELA SAINT-MAURICE. Gaia: RTP2;
3 | SOUL PORTUGAL (n.d.) *Azeite, o ouro líquido português.* (Online). Disponível em: http://www.soulportugal.com/blog/azeite-ouro-liquido-portugues-2/;
4 | DOP AZEITE ep. 3. (14, Jun 2016), Op. Cit.;
5 | Em 1780, aquando da inauguração da iluminação pública em Lisboa, alargou-se o cultivo da oliveira nos arredores da cidade, onde é hoje o bairro dos Olivais, e definiu-se que os moradores tinham de contribuir com 1/2 litro de azeite para o seu funcionamento;

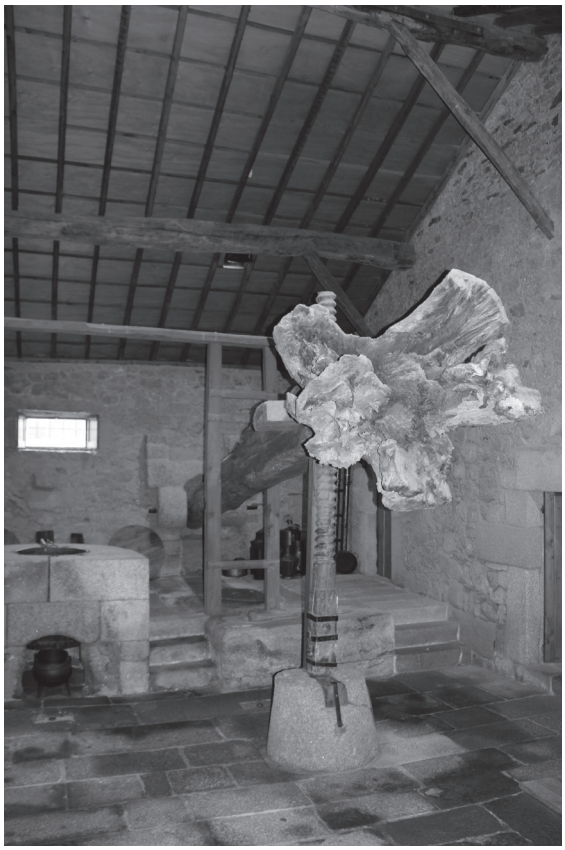


Fig. 50 - Sistema clássico de extração com prensa de vara e parafuso no Lagar de Varas de Idanha-a-Velha.



Fig. 51 - Sistema contínuo de extração do Lagar do Marmelo. Sala de laboração com 4 linhas de produção constituídas por: prensas metálicas, decanters de 2 fases e centrifugadoras verticais.

Primordialmente, era obtido através de técnicas rudimentares de esmagamento e de adição de água, sem que se partisse o caroço da azeitona, sendo usado para outros fins que não a culinária. Com o passar dos séculos, os processos de extração evoluíram de forma lenta e passaram por várias técnicas, mas só com o aparecimento do moinho de mós rotativas, também conhecidas por galgas, acionadas manualmente, a produção de azeite ganhou maior significância. O moinho representa um invento histórico pois consiste na primeira utilização de um movimento rotativo em engenhos de transformação de azeitona em azeite e permitia obter resultados francamente superiores aos métodos antecedentes. O movimento de rotação e translação das mós, por oposição a anteriores movimentos recíprocos, é unidirecional, contínuo, e tornou possível o recurso à tração animal (Fig. 48) e mais tarde à força da água, do vento e de outras maquinarias com motores de combustão ou elétricos para fazer a moenda da azeitona[6].

Com o aumento de dimensão dos olivais, estes moinhos deixaram de dar uma resposta capaz, acabando por ser substituídos por outros com galgas cilíndricas verticais e mais tarde com galgas tronco-cónicas, igualmente em pedra. Hoje em dia ainda se podem encontrar moinhos de pedra em funcionamento em Portugal, integrados em linhas automáticas de produção de lagares com tradição no setor (Fig. 49). Estes moinhos integravam o designado sistema clássico de extração de azeite, por prensagem (Fig. 50). A evolução tecnológica conduziu à sua substituição progressiva por moinhos metálicos de rolos, de martelos e de discos, que integram o chamado sistema contínuo de extração de azeite, por centrifugação, utilizado atualmente (Fig. 51). Estes novos moinhos, por comparação com a lentidão da moenda dos anteriores, trituram o fruto de forma mais rápida e agressiva, sendo por isso mais eficientes[7].

As prensas também foram alvo de evolução. As mais antigas exerciam pressão direta sobre as azeitonas ou sobre a pasta, sendo que as primeiras de que há registo atuavam sobre o peso de grandes pedras amontoadas, apertando o fruto contra uma base também de pedra. Outras contavam com a introdução forçada de cunhas de madeira, ferro, ou pedra para aumentar a pressão da pasta de azeitona contida em seiras ou sacos de tela. Depois surgiram as prensas de vara e parafuso em madeira e as prensas de varas segundo um sistema de alavanca, mais eficazes. Mais tarde no séc. XIX, a Revolução Industrial desencadeou evoluções significativas com a aplicação do vapor nos lagares, tornando possível a sua mecanização[8]. Neste período surgiram as prensas hidráulicas e utilizaram-se sistemas complexos para fazer mover as máquinas envolvidas no processo, dispensando a força animal. Algumas instalações funcionavam com a energia de turbinas hidráulicas, outras com motores elétricos e a maior parte com motores de combustão interna[9].

---

6 | SALDANHA, Possolo, GOUVEIA, José, *Os Processos de Extracção do Azeite e a sua Evolução.* In GOUVEIA, José (ed.) (2002) *O Azeite em Portugal,* Lisboa: Inapa, pp. 132-146;

7 | Ibidem;

8 | Neste período deu-se uma modernização no método de produção que resultou num aumento substancial da qualidade do azeite português. Um dos percursores dessa inovação foi Alexandre Herculano, que a partir da sua quinta ribatejana de Vale de Lobos, estudou os progressos italianos ligados ao setor e inovou nos processos de colheita, de entulhamento e de prensagem, fazendo do seu azeite o melhor de Portugal, com reconhecimento internacional. A sua visão holística do fabrico do azeite, considerando todas as fases de produção com igual importância, produziu uma revolução importante na olivicultura portuguesa, tanto ao nível da qualidade do produto como ao nível do suporte tecnológico necessário;

9 | GOUVEIA, José (ed.) (2002) *Op. Cit., pp. 132-146;*



Fig. 52 - Varejo tradicional que, através de golpes sucessivos, faz com que a azeitona se solte das oliveiras e caia no chão.



Fig. 53 - Industrialização da recolha da azeitona realizada pelos *Colossus*, na Herdade do Marmelo.

No mesmo período começaram a ser utilizadas as termobatedeiras, responsáveis pela homogeneização e aquecimento da pasta de azeitona proveniente da moenda, que depois seguia para a extração, aumentando dessa forma o rendimento da transformação da azeitona em azeite. Também surgiram as centrifugadoras horizontais, ou decanters de separação de duas fases (líquida e sólida), máquinas automáticas de grandes dimensões que apareceram em substituição do sistema clássico por prensagem. Estas máquinas tornaram possível a implementação do sistema de extração contínuo com melhorias consideráveis no rendimento e na higienização das unidades de produção. Mais tarde surgiram as centrifugadoras verticais, que substituíram o procedimento natural de decantação[10] e que hoje concluem o ciclo de extração com um último processo de limpeza do azeite.

A par da evolução dos sistemas de extração, também se registaram progressos na disposição, dimensão e tratamento das plantações ao longo do ano, com vista ao aumento do volume e da qualidade de produção (vejam-se os olivais intensivos e super intensivos), assim como na apanha da azeitona. Atualmente utilizam-se sistemas com máquinas vibradoras que abanam as oliveiras de forma controlada e fazem cair as azeitonas diretamente num tapete ou cesto, evitando que o fruto caia no chão e que se golpeiem as árvores, como é característico do método tradicional de varejo (Fig. 52). Daí o fruto segue diretamente para o lagar por via de tratores ou camiões. Estes sistemas mecânicos, que vão desde vibradores de troncos até aos *Colossus*[11] com mais de quatro metros de altura (Fig. 53), possibilitaram a industrialização da recolha da azeitona, diminuindo o tempo e suprimindo o esforço humano exigido nas tarefas tradicionais. Apesar das vantagens, estes sistemas nem sempre são possíveis de implementar, umas vezes por fatores económicos e outras pelas dificuldades impostas pela morfologia do terreno.

Hoje em dia, os processos arcaicos foram substituídos por linhas automáticas de produção que, apesar de funcionarem com conceitos similares aos que guiavam o trabalho dos antigos, na prática pouco têm a ver com os processos tradicionais. As exigências técnicas de produção e os patamares de qualidade do azeite são muito elevados, o que obrigou à transformação radical de muitos lagares com vista à sua modernização. É o caso dos lagares da Quinta do Romeu e da Casa de Santo Amaro, por exemplo, onde se tenta perpetuar a tradição dos espaços e de certos modos de fazer, ao mesmo tempo que se melhora a técnica e o trabalho no campo. Outros deixaram de funcionar e são hoje espaços museológicos, como são o Lagar de Varas de Idanha-a-Velha e o Lagar de Varas do Fojo, classificado como Imóvel de Interesse público em 1988.

Os métodos evoluíram mas o objetivo continua a ser o mesmo. Hoje em dia a extração realiza-se por processos tecnologicamente muito avançados, *"com a ajuda de máquinas específicas, acionadas por forças de natureza física que, convenientemente exercidas sobre a massa de azeitona, permitem a separação das diferentes fases dessa massa"*.[12]

---

10 | Ibidem;

11 | *Colossus* é a designação dada aos veículos utilizados na apanha da azeitona na Herdade do Marmelo, em Ferreira do Alentejo, do Grupo Sovena;

12 | COSTA, Bento, et al. (2002) *Código de Boas Práticas para o Processamento Tecnológico dos Azeites Virgem*. Lisboa: Casa do Azeite – Associação de Azeite de Portugal;



Fig. 54 - Lagar da Quinta do Romeu.

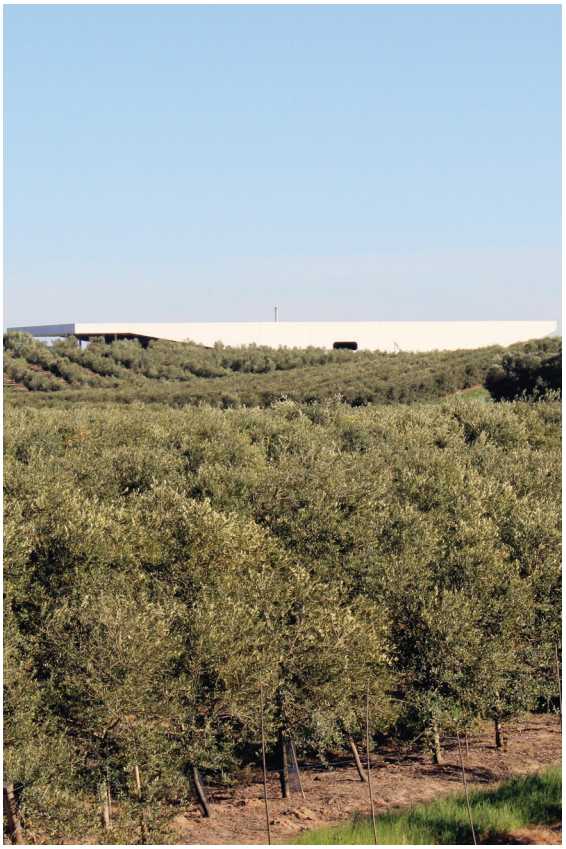


Fig. 55 - Lagar do Marmelo.

Em todo o caso, de forma resumida, tanto no sistema clássico como no sistema contínuo, a extração envolve sempre:
- uma primeira fase de moenda, por esmagamento e trituração das azeitonas, para que o óleo existente no fruto se possa soltar;
- uma segunda fase de aplicação de forças, por pressão ou centrifugação, com o objetivo de separar as partes sólida e líquida;
- uma terceira fase de separação da água do azeite, por via da decantação natural ou por processos de centrifugação.

Concluídas essas três fases obtém-se o azeite[13].

Identifica-se um grande desenvolvimento na produção de azeite dado o seu foco na exigente indústria alimentar, na sua significativa valorização como produto natural e o seu grande crescimento em volume. Esta importância do azeite arrasta consigo aspetos culturais abrangentes, que ditam a sua plena integração em contextos locais, que por um lado valorizam o território e por outro justificam a existência dos lagares.

O ritmo atual de desenvolvimento do setor permite que coexistam realidades tão distintas como o Lagar da Quinta do Romeu, em Mirandela, que mantêm características tradicionais, e o Lagar do Marmelo do Grupo Sovena, em Ferreira do Alentejo, com uma clara vocação industrial, criando-se assim espaço para novas concretizações, como exposto seguidamente.

13 | No Anexo 2 pode consultar-se um diagrama que sintetiza a extração de azeite segundo o sistema clássico, por prensagem, e o sistema contínuo, por centrifugação (de duas fases), com todas as etapas inerentes ao processo.



Fig. 56 - Lagar do Marmelo - área de receção.

2.2 PROGRAMA DO LAGAR: PERTINÊNCIA, DEFINIÇÃO E INTEGRAÇÃO

PERTINÊNCIA

Com a pesquisa realizada constatou-se que a técnica evoluiu muito, desde a introdução da olivicultura na Península Ibérica até às linhas de produção automatizadas dos dias de hoje, e que os espaços tradicionais, apesar de ricos em história, já não servem os requisitos atuais da produção, tendo sido por isso transformados, reequipados ou inutilizados.

Os lagares da Quinta do Romeu e da Casa de Santo Amaro (em Mirandela) são dois bons exemplos de edifícios de produção reorganizados para responder às exigências da contemporaneidade. Ambos integram conjuntos edificados antigos com linhas de produção automatizadas, que mantêm uma certa nostalgia da atmosfera oleícola do século anterior, tanto ao nível da conservação de alguns equipamentos (por exemplo moinhos de pedra e prensas hidráulicas) como ao nível da arquitetura. Por estes motivos, e considerando a circunstância de projeto em contexto construído, os dois lagares constituem boas referências e foram alvo de visitas de estudo. Para além disso, uma vez que o primeiro consiste num equipamento particular e o segundo conjuga produção interna com produção externa para outros produtores, foi interessante estudar as diferenças subjacentes aos respetivos programas de produção.

A par da renovação de alguns espaços, cresceram no país projetos cooperativos de grande escala, que realizam a extração de azeite de diversos produtores através de unidades fabris de grande dimensão. É o caso da Cooperativa de Olivicultores de Valpaços e da Cooperativa de Moura, que acompanharam a evolução do setor e adaptaram as respetivas instalações para responder às necessidades das regiões[1].

Para além destes, surgiu recentemente no país um equipamento que opera em função de elevados volumes de produção que veio alterar o paradigma da produção de azeite em Portugal. O Lagar Oliveira da Serra do Grupo Sovena, também conhecido por Lagar do Marmelo[2] (Fig. 56), representa o *"expoente máximo da tecnologia ao serviço da qualidade do azeite e da sustentabilidade ambiental"*[3]. O lagar investe numa arquitetura de imagem contemporânea que conjuga a produção de azeite com o turismo emergente de forma inovadora e incorpora uma atitude reconhecida de responsabilidade sobre a paisagem, tornando-se uma referência arquitetónica mundial. Apesar de ter uma dimensão que impossibilita o transporte de um modelo de lagar para o equipamento do caso de estudo, a clareza funcional deste edifício constituiu um excelente ponto de partida para o desenvolvimento programático do projeto. É uma obra verdadeiramente única no país, particularmente inspiradora, tendo sido por isso alvo de uma terceira visita de estudo.

1 | *DOP AZEITE ep. 3. (14, Jun 2016) (Documentário) Dirigido por ANABELA SAINT-MAURICE. Gaia: RTP2;*
2 | Da autoria do arquiteto Ricardo Bak Gordon;
3 | OLIVEIRA DA SERRA (n.d.) *O Lagar*. (Online) Oliveira da Serra. Disponível em: http://www.oliveiradaserra.pt/oliveira-da-serra/lagar.aspx?lang=pt-PT;



Fig. 57 - Área de receção do Lagar do Marmelo, com um dos tegões de recolha da azeitona em 1º plano. A descarga do fruto realiza-se a partir de camiões, que o transportam do campo até este espaço abrigado. Depois de descarregado, o fruto é pesado e logo encaminhado por tapetes mecãnicos para uma máquina de limpeza (desfolhagem e lavagem com água). De seguida, continua para uma balança, que efetua uma segunda pesagem e onde também se recolhem amostras para laboratório. Depois, passa para uma máquina de moenda, que transforma a azeitona na pasta que segue para o interior do edifício, onde se realiza a extração.

As visitas realizadas (disponíveis no Anexo 3) possibilitaram um contacto real com a produção de azeite, um diálogo com técnicos do setor[4] e contribuíram para a compreensão do ciclo de produção e para o entendimento da lógica operacional dos lagares contemporâneos. As visitas acabaram sendo ainda mais enriquecedoras pelo facto de englobarem três espaços com diferentes níveis de produção e de desenvolvimento tecnológico, estimulando a reflexão sobre a estratégia do projeto e o necessário dimensionamento do programa em função da circunstância estudada. Nesse sentido tornou-se importante definir, numa primeira fase, a própria filosofia económica do lagar que se projeta e prever um volume máximo de produção por campanha[5].

Visto que a primeira ideia dos proprietários passava pelo desenvolvimento de um equipamento pequeno para responder ao volume de produção interno, inicialmente considerou-se desenvolver um lagar de caráter exclusivo dimensionado para produzir até 2 000l de azeite[6] – o valor máximo atribuído pelos produtores no início deste processo. No entanto, na investigação não se encontrou nenhum lagar com um volume tão reduzido, dados os custos envolvidos num equipamento de produção, o que conduziria o projeto para algo mais experimental. Por este motivo, tratando-se de um cenário sem sustentabilidade económica, foi desconsiderado em reunião com os clientes.

A investigação tornou claro que, para rentabilizar um equipamento de produção deste tipo, ou há um volume de produção interno justificativo ou então é necessário incluir produção externa. Isto porque, o investimento no espaço e em toda a maquinaria necessária é elevado, a laboração das máquinas requer uma grande capacidade energética, sobretudo no arranque do sistema[7], e a produção é sazonal (cerca de 2 meses por ano).

Nesse sentido, por oposição à ideia inicial, numa perspetiva de rentabilização máxima do equipamento com produção externa, avaliou-se um programa de caráter comunitário ou cooperativo[8] que unisse vários produtores em prol das necessidades da região. Desta forma, ao considerar o alargamento da área de influência do equipamento justificava-se o investimento num lagar de maior dimensão, bem equipado com a mais recente tecnologia. Contudo, este cenário acarretava várias dificuldades, nomeadamente obrigar a um diálogo com produtores e as autarquias da região, para avaliar a pertinência de um projeto cooperativo e procurar um espaço alternativo à Quinta dos Poços. Este cenário, para além de desenquadrado da vontade dos clientes, implicava um caráter industrial e uma logística pesada incompatíveis com o contexto agrícola e paisagístico da propriedade

4 | Com destaque e agradecimento especial ao empresário agrícola Francisco Pavão (Casa de Santo Amaro), figura central no setor com reconhecimento internacional; ao engenheiro agrónomo João de Azeredo (Casa de Santo Amaro); ao engenheiro João Pedro Menéres (Quinta do Romeu), gerente da sociedade agrícola Clemente Menéres; ao técnico João (Quinta do Romeu); e à guia de turismo Mariana Casado (Lagar do Marmelo);

5 | O dimensionamento do programa teve em conta um rendimento da azeitona em azeite de 20%, um período de funcionamento do equipamento de 2 meses (duração média da campanha) e um horário de trabalho de 8h/dia (7h para laboração e 1h para limpezas / imprevistos). O rendimento é o cálculo da azeitona necessária vs quantidade de azeite produzido. No lagar da Quinta do Romeu foi dito que na região de Trás-os-Montes o azeite rende entre 18% e 20%, ou seja, com cada 100kg de azeitona produz-se cerca de 20l de azeite. É um valor referencial que varia de ano para ano;

6 | Optando por este modelo, para atingir os 2 000l de azeite no período de laboração, poder-se-iam selecionar máquinas com uma capacidade de produção de 24kg/h para atingir os 2 000l em 2 meses de trabalho;

7 | Informação confirmada por um técnico da Casa de Santo Amaro, aquando da visita de estudo;

8 | Optando por este modelo, poder-se-ia pensar numa capacidade de produção de 1 000kg/h para atingir 84 000l em 2 meses – capacidade de produção semelhante à do Lagar da Casa de Santo Amaro;

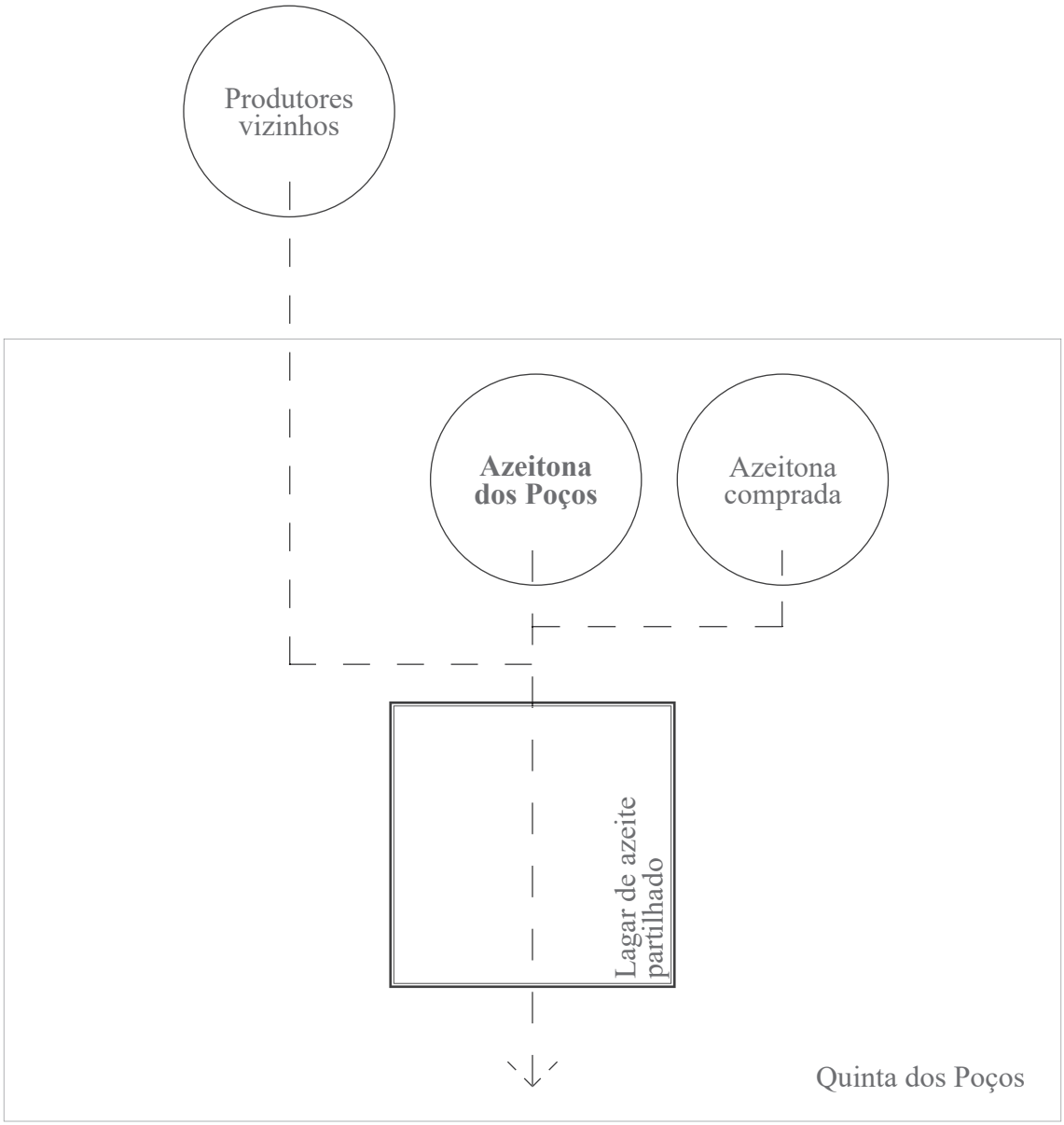


Fig. 58 - Esquema representativo do conceito do lagar de azeite partilhado da Quinta dos Poços.

em estudo. E isso não era o que se pretendia.

O confronto da realidade estudada com os contornos da circunstância de projeto fez surgir um terceiro conceito de lagar entre estas duas hipóteses, que se considera ser o mais pertinente para o contexto analisado. Em conjunto com os clientes acordou-se desenvolver um programa assente num caráter de partilha controlada do espaço de produção, que alia a produção interna da marca com produção externa de quintas vizinhas num equipamento de pequena/média dimensão. Por outras palavras, concordou-se desenvolver o projeto de um Lagar de Azeite Partilhado integrado na estrutura da Quinta (Fig. 58).

Considerando que não existem olivais de grande dimensão na área envolvente à propriedade em estudo (uma característica típica da região) pode-se deduzir que as quantidades de potenciais clientes não serão muito significativas. Por isso, o intuito será o de garantir a capacidade de integrar produção externa de produtores vizinhos, mas também o aumento do volume da Quinta através da plantação e aproveitamento de novo olival e/ou através de azeitona comprada a outros produtores. Nesse sentido estabeleceu-se uma margem significativa sobre o volume interno da marca, fixando um valor máximo de produção entre 8 000l e 10 000l de azeite por campanha[9]. Definido o conceito de Lagar Partilhado e o volume máximo de produção nessa condição, foi possível dimensionar áreas e definir usos específicos para um programa adequado à pré-existência, como se verá seguidamente.

DEFINIÇÃO E INTEGRAÇÃO

Por comparação com o vinho, onde o fator tempo pesa no processo de envelhecimento que antecede o consumo, e por isso influencia tambem o caráter das adegas, o azeite é um produto que se extrai num período curto de tempo desde que se faz a apanha da azeitona até que se armazena o azeite pronto para expedição. Talvez por esse motivo, os grandes lagares de azeite e os equipamentos cooperativos se assemelhem a fábricas, por oposição às grandes adegas de vinho onde se pressente uma atmosfera menos industrial, apesar da tecnologia envolvida na vinificação.

Nos lagares mais pequenos que se visitou, o caráter fabril da produção de azeite está menos presente e emerge uma atmosfera mais artesanal que conjuga a tecnologia de extração com o caráter rústico e de certo modo improvisado dos espaços antigos adaptados. Estes edifícios expressam uma atmosfera mais próxima daquela que se procura para o projeto, mas não apresentam princípios de organização tão claros como os do Lagar do Marmelo e que se procuram implementar no programa em questão. Neste equipamento, a par da integração paisagística, o foco na sequência operacional e nos requisitos da extração dominam toda a concepção do edifício, que se enche de significado durante a atividade de produção. Apesar das diferenças, tanto nuns como noutro a funcionalidade dos espaços apresenta-se como condição crítica fundamental para o funcionamento de um

9 | Partindo destes volumes máximos por campanha, com base na pesquisa e nas impressões trocadas com os produtores, estabeleceu-se que o programa seria dimensionado para uma capacidade de produção entre 95kg/h e 119kg/h. Com base nestes valores foi possível selecionar máquinas de produção apropriadas e desenvolver um programa adequado;

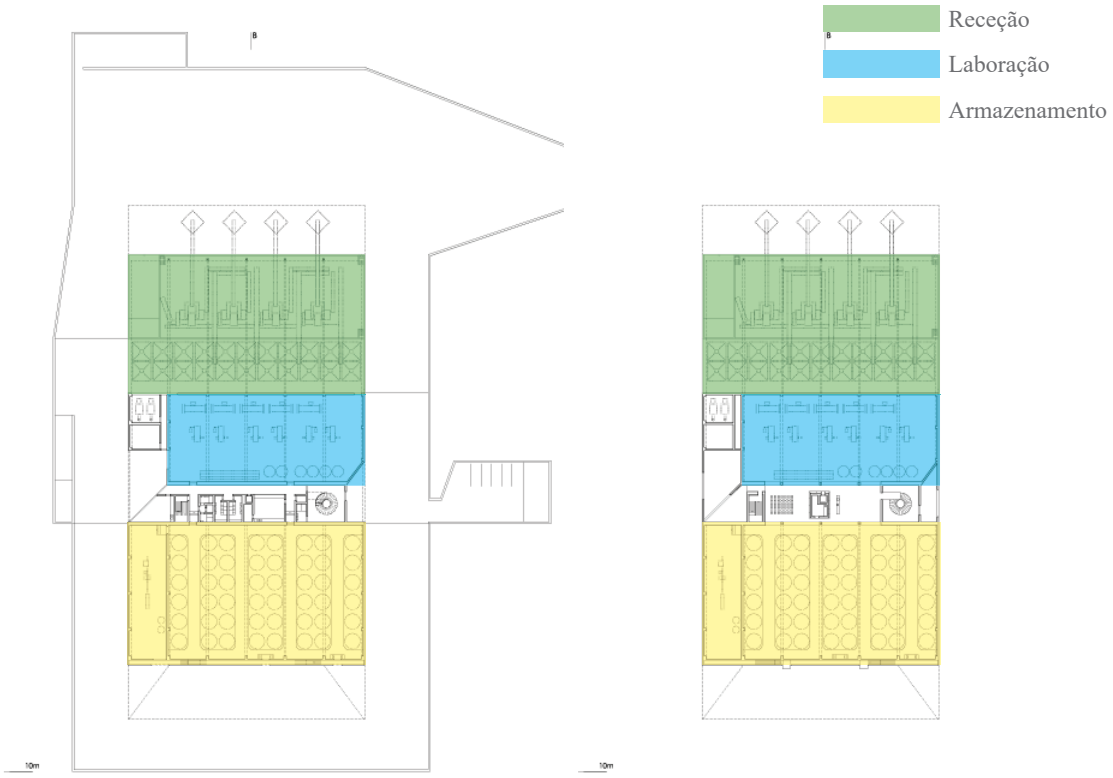


Fig. 59 - Plantas dos pisos 0 e 1 do Lagar do Marmelo, com distinção das três grandes áreas que organizam o equipamento.

equipamento desta natureza.

De igual modo, a funcionalidade é uma das preocupações centrais que guiam a definição programática do lagar na Casa de Cima. Nesse sentido, a experiência e o estudo dos lagares visitados foram fundamentais para a construção de um programa transversal aos pequenos e grandes equipamentos de produção de azeite, no qual se baseou esta dissertação. Sintetizando o aprendizado, pode-se dizer que um lagar contemporâneo se organiza em três grandes áreas de acordo com a sequência de produção (Fig. 59) e que cada uma deve responder a determinadas condições técnicas, tal como se pode consultar no *"Código de Boas Práticas para o Processamento Tecnológico dos Azeites Virgens"*[10]. Em baixo estudam-se essas áreas e realçam-se os aspetos técnicos mais relevantes de cada uma

Receção
Laboração
Armazenamento

A receção constitui a primeira área da sequência de produção. Pode constituir um espaço ao ar livre, desde que coberto, e envolve a descarga da azeitona vinda do campo e as fases iniciais de ventilação[11], lavagem[12] e primeira pesagem[13]. No final destas fases, a azeitona pode ser armazenada em tegões onde temporariamente aguarda para entrar no espaço de laboração. Por norma, nos lagares de média e grande dimensão, cada fase destas é realizada por uma máquina específica, montada num circuito interligado por tapetes mecânicos e/ou sem-fins, que pode ser controlado através de uma cabine onde opera um funcionário. Nos lagares particulares de pequena e média dimensão pode dispensar-se essa cabine, no entanto, no caso de produções externas torna-se imprescindível para gerir a entrada da azeitona no lagar.

A laboração constitui a segunda área da sequência, onde ocorre a transformação da azeitona em azeite, e situa-se no interior do equipamento. Pode constituir um núcleo separado da receção, pois existem diversos mecanismos de transporte da azeitona. Engloba as fases de moenda[14], termobatedura[15], centrifugação horizontal[16], centrifugação vertical[17] ou decantação natural e segunda pesagem, executadas por máquinas interligadas por sem-fins e bombas com mangueiras.

O armazenamento constitui a terceira área da sequência e o local onde se conserva o azeite extraído em depósitos de aço inoxidável. Pode ser afastado do núcleo de laboração,

10 | COSTA, Bento, et al. (2002) *Código de Boas Práticas para o Processamento Tecnológico dos Azeites Virgens*. Lisboa: Casa do Azeite – Associação de Azeite de Portugal;
11 | Máquina ventiladora: separa o fruto dos galhos e folhas, posteriormente aproveitados para compostagem;
12 | Máquina lavadora: retira as impurezas do fruto através de um banho em água;
13 | Balança: calcula o rendimento da azeitona em azeite. Calcula-se conjuntamente outra balança.no final da extração;
14 | Máquina trituradora (moinho de pedra ou moinho metálico): esmaga a azeitona e transforma-a numa pasta;
15 | Máquina termobatedeira: aquece ligeiramente e homogeneiza a pasta para facilitar a extração.;
16 | Centrifugadora horizontal ou decanter de separação de 2 fases: realiza a separação das fases líquida e sólida através de um processo de centrifugação;
17 | Centrifugadora vertical: conclui a extração com um último processo de limpeza do azeite, com recurso à adição de água com o intuito de o aclarar;

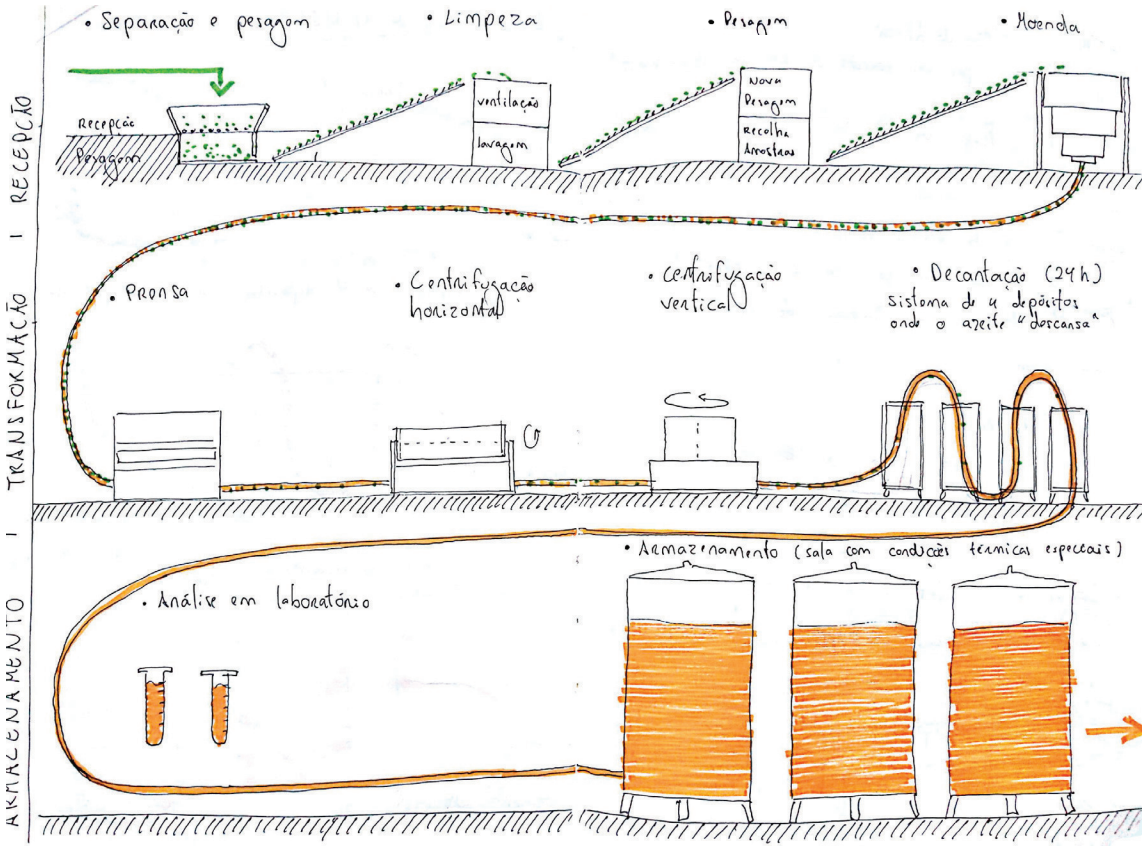


Fig. 60 - Esboço com sequência de produção de azeite e áreas correspondentes, com base no modelo funcional do Lagar do Marmelo.

visto que o azeite pode ser transportado por via de bombas e mangueiras. Este espaço deve ter uma relação direta com o cais exterior e pode relacionar-se com uma área de engarrafamento e rotulagem, que pode ou não existir, dado que esta tarefa pode ser realizada fora do lagar ou por recurso a unidades móveis que executam esse serviço.

Para além destes três espaços fundamentais, existem ainda as áreas de serviço, que são todos os espaços de apoio à atividade do equipamento, tais como balneários (devidamente iluminados e ventilados) com casas de banho, vestiários e chuveiros; cantinas, no caso de grandes lagares; laboratório, para a realização de testes de maturação da azeitona e / ou testes de qualidade do azeite; zonas administrativas; salas dedicadas ao turismo, com circuitos independentes dos circuitos dos funcionários; zonas técnicas, para localização de caldeiras, bombas, ou outros caloríferos e equipamentos necessários à atividade, devendo estes localizar-se em local próprio e se possível em edifícios separados. De forma geral, estes espaços não devem estabelecer um contacto direto com os núcleos de laboração e armazenamento por razões higiénicas e de controlo da qualidade do azeite.

No exterior existem espaços de tratamento de resíduos, que correspondem às áreas de recolha dos excedentes sólidos provenientes do decanter (da laboração) com tegão, de compostagem, para onde são conduzidas as folhas e galhos separados na ventilação (da receção) e outras para aproveitamento do caroço da azeitona, tratamento de águas, etc, dependendo de fatores como volume de produção, preocupações ambientais, e capacidade económica do lagar.

De referir ainda que a laboração e o armazenamento devem ser feitos num ambiente termicamente controlado (entre 15ºC e 18ºC) abrigado da luz solar direta, protegido de cheiros e fumos (porque o azeite é uma gordura e por isso absorve aromas com facilidade) e ser devidamente arejado no inicio e no fim de cada período de trabalho. Para além disso, de cliente para cliente e de variedade para variedade, é fundamental higienizar-se todas as máquinas e respectivas ligações, com jato de água quente e posterior secagem com papel absorvente. Por esse motivo, o revestimento dos espaços deve ser impermeável, não absorvente e de fácil lavagem. O chão deve ser preparado para aguentar cargas elevadas e movimentações de máquinas pesadas, ser antiderrapante e dispor de uma boa drenagem. Os tetos e outros equipamentos devem ser igualmente impermeáveis e de fácil de limpeza. Para além destas especificações é de realçar que os locais de trabalho devem ser iluminados com luz natural, recorrendo à artificial somente quando a primeira é insuficiente e que as portas não devem abrir diretamente para o espaço de produção[18].

A par do conhecimento acerca da funcionalidade dos lagares e dos requisitos técnicos da produção, o ajuste desta lógica operacional à pré-existência do projeto assume uma condição de destaque na definição programática da casa do lagar. Evocando Fernando Távora, *"contra o que o homem por vezes pensa, as formas que ele cria, os espaços que ele organiza não são criados ou organizados em regime de liberdade total, mas antes profundamente condicionados por uma soma infinita de factores, de alguns dos quais o homem tem plena consciência e agindo outros inconscientemente sobre ele"*.[19]

18 | Foram consultadas estas e outras características técnicas dos lagares em COSTA, Bento, et al. (2002) *Op. Cit.;*
19 | TÁVORA, Fernando (1993) *Teoria geral da organização do espaço: arquitetura e urbanismo: a lição das*



Fig. 61 - Máquinas compactas de receção e de laboração da marca Toscana Enologica Mori (TEM), tidas em consideração para o desenvolvimento do programa e do projeto.

No caso de estudo, o programa do lagar é sobretudo condicionado na medida em que tem de satisfazer as necessidades de produção da propriedade, enquadrar-se no ambiente da Quinta dos Poços e integrar-se no contexto construído da Casa de Cima. Esta, pelo facto de não dispor de uma estrutura originalmente pensada para tal função tem de ser adaptada, assim como o próprio programa de intervenção, numa relação de reciprocidade que acabou por se tornar no principal desafio do projeto.

Deste modo, como afirma o arquiteto João Mendes Ribeiro, num projeto de arquitetura em contexto construído, para além do conhecimento profundo que é preciso ter sobre o edifício a intervir, há que perceber se o programa de intervenção se adequa ao edifício pré-existente e se se coaduna com as suas capacidades de transformação. *"Há aqui um processo de investigação que é particular, que é próprio da natureza do próprio exercício. E depois há que fazer este cruzamento entre uma realidade pré-existente e o novo programa. Como é que se ajusta e como é que se consegue servir o novo uso e um uso contemporâneo?"*[20]

Este cruzamento é fundamental para que a intervenção estabeleça uma relação coerente com a estrutura antiga, sendo o programa, por esse motivo, uma dimensão ativa do projeto com importância central na investigação. Dependendo da sua concepção, os resultados do projeto poderão ser uns ou outros. Logo, a sua construção é alvo de muita ponderação e afinação, baseando-se num sentido analítico que procura estabelecer conceitos e áreas ajustados à realidade, com preocupações que incidem sobre um correto dimensionamento económico da solução que, em teoria, pudesse viabilizar a execução do projeto. Nesse sentido, considerando a relativa escassez de espaço disponível e o dimensionamento do programa para um volume total de 8 / 10 000l por campanha, constatou-se que a lógica operacional do lagar podia ser ligeiramente modificada sem que se alterassem os princípios gerais de organização estudados.

Assim, através do estudo das possibilidades da Casa de Cima e do terreno envolvente, no sentido de desenvolver um programa de produção integrado, optou-se por dimensionar os espaços com base em novas máquinas compactas nas áreas de receção e de laboração (Fig. 61). Estas máquinas tem a vantagem de unir várias funções num único dispositivo, o que facilita o processo de extração e permite uma melhor rentabilização das áreas disponíveis. Nesse sentido estabeleceu-se que, diferentemente do que foi observado, as áreas de receção e laboração poderiam funcionar de forma conjunta dadas as garantias e capacidades técnicas destes novos equipamentos.

Por outro lado, dada a dimensão reduzida do lagar e as necessidades equivalentes de controlo térmico da laboração e do armazenamento, optou-se pela organização destes espaços nos dois compartimentos existentes no edifício.

Para além destes aspetos, conclui-se que o cais de manobras e de descarga da azeitona podia organizar o espaço relativo aos dois percursos contíguos e colocou-se a hipótese

constantes. Porto: FAUP Publicações. p. 21;

20 | RIBEIRO, João Mendes, *Anexo 1: Entrevista a João Mendes Ribeiro.* In: VITA, Francisca (2012) *João Mendes Ribeiro: um Caminho para Refletir sobre a Condição Hodierna da Pratica da Arquitetura e do Design de Interiores*. Dissertação de Mestrado em Design de Interiores, ESAD;

PROGRAMA DO LAGAR DE AZEITE

	Relação com o cais	Exterior coberto	ventilação mecânica	Controlo térmico	iluminação natural	ventilação natural	Impermeável e lavável	janelas com abertura	área útil por espaço (m2)
CAIS EXTERIOR									
ZONA EXTERIOR DE TRATAMENTO DE RESÍDUOS									
Compostagem para depósito dos resíduos naturais provenientes da defolhagem	o								
Excedentes da laboração Com tegão de recolha do bagaço de azeitona proveniente da centrifugação horizontal	o								
DESCARGA									**25**
Espaço de descarga com tegão de recolha	o				o	o	o		20
Cabine de controlo	o				o			o	5
RECEPÇÃO									**25**
Espaço amplo de recepção Máquina de desfolhagem/lavagem ; Balança 1; Quadro elétrico; pia e ponto de água	o			o	o	o	o		25
LABORAÇÃO									**25**
Espaço amplo de laboração Máquina de moenda/termobatedura/centrifugação; Balança 2; Quadro elétrico; pia e ponto de água	o			o	o	o	o		25
ARMAZENAMENTO									**40**
Espaço amplo de armazenamento 8 a 10 depósitos de 1000l em aço inoxidável; quadro elétrico; pequeno arrumo; ponto de água	o			o	o	o	o		40
SERVIÇOS									**57**
Balneários Vestiários, chuveiros e sanitários separados por sexo, para 2 a 3 pessoas			o				o		20
Laboratório com banca de trabalho					o	o		o	10
Arrumo									2
ZONA TÉCNICA									**6**
Espaço exterior ao edificio Bomba de calor para controlo térmico do espaço de produção	o	o			o	o			6
ÁREA ÚTIL TOTAL área dos espaços medida pelo perímetro interior das paredes que o delimitam									**178**
ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO área total do edifício medida pelo perímetro exterior das paredes exteriores contabilizando velha construção e nova construção									**292**

Fig. 62 - Programa do lagar de azeite, integrado na Casa de Cima.

do espaço de descarga ser posicionado fora da casa em questão. Desta forma, a descarga poderia relacionar-se de forma desimpedida com o cais exterior e tirar partido do desnível entre a cota exterior e a cota interior para posicionar o tegão de descarga, pensado como dispositivo articulador dos dois níveis.[21]

Com base nestes raciocínios e na organização geral dos lagares contemporâneos, desenvolveu-se o seguinte programa com capacidade de integração na pré-existência:

- Cais: espaço exterior adjacente ao edifício com espaço para manobras de veículos agrícolas e de transporte relacionadas com a descarga da azeitona e saída de azeite a granel;

- Área de descarga: núcleo exterior ao edifício pré-existente posicionado no cais adjacente onde se integra o tegão de descarga e uma cabine de controlo;

- Área de receção: ocorre já no interior do edifício pré-existente e partilha o compartimento central com a área de laboração. Integra uma máquina compacta de desfolhagem/lavagem[22] e uma segunda máquina de pesagem;

- Área de laboração: partilha o compartimento central com a receção e integra uma primeira máquina compacta de moenda/termobatedura/centrifugação horizontal[23], que realiza a extração de azeite, e uma segunda máquina de pesagem para cálculo do rendimento. Neste espaço deve constar uma pequena zona de arrumos e uma outra com quadros elétricos, partilhadas com a receção e com o armazenamento;

- Área de armazenamento: insere-se no compartimento norte do edifício pré-existente e alberga 8 a 10 depósitos de baixa capacidade[24] que, por serem mais baixos, não obrigam à necessidade de alteração do pé direito interior. Deve relacionar-se com o cais exterior;

- Área de serviços: insere-se no compartimento sul, com entrada independente do núcleo de produção e armazenamento, e integra dois balneários, respetivamente para sexo feminino e masculino com capacidade para duas a três pessoas[25], uma zona de arrumos e um laboratório;

- Área técnica: posicionada no exterior do edifício para a instalação de um equipamento de controlo da temperatura interior das áreas de receção, laboração e armazenamento;

- Área de tratamento de resíduos: posicionada no exterior do edifício com uma zona para instalação de um tegão com os excedentes da laboração e outra de compostagem;

---

21 | Esta hipótese foi analisada com um técnico da Casa de Santo Amaro e observada noutros lagares;
22 | Tendo em consideração os cálculos de produção/hora anteriormente explicitados, teve-se em conta a utilização da máquina TEM - DLE MINI (205cm x 135cm x 230cm);
23 | Teve-se em conta a utilização da máquina TEM – SINTESI 120 (214cm x 177cm x 159cm);
24 | Consideram-se depósitos com 1000l de capacidade, com um diâmetro de 100cm e uma altura de 198cm. Podiam ser tidos em conta depósitos menores ou maiores, desde que com altura inferior ao pé direito da estrutura antiga;
25 | Para um lagar desta dimensão previu-se, com um técnico da Casa de Santo Amaro, um máximo de três funcionários.

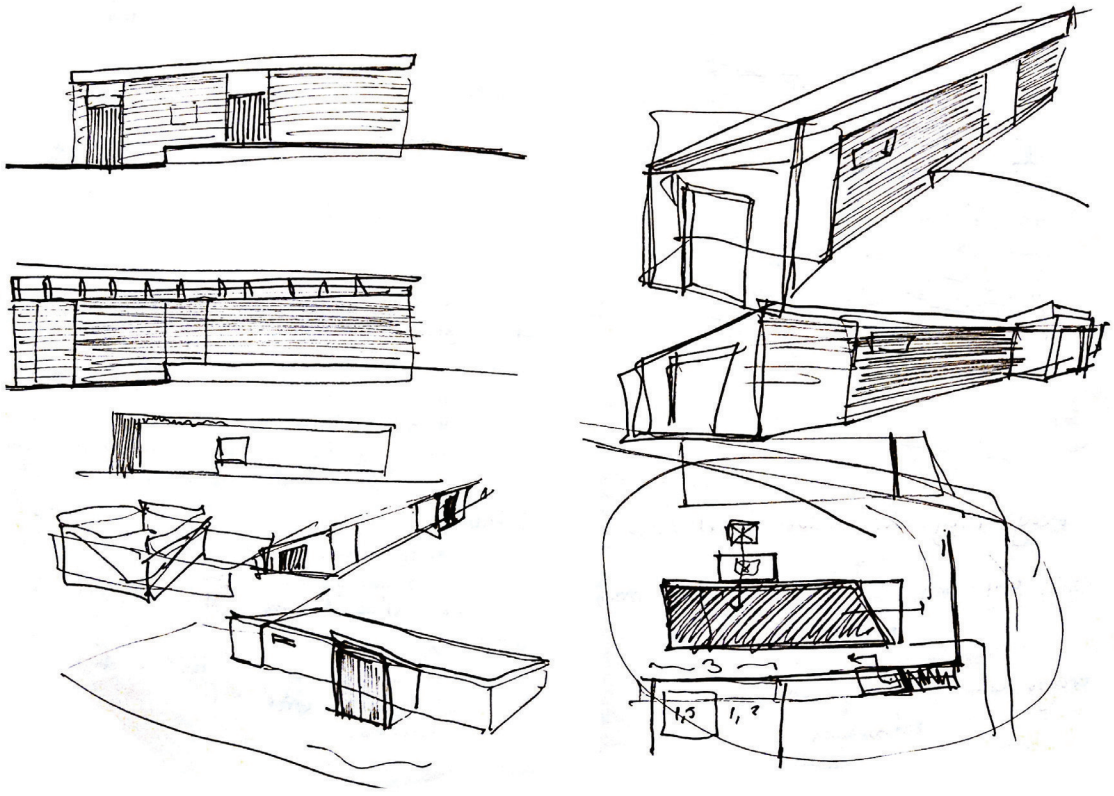


Fig. 63 - Equissos de projeto com formas de ligação entre o novo e a estrutura antiga. Estudo da relação da casa pré-existente com o cais exterior, através de dois volumes: um para a descarga de azeitona (com coberto e tegão de recolha) e outro para a saída de azeite a granel.

De salientar que se decidiu dispensar do programa uma área de engarrafamento e rotulagem, sendo que esta pode ser realizada fora da atividade do equipamento através da subcontratação de uma empresa embaladora. Esta opção foi discutida com o cliente e estudada com um técnico do setor, concluindo-se que a área reduzida da pré-existência e o baixo volume de produção previsto não justificavam o investimento numa unidade de engarrafamento.

Para além disso, é importante referir que a vertente turística associada ao azeite é remetida para o programa complementar, por ausência de espaço neste edifício e por se querer estender o projeto às Liberatas, tal como referido anteriormente.

Compreendidos os processos de extração, estudados os requisitos técnicos dos espaços, e definido o programa integrado de produção de azeite avançou-se com o desenvolvimento do projeto da Casa de Cima, apresentado de seguida.



Fig. 64 - Atualidade: frente poente da Casa de Cima.

2.3 PROJETO DA CASA DE CIMA | LAGAR



Fig. 65 - Simulação: frente principal da Casa de Cima, transformada em lagar de azeite, com relação com o cais.



Fig. 66 - Atualidade: compartimento central da Casa de Cima.



Fig. 67 - Simulação: sala de receção-laboração vista para a zona de descarga, com relação com o cais exterior.



Fig. 68 - Atualidade: compartimento central da Casa de Cima, visto na direção do compartimento Norte.



Fig. 69 - Simulação: sala de receção-laboração (1º plano), sala de armazenamento (2º plano) e relação com o cais exterior.

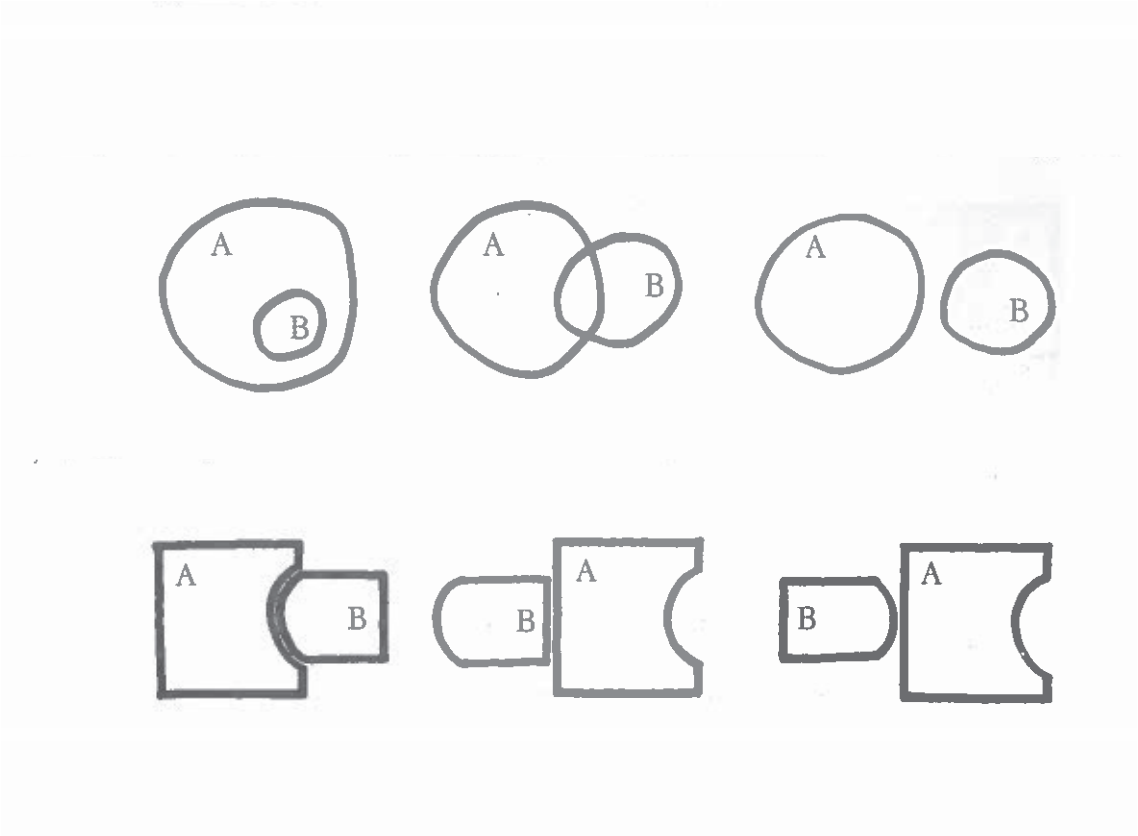


Fig. 70 - Em cima: formas de relação do antigo (A) com o novo (B) por inclusão, interseção ou exclusão. Em baixo: graus de compatibilidade entre os mesmos.

"No projecto, o sujeito investiga-informa-conflitua a partir do real, a partir das condições materiais de produção dos fenómenos: no mundo empírico circunstante liberta poeticamente a imaginação e aí recolhe os materiais a interpretar para a construção da arquitectura, pelo que esta resulta, antes de mais, como modificação da paisagem histórica. O acto criativo interroga e estabiliza, caso a caso, a expressão prospectiva e propositiva do desenho, valorizando a individualidade do gesto e, simultaneamente, o conhecimento como inteligência prática da condição oficinal do projeto que, na distância à realidade, orienta e provoca o espaço (d)e invenção"[1]

Numa fase embrionária do trabalho, desencadeados por uma certa ansiedade de projetar, surgiram primeiros esboços livres e exploratórios sob forma de primeira aproximação ao lugar e aos problemas teórico-práticos desencadeados pelo lançamento do trabalho. As primeiras ideias, ingénuas poder-se-á dizer, rapidamente se transformaram nas questões que direcionaram a investigação e a reflexão sobre o edificado, a circunstância e o programa de intervenção. Com o decorrer do trabalho o projeto foi-se transformando e ganhando coerência, e com a experiência vivida e com estudo do lugar foi adquirindo forma, através de um desenho que foi sendo progressivamente ajustado com o conhecimento sobre as temáticas abordadas.

A reflexão edifício-circunstância-programa foi fundamental para a conceção de uma postura crítica de intervenção e para a imaginação[2], tornando possível a criação e a aplicação do programa funcional em diálogo com as possibilidades oferecidas pelas pré-existências. As casas existentes tornaram-se suporte do imaginário do projeto, que parte da (re)interpretação da realidade e da capacidade de transformação das estruturas antigas para o desenvolvimento de uma proposta arquitectónica singular.

(...) para mim, um projeto é, em cada caso, uma proclamação, uma avaliação e uma declaração de intenções. Precisamente porque é arquitectura, precisamente porque tem de se confrontar com um munido formal existente, um projecto é sempre, acima de tudo, a expressão de um juízo sobre a arquitetura, (...) como é, como foi, e como poderia ser. Um juízo sobre a história, incluindo a história contemporânea, e sobre as condições do nosso trabalho. Um juízo explícito destinado a servir um objetivo e que devia ser olhado como tal, hoje mais que nunca". [3]

Com consciência de que *"não existe uma solução única, nem tão-pouco respostas definitivas"*[4], o projeto assume um caráter experimental e consiste numa resposta prática, pessoal e portanto subjetiva perante a realidade estudada e os problemas que se

1 | MENDES, Manuel, *Terra quanto a vejas, casa quanto baste*. In: ALVES COSTA, Alexandre (ed.) (2008) *Só nós e Santa Tecla*. Porto: Dafne Editora. p. 124;
2 | *"A questão fundamental que navega entre nós arquitectos é imaginar as coisas que ainda não existem (...) Para enfrentar essa questão, devemos começar invocando aquilo que a experiência humana acumulou em forma de conhecimento, desde as origens de nossa existência até hoje. Um arquitecto deve pensar de cara em história de arquitectura, se debruçar sobre os testemunhos que temos - alguns muito emocionantes. (...) se você vai fazer um projeto, antes de mais nada deve ser capaz de invocar a memória sobre um saber, ainda que não tenha consciência de que sabe. «Pelo que no projecto, o estudo da arquitectura provoca-se pelo projecto»".* Ibidem;
3 | SOUTO DE MOURA, Eduardo (1998) *Projetos para a cidade antiga.* In: CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima (ed.) (1999) *Building upon time: Souto de Moura, Rafael Moneo e Giorgio Grassi*. Lisboa: Estar. p. 17;
4 | MENDES, Manuel, Op. Cit., p. 102;

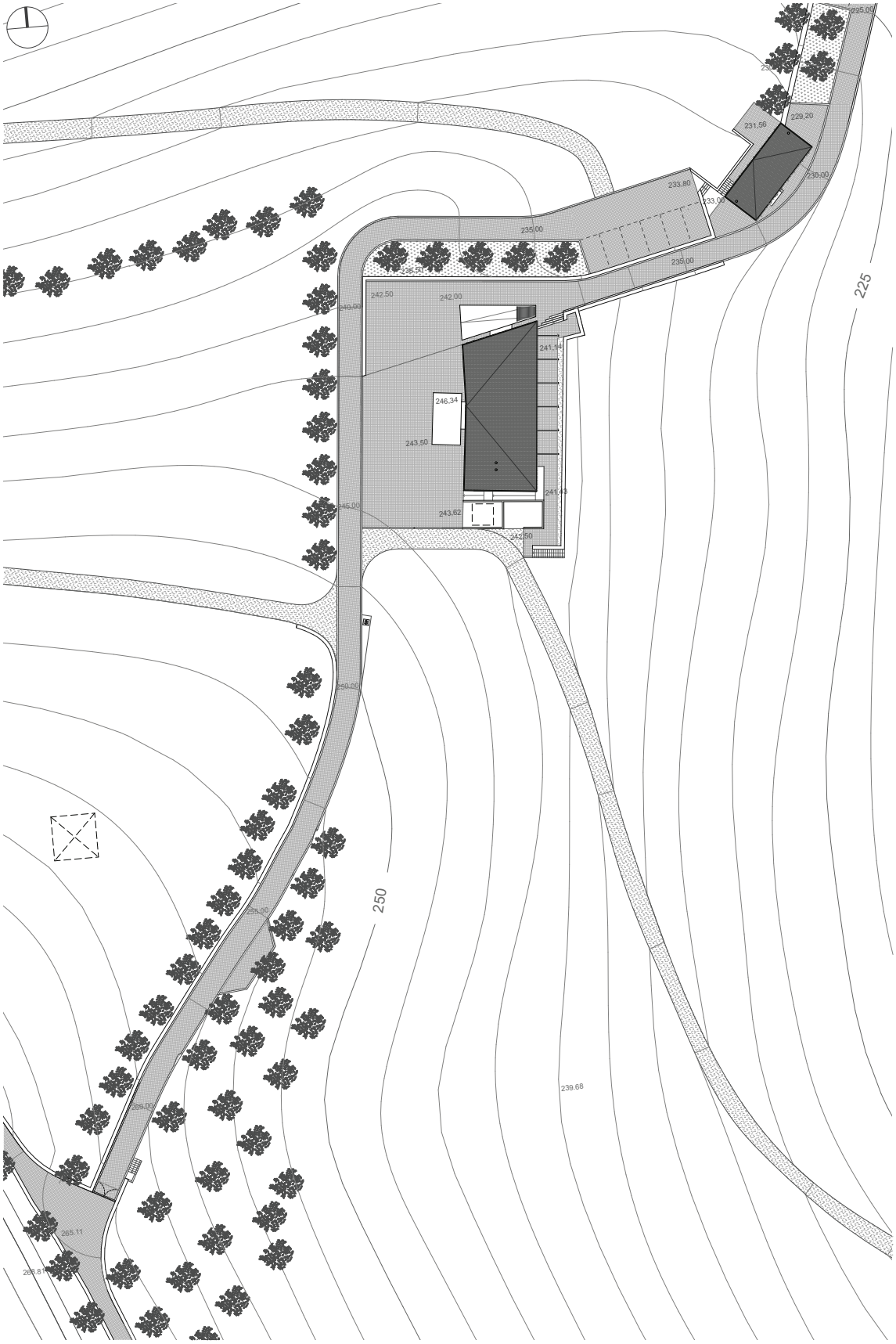


Fig. 71 - Planta de coberturas da Casa de Cima (lagar) com: reformulação da entrada no setor, reestruturação do percurso existente e criação de um cais. Com a intervenção, o cais e o percurso são ladeados por um conjunto de oliveiras novas e antigas (algumas transladadas) que enquadram o equipamento de produção de azeite. Escala 1:300

apresentam, sendo uma de muitas soluções possíveis. A reflexão sobre esses problemas motiva a interpretação do existente e sustenta as opções do projeto.

Partindo da condição de ruína, antes de qualquer operação maior de modificação, inicialmente opta-se por consolidar a estrutura antiga através da reconstituição dos elementos principais em falta. Motivado pela vontade de restabelecer um todo coerente com as características vernaculares da construção e com a vontade de preservar a materialidade do ambiente rural na paisagem, o projeto completa a ruína a céu aberto com uma nova cobertura com telhado, que reproduz a configuração original da estrutura que em parte perdura. Assim, a casa recebe quatro vigas de madeira dispostas no sentido longitudinal (dimensionadas a partir do seu maior vão) sobre as quais pousam os restantes vigamentos menores de suporte da cobertura. Não obstante a necessidade de uma transformação profunda da pré-existência, para que possa integrar a atividade de produção, com esta ação de consolidação da casa antiga pretende-se perpetuar o caráter tradicional do edifício e desfazer o seu estado incompleto, visivelmente mais acentuado do que os restantes. Deste modo, estabelece-se um ponto de partida idêntico ao conjunto das três casas em que se intervêm.

Consolidado o essencial da estrutura antiga, deixou-se que esta se manifestasse e que mostrasse a sua receptividade a novos modos de funcionamento, novas relações e associações. Nesse sentido, o potencial do troço inicial do caminho (entre o portão e a Casa de Cima) como eixo estruturante para atividade de produção definiu em larga medida o novo funcionamento do edifício e as relações que se constroem no projeto. A importância vital deste espaço determina a reformulação da entrada no setor, a reestruturação e o alargamento do percurso existente, com instalação das infraestruturas de água e luz necessários à nova função, e a localização estratégica do cais do lagar na articulação entre a construção e o referido caminho.

Através da associação dos caminhos contíguos, da transladação das oliveiras existentes entre os dois e de uma operação de estabilização de cotas, possibilita-se a criação de uma plataforma/cais propício à atividade de produção, com dimensão suficiente para que ocorram as manobras relacionadas com a entrada da azeitona no lagar e a saída de azeite a granel. Ao mesmo tempo, a plataforma dá escala ao edifício. Esta modificação cria a possibilidade e a necessidade de intervir na estrutura antiga, para encontrar uma nova relação justa e equilibrada com esta frente estratégica. Importa relembrar que a casa pré-existente se encontra voltada de costas para este espaço, com paredes cegas nas respetivas frentes de relação - um factor determinante para a aventura[5] que compõe esta intervenção.

A necessidade de abrir paredes cegas origina a reflexão sobre como relacionar o espaço interior com o cais exterior e de como ligar as áreas de produção localizadas em compartimentos não comunicantes. Para além desta necessidade de modificação, surge

5 | *"Cuando un edifício se comienza a pensar, en los primeiros dibujos que cuidan el proyecto, ya se adivinha que el orden no va a seguir reglas previsibles. El orden descansa en lo elemental, en lo genuíno. (...) Pero sin embargo el orden del proyecto no puede ser repetido, es una creación y constituye una aventura. Es impredecible e irrepetible".* SANTA-MARIA, Luis (2004) *Intersecciones*. Madrid: Rueda. p. 26;

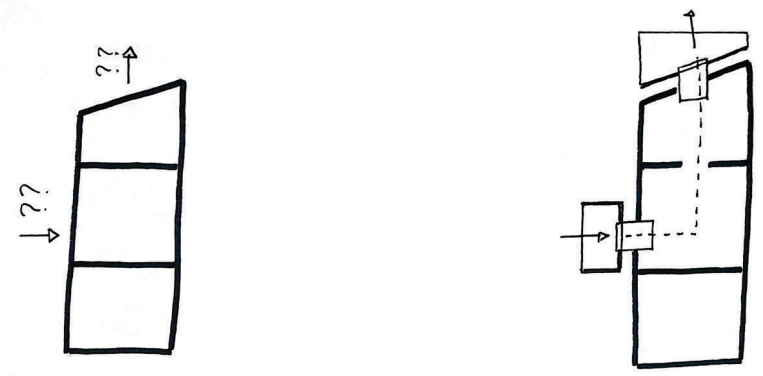


Fig. 73 - Esquissos com conceito da intervenção: da pré-existência com paredes cegas e sem ligação entre compartimentos à definição de um circuito de produção com relação com o cais.

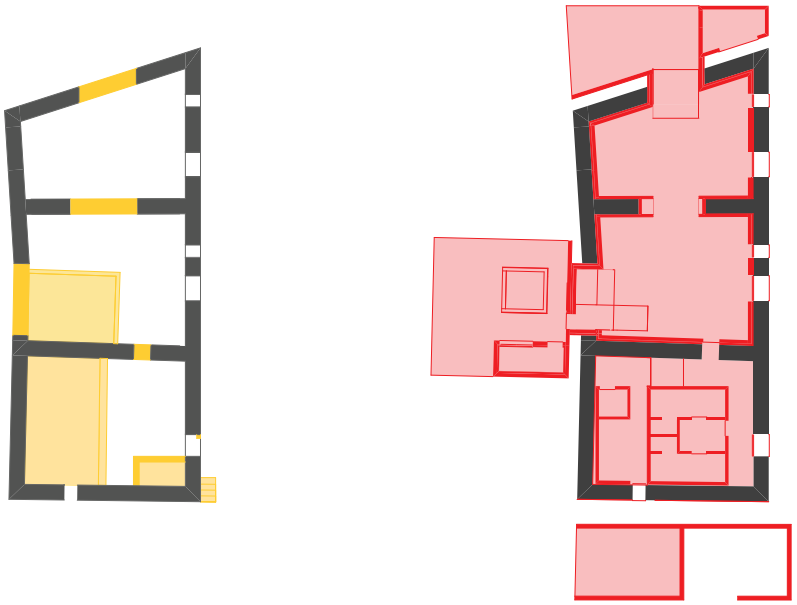


Fig. 72 - Esquemas de demolição (amarelos) e construção (vermelhos). Escala 1:400

a necessidade de intersetar[6] e associar[7] novos espaços para colocar em prática o novo programa, nomeadamente no que diz respeito à descarga da azeitona, à saída de azeite e ao funcionamento da área de serviços. Assim, introduzem-se dois corpos que furam as paredes pré-existentes e posicionam-se dois volumes simples[8], em betão, nas frentes Norte e Oeste. Tal como máquinas autónomas, estes volumes encerram em si todos os requisitos e mecanismos necessários à função de descarga da azeitona e de saída de azeite. Além destes, introduzem-se outros dois volumes no interior do compartimento Sul, posicionados soltos dos limites antigos, que organizam a área de serviços do equipamento.

No que diz respeito aos corpos de ligação, tal como se observa nos volumes que ligam o edifício original ao corpo ampliado da Casa na Chamusca da Beira do arquiteto João Mendes Ribeiro, pode-se dizer que *"(...) o espaço que separa- e liga –as formas é também forma (...)"*[9]. No caso do projeto da Casa de Cima, em vez do revestimento em aço corten, os volumes de ligação são cobertos por aço polido no exterior, tal como é feito na construção de apoio à piscina da mesma obra. Com esta opção anula-se presença exterior das ligações através da reflexão das paredes de xisto e de betão, criando a ilusão de se manterem intactos os limites do edifício antigo e dos dois volumes adicionados, sublinhando as suas diferenças de forma clara e respeitadora.

Relativamente aos dois volumes exteriores, se por um lado se justifica o posicionamento afastado do edifício existente por razões funcionais de mediação entre o espaço interior e o exterior, por outro fundamenta-se a sua conceção na procura de um diálogo formal e material que distingue a estrutura antiga da nova construção, seguindo uma postura próxima daquela que conduziu o projeto Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas dos Açores. Citando os arquitetos a propósito desta obra, *"O projeto não exagera nas diferenças entre os antigos e novos edifícios. Pelo contrário, procura unir as diferentes escalas e memórias de suas partes em toda uma manipulação pictórica da forma e materialidade dos edifícios - as construções existentes são marcadas pela alvenaria de pedra vulcânica e os novos edifícios são caracterizados por uma forma abstrata, sem referência ou alusão a qualquer linguagem. Construído em concreto com inertes de basalto local, trabalha continuamente com a variação de texturas e rugosidade das superfícies, complementando a massa dos edifícios com o vazio dos pátios. (...) novos edifícios são colocados ao lado dos já existentes, de forma serena - sublinhando a*

---

6 | *"Mas allá de ser un concepto geométrico o matemático, una intersección es un encuentro, un ajuste, el aviso de una ligadura que, entre infinitas posibles, se há hecho única e irrepetible. Todo está alerta ante lo outro, todo sonrie, puede estar próximo, es crucial. Esta intersección, que pude ser largamente admirada en las obras de arquitectura, se explica también como una reacción y como un acontecimento. La intersección se crea. El trabajo creativo intersecta. Nada está del todo dicho. A arquitectura de cualquier tiempo da señales legibles – e ilegibles – de hasta qué punto, en este mundo de intriga, en medio de esta bruma, todo puede estar relacionado".* SANTA-MARIA, Luis (2004) Idem, p. 7*;*

7 | *"In actual fact, the superimposition of two structures – through their relationship, their difference and at the same their proximity – favours the emergence of unexpected phenomena: new usages, behaviour patterns, new visions".* LACATON, Anne, VASSAL Jean Philippe (2001) *Structural freedom, a precondition for the miracle.* In: 2*G Lacaton & Vassal* (2001) n.º 60. Barcelona: Gustavo Gili. p. 163;

8 | *"Cuando me pongo a diseñar en un paisaje determinado, mi elección tipológica sempre tiene que ver com la claridade. Intento proyectar volúmenes y anatomias sencillos y claros cuyos efectos sean óbvios, intervenciones sustanciales que todo el mundo entiend enseguida".* ZUMTHOR, Peter (2014) *Pensar la Arquitectura*. 3ª edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. p. 100;

9 | TÁVORA, Fernando (1993) *Teoria geral da organização do espaço: arquitetura e urbanismo: a lição das constantes*. Porto: FAUP Publicações. p. 24;

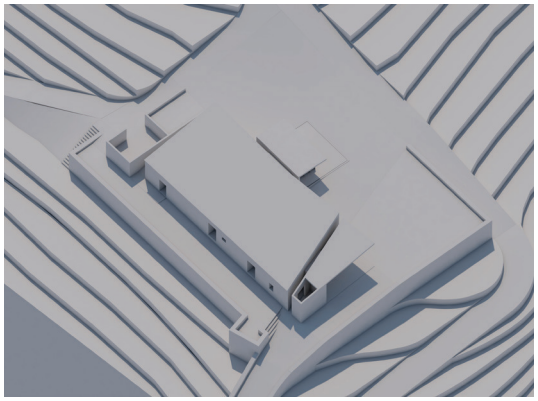


Fig. 74 - Vista do modelo digital com coberturas.

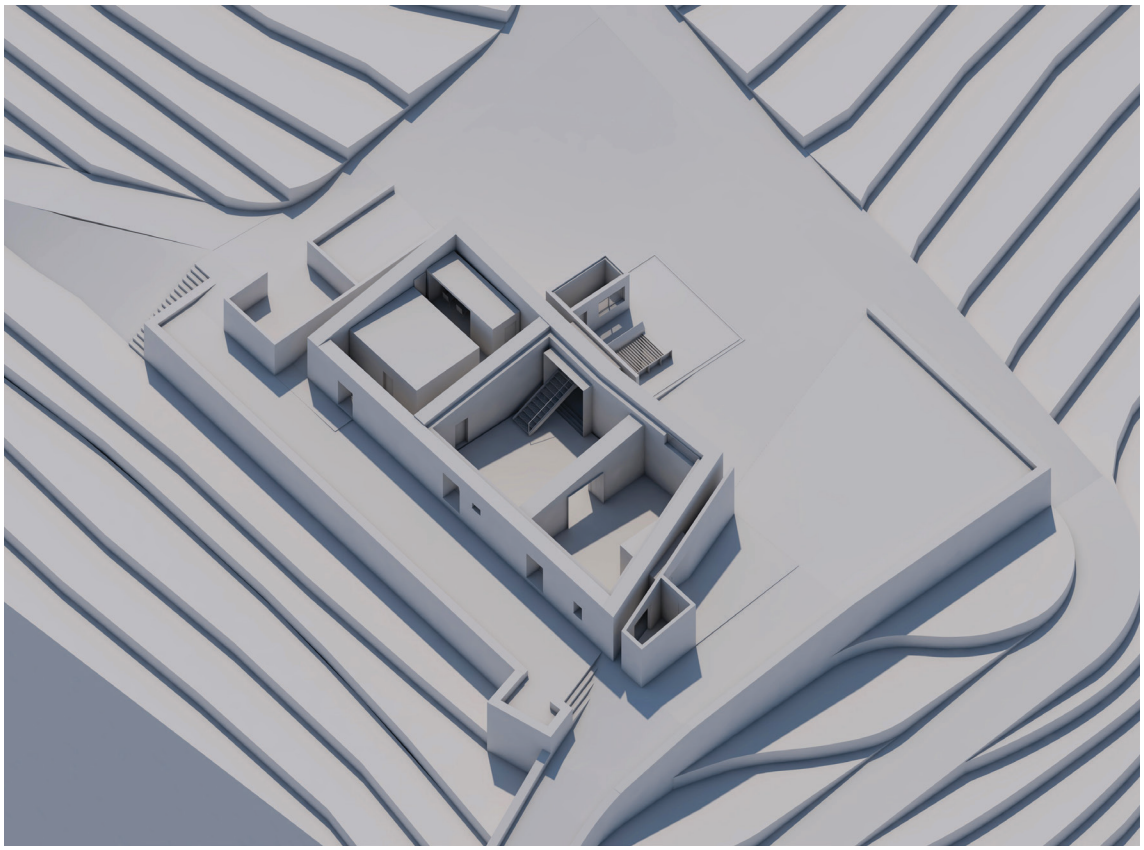


Fig. 75 - Vista do modelo digital sem coberturas.

memória arquitetónica de um determinado período e uma adição, que não danifica, nem subverte, as estruturas construtivas do todo. O contexto e a contiguidade contribuem para a autonomia do objeto".[10]

De forma análoga, acredita-se que este projeto também constrói um diálogo "sereno" com a pré-existência, no qual participam volumes em betão de grande contenção formal, reduzidos ao essencial, onde se procuram as relações certas com o contexto precedente, para que da proposta de intervenção resulte um novo começo. A configuração dos volumes denota a evolução técnica das formas da arquitetura e dos materiais empregues na construção[11], contribuindo para um certo caráter autónomo dos corpos adicionados. Apesar dessa autonomia, estabelece-se uma relação de interdependência ente as formas novas e as formas antigas, construindo um conjunto simbiótico que concede harmonia à intervenção.

Em relação à materialidade dos volumes adicionados, procurava-se um material com caráter perene como a pedra e que esse proviesse igualmente da terra. Considerou-se construir em xisto de forma próxima à que se observa na pré-existência, ou mesmo através de um uso mais contemporâneo do material, como aplicado na Adega da Quinta do Vallado, mas considerou-se que isso poderia constituir uma limitação às ideias do projeto. Por outro lado, existindo a vontade de clarificar os tempos diferentes das partes que compõe o todo, opta-se pela utilização do betão. Este é um material que não é novo no Douro[12] e que, assim como a pedra, provem igualmente da Natureza, apesar de mais manipulada e transformada[13]. Para além disso, dispõe de uma enorme capacidade de adaptação a situações diversas e de uma infinidade de possibilidades de expressão, podendo caracterizar-se por diferentes tipos de cofragem e pela alteração da sua composição. Nesse sentido, à semelhança da obra nos Açores, recorre-se à utilização do betão desativado com inertes do Douro, alcançando uma expressividade que integra e valoriza o contexto envolvente [14], sendo ao mesmo tempo reflexo da sua época.

Para além desta relação que se cria entre o edifício antigo e o cais exterior, a intervenção pressupõe a instauração de uma nova ordem[15] no espaço interior que, como uma força

---

10 | MENOS É MAIS ARQUITECTOS + JOÃO MENDES RIBEIRO (2015) *Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas*. (Online) Archdaily. Disponível em: http://www.archdaily.com.br/br/762180/arquipelago-centro-de-artes-contemporaneas-menos-e-mais-arquitectos-plus-joao-mendes-ribeiro-arquitecto;

11 | *"A arquitetura não trata a criação de formas criadas por caprichos, trata sim, de erguer espaços de uma forma racional que também pertence ao tempo em que foram construídas, com a confiança da sua época. A arquitetura tem-se desenvolvido a par da evolução tecnológica e por isso se diz que a arquitetura de valor, é a quem tem o caráter de uma verdadeira investigação".* CAMPO BAEZA, Alberto (2013) *Principia Architectónica*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. p. 27;

12 | Veja-se o Museu do Côa, do arquiteto Camilo Rebelo, por exemplo;

13 | "*Considere-se o vidro, o aço e o betão: os três materiais mais modernos que tornaram possível a Arqutiectura contemporânea. Estes tem origem na Natureza. O artifício, a tecnologia desses materiais não é mais do que a transformação da Natureza de acordo com o pensamento do homem, de acordo com a razão".* CAMPO BAEZA, Alberto (2013) Op. Cit., p. 75;

14 | *"(...) cuando construyo en un paisaje me asseguro de que los materiales com los que construyo encajen com lo sustancial del paisaje formado a lo largo de la história. La sustância física de lo construído debe harmonizar com la sustância física del entorno. (...) El material y la construcción tienem que relacionar con el lugar, y a veces incluso proceder directamente de él. (...) Tengo que elegir el material de modo que se logre una sensación de integridade y autenticidade. Los edifícios en el paisage deben envejecer de una forma hermosa".* ZUMTHOR, Peter, Op. Cit., p. 99;

15 | *"La creación de una obra supone la apertura de un ordem, la demonstración de que es posible ordenar, es decir,*



Fig. 76 - Simulação: laboratório.

criadora[16], estabelece a lógica operacional do lagar de azeite e a localização das várias áreas do programa funcional, bem como as máquinas e os depósitos. Nesse sentido, para garantir o funcionamento do espaço de produção, abre-se um novo vão na parede entre o compartimento central e o compartimento Norte, para ligar as áreas de receção-laboração e de armazenamento. Para além deste, também se introduz uma porta de ligação ao compartimento sul, onde se organizam os serviços, no lugar do pequeno vão identificado no levantamento da parede correspondente.

O circuito de produção tem início no volume em betão posicionado a poente da casa antiga, que consiste numa plataforma semi-coberta com um tegão de recolha, onde ocorre a descarga da azeitona. Este processo pode ocorrer manualmente a partir de sacos e palotes de plástico ou por sistema de báscula em veículos, sendo gerido a partir de uma cabine de controlo localizada dentro do mesmo volume. Do tegão, a azeitona cai num tapete mecânico que a conduz até ao coração do lagar, no compartimento central, onde se situam as máquinas responsáveis pela transformação do fruto em azeite. Terminada a extração, o azeite é encaminhado para os depósitos de inox do espaço de armazenamento, no compartimento Norte, com ligação ao cais pelo segundo volume exterior. Este volume forma outro coberto que auxilia o processo de saída de azeite a granel, com portas com dimensão suficiente para viabilizar a movimentação interior/exterior das máquinas envolvidas na atividade do lagar. Neste espaço existe uma tubagem que atravessa as paredes, ao qual se pode ligar uma bomba e duas mangueiras (uma no interior e outra no exterior) para ligar os depósitos de armazenamento a depósitos alimentares no exterior, transportados em carrinhas. Deste modo torna-se possível realizar a trasfega sem que seja preciso abrir portas, o que contribui para o controlo da atmosfera interior.

Com caráter autónomo em relação ao circuito de produção, o lagar dispõe de uma entrada de serviço que se realiza na frente nascente – cuja fachada, videira em ramada e muro, se quer preservar - através de uma rampa que conduz ao compartimento com balneários e laboratório. Ao lado deste acesso, remata-se o conjunto arquitetónico com um embasamento em betão onde se posiciona um tegão de recolha dos excedentes da receção-laboração e uma área de compostagem, ambos com relaçao com o cais. Já no interior do compartimento, o volume dos balneários integra uma entrada e lavatório comuns e dispõe de espaços de sanitários, vestiários, cacifos e chuveiros separados por sexo, ventilados mecanicamente pela cobertura. O teto em policarbonato alveolar, mais baixo do que a cobertura do edifício, impede a propagação de cheiros e de humidade, permite a entrada de luz difusa, natural ou artificial e possibilita que se visualize a estrutura da cobertura a partir do volume do laboratório, posicionado num nível superior. Este último funciona como um nicho revestido em aço inoxidável, um material que é propício ao funcionamento do laboratório e que cria, ao mesmo tempo, a ilusão de um espaço maior e mais luminoso.

---

distinguir, separar, aparejar, dar crédito, nombrar de outra manera. (...) El orden es también una inspiración, una inspiración mayor que la que se disse proviene de las ideas, puesto que informa en cada acto y en cada instante el caminho a seguir por el proyecto; lo inspira, es decir, lo afecta desde dentro". SANTA-MARIA, Luis Martinez (2004) Op. Cit., p. 20;

16 | *"Para Louis Kahn el orden es una fuerza creadora . La palabra orden viene aqui a substituir urgentemente a las palabras idea o argumento (...) El sometimiento a un orden determina para un proyecto una estrutura irrebatible a la que sólo cabe ir perfeccionando. (...) Entonces, como mundo ordenado, como organización, la arquitectura supone un acontecimiento".* Idem, p. 22;



Fig. 77 - Simulação: relação do edifício com o cais (criado) e com o percurso (reestruturado).

Com o intuito de dotar o espaço de produção das condições necessárias à atividade de extração, definiu-se conjuntamente com o engenheiro Raul Bessa[17] uma solução que introduz uma parede nova no perímetro interior das áreas de receção-laboração e de armazenamento, com um sistema de controlo térmico do espaço. Esta parede é constituída por uma camada de betão e outra de isolamento térmico[18] e integra um sistema de aquecimento radiante alimentado por uma bomba de calor de baixa temperatura , instalada numa área técnica exterior. Esta solução permite a determinação de uma temperatura ideal no ambiente de produção, fácil de manter devido à inércia térmica das paredes e da cobertura, igualmente isolada.

Com vista à impermeabilização e higienização das superfícies, recorre-se à utilização de betão hidrófugo com pintura impermeabilizante nas paredes adicionadas e aplica-se uma pintura impermeabilizante (branca mate) na estrutura de madeira da cobertura. Relativamente ao pavimento, recorre-se a uma solução em microcimento com acabamento endurecedor[19], para resistir às cargas pesadas das máquinas e depósitos. Dada a necessidade de lavagens de água regulares, os limites das áreas de produção são equipados com um sistema de drenagem de água, ou de azeite em caso de derrame, no contacto entre o chão e as paredes. O espaço está equipado com uma pia para os funcionários, torneiras para utilização de mangueiras e integra janelas com abertura controlada para que se possa ventilar naturalmente. Os novos caixilhos são constituídos por perfis de latão com dimensões reduzidas e por vidro duplo espelhado no exterior. Procura-se reduzir a sua presença no edifício, mantendo a profundidade das paredes de pedra e perpetuando a leitura do existente.

Em conclusão, a Casa de Cima expressa uma postura crítica que demonstra a importância da arquitetura na montagem do processo de produção de azeite, com exigências de produto natural de elevada qualidade. Trata-se de um equipamento com características alternativas aos que dominam o setor oleícola, pela escala reduzida e pela integração do programa numa pré-existência originalmente desadequada à função de lagar, apresentando um caráter inovador no âmbito da olivicultura. O projeto ajusta-se a um contexto particular e concilia as especificidades de um exercício de reabilitação e de uma produção limitada com os requisitos técnicos necessários à atividade de produção.

O projeto integra estruturas de tempos distintos num todo coerente e equilibrado que, através de um forte sentido de adaptação e de conciliação das partes, resulta na possibilidade de operacionalização de uma estrutura rural e numa alteração de significado, que ultrapassa as questões da reabilitação e extravasa o universo da Quinta. Ao mesmo tempo que contribui de forma direta para a sustentabilidade das atividades agrícolas da marca, o projeto estabelece, em pleno no Douro, um equipamento com um papel ativo na manutenção e estabilização da oliveira no território. A intervenção vai para além do edifício e torna-se paisagem, ganhando uma importância e uma amarração acrescidas.

17 | Eng. Raul Bessa (GET - Gestão de Energia Térmica), especialista em engenharia de climatização e perito de certificação energética de edifícios;

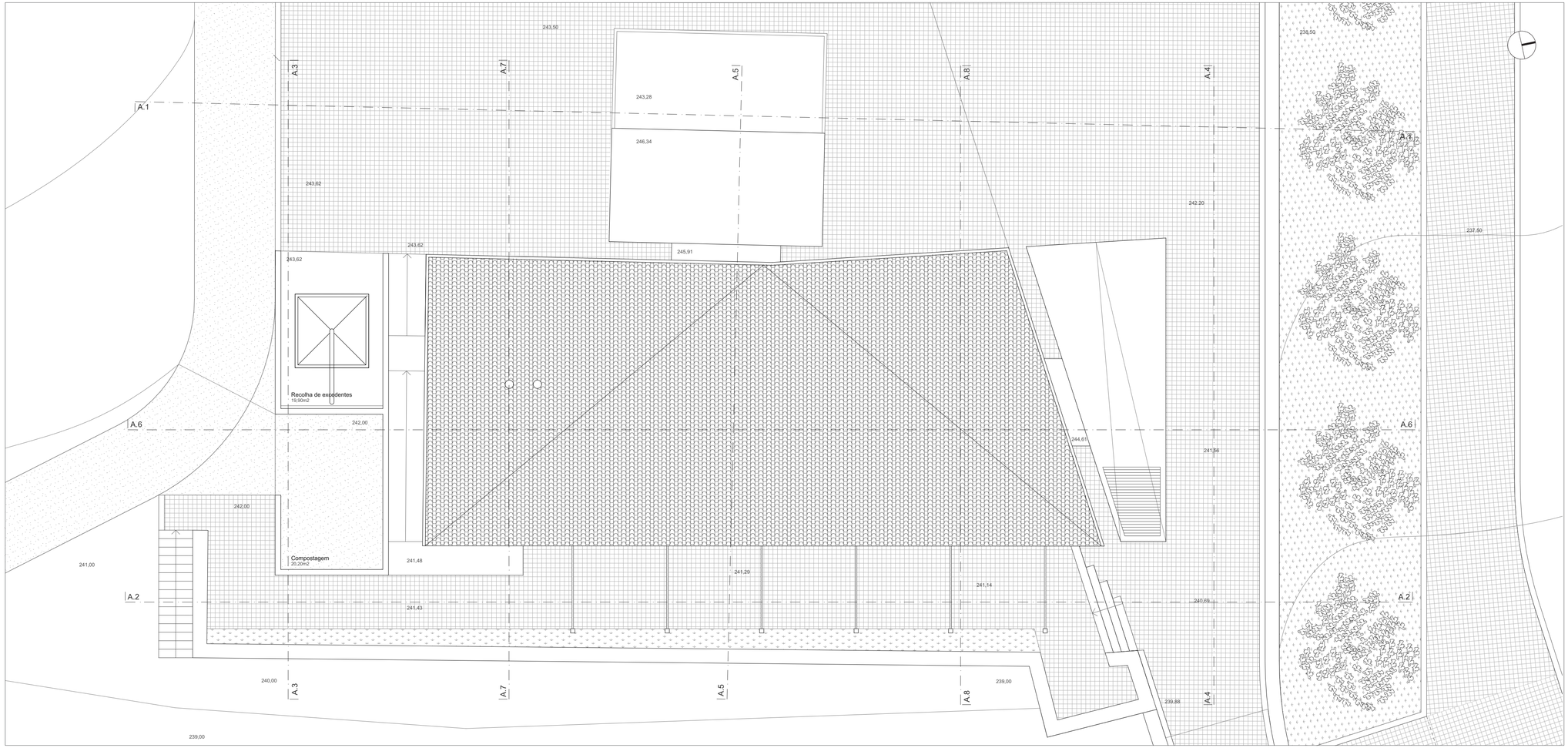
18 | Parede: 18cm de betão e 10cm de isolamento térmico. Cobertura: 20cm de isolamento térmico;

19 | O betão à vista e o microcimento do pavimento conferem uma unidade ao espaço que se aproxima das características de algumas adegas nacionais de referência, tais como a Adega da Quinta do Vallado ou a Adega Mayor, por exemplo.



Planta da intervenção no setor

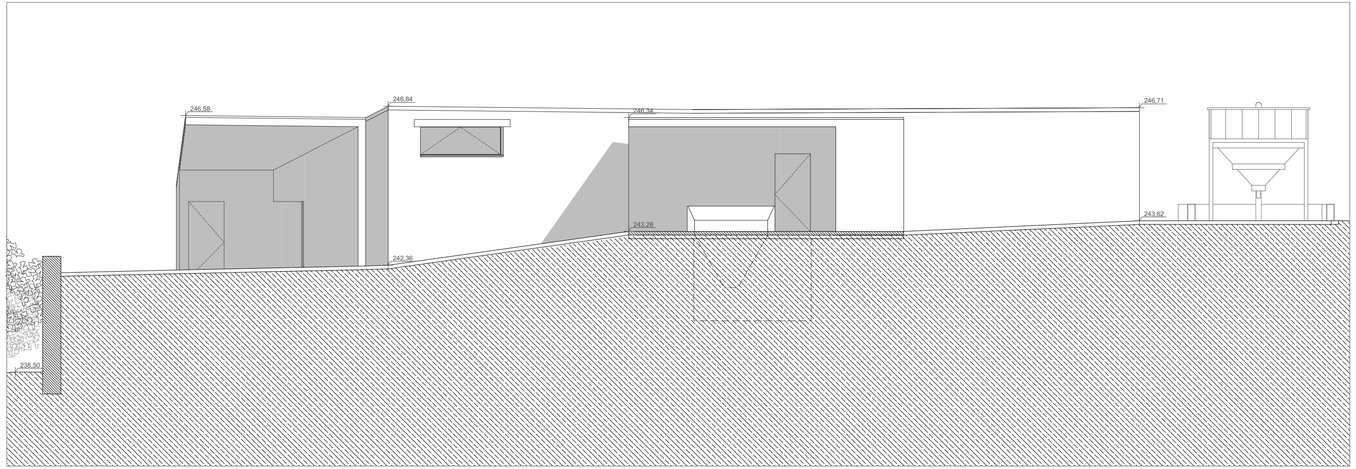
SETOR DE PROJETO 1



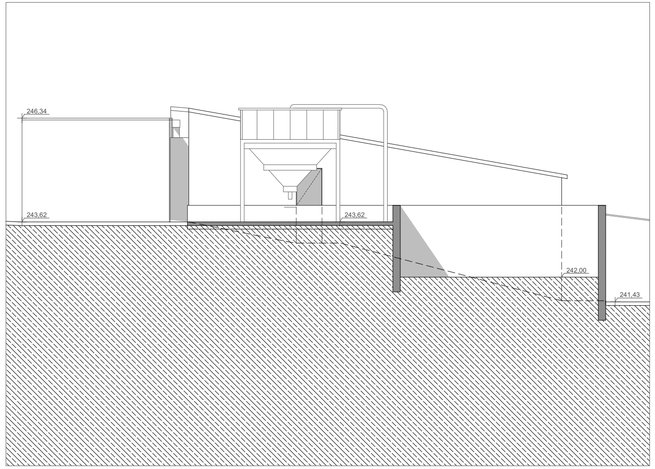
Planta de coberturas

CASA DE CIMA | lagar 2

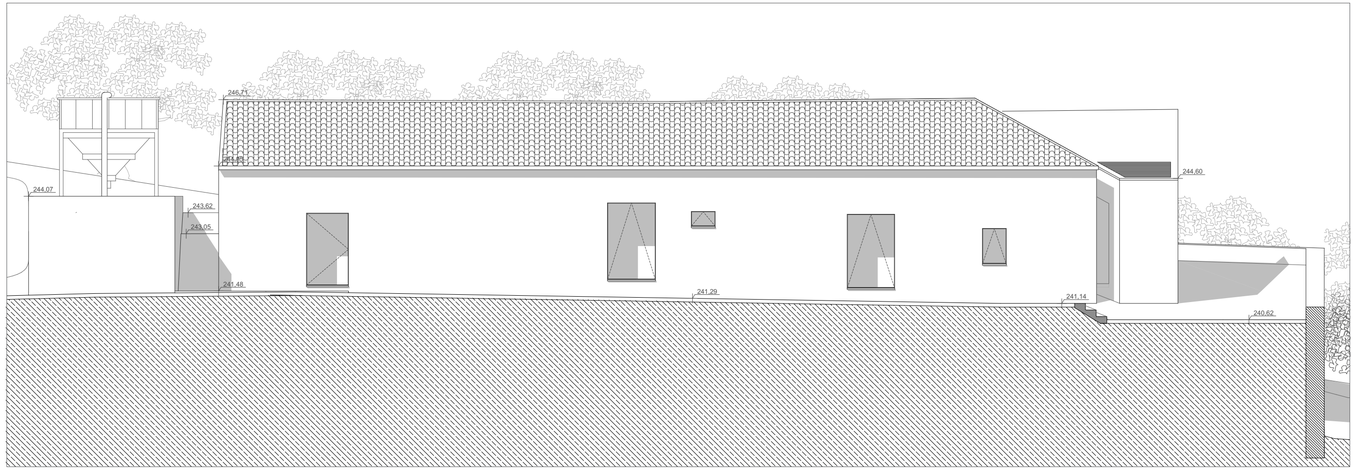
Projeto de Lagar de Azeite e Agroturismo na Quinta dos Poços | Reflexão, Programa Integrado e Operacionalização de Estruturas Rurais | Miguel Menezes | Escala 1:100



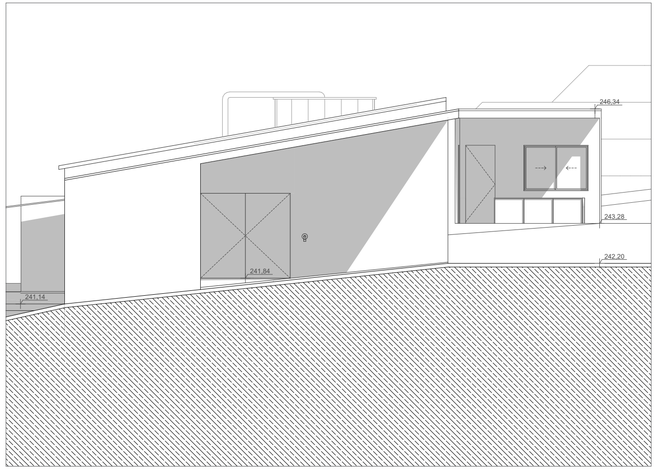
Perfil A.1 (alçado Oeste, voltado para o cais)



Perfil A.3 (alçado Sul; corte pelas áreas de recolha de bagaço de azeitona e de compostagem)

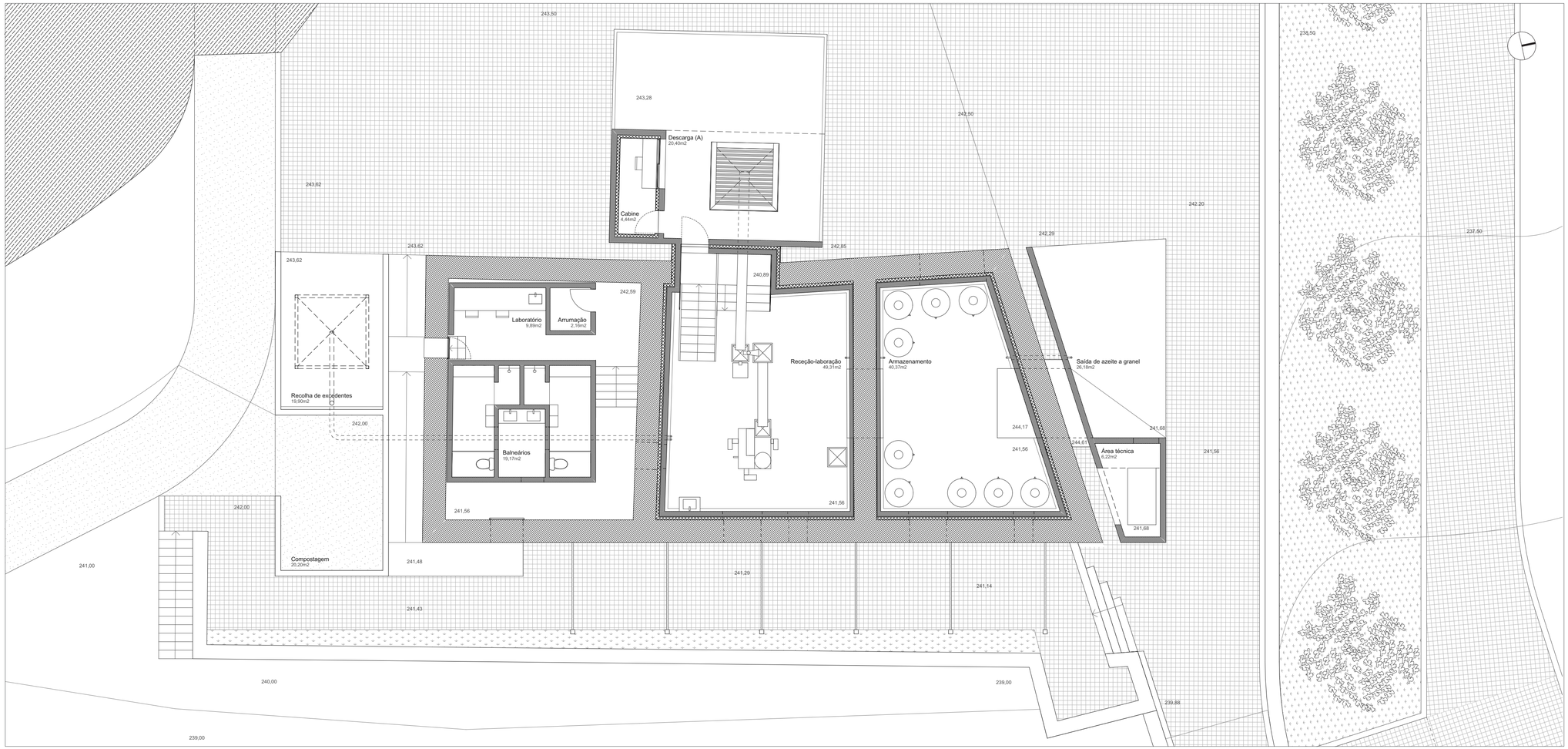


Perfil A.2 (alçado Este)

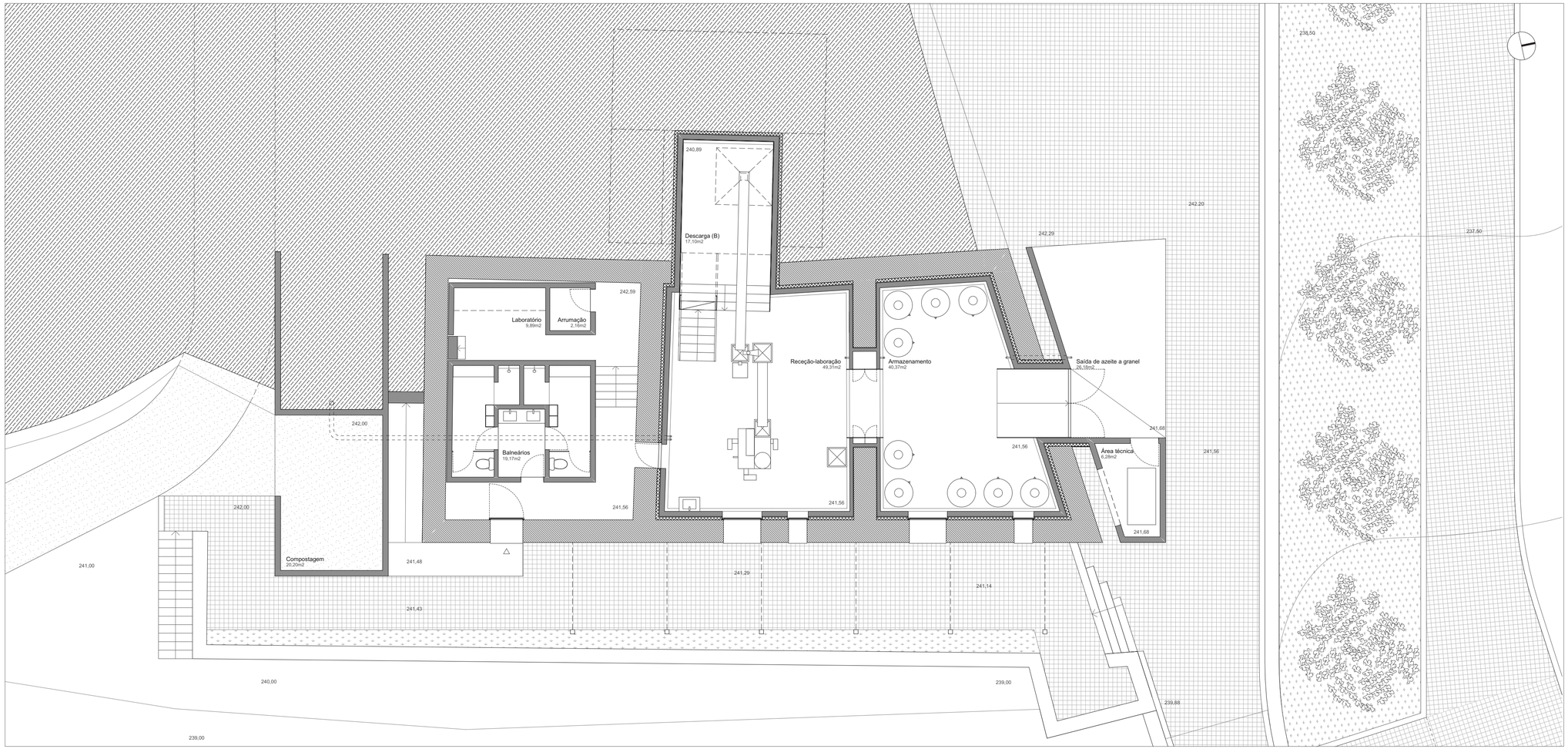


Perfil A.4 (alçado Norte)

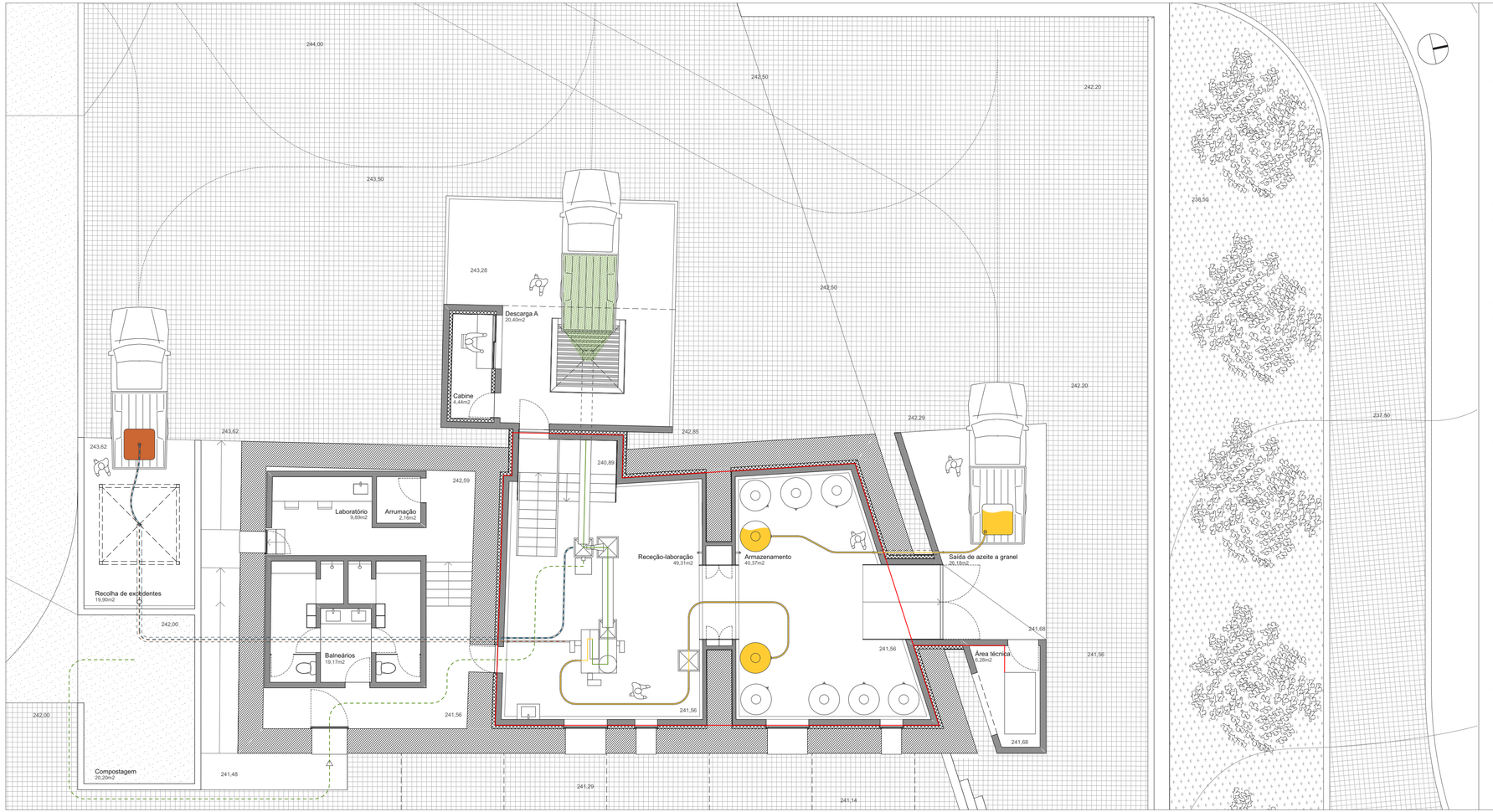
CASA DE CIMA | lagar 3



Planta à cota 244,48 (nível superior)



Planta à cota 242,76 (nível inferior)



Planta explicativa com lógica operacional do lagar

Azeitona

Depois de descarregada, é conduzida para a unidade de desfolhagem-lavagem, através de um tapete mecânico. De seguida, passa por um sistema de pesagem em movimento. Depois, através de um segundo tapete, vai para a unidade que efetua a extração.

Azeite

Saído da unidade de moenda-termobatedura-centrifugação (que faz a extração), é conduzido por uma mangueira e bomba para uma balança, onde se calcula o rendimento e se realiza uma prova de qualidade. Depois, segue para os depósitos de inox, igualmente através de mangueiras e bombas. Na sala de armazenamento existe um tubo de inox que a liga ao coberto exterior, permitindo realizar a trasfega de azeite dos depósitos de inox para depósitos alimentares no exterior, sendo levado para fora do equipamento.

Água residual

Saída da unidade de desfolhagem-lavagem, é conduzida para o tegão exterior de recolha de excedentes, primeiro através de uma mangueira e bomba, e depois através de um tubo de inox soterrado, com ligação à parede de betão interior.

Folhas e ramos

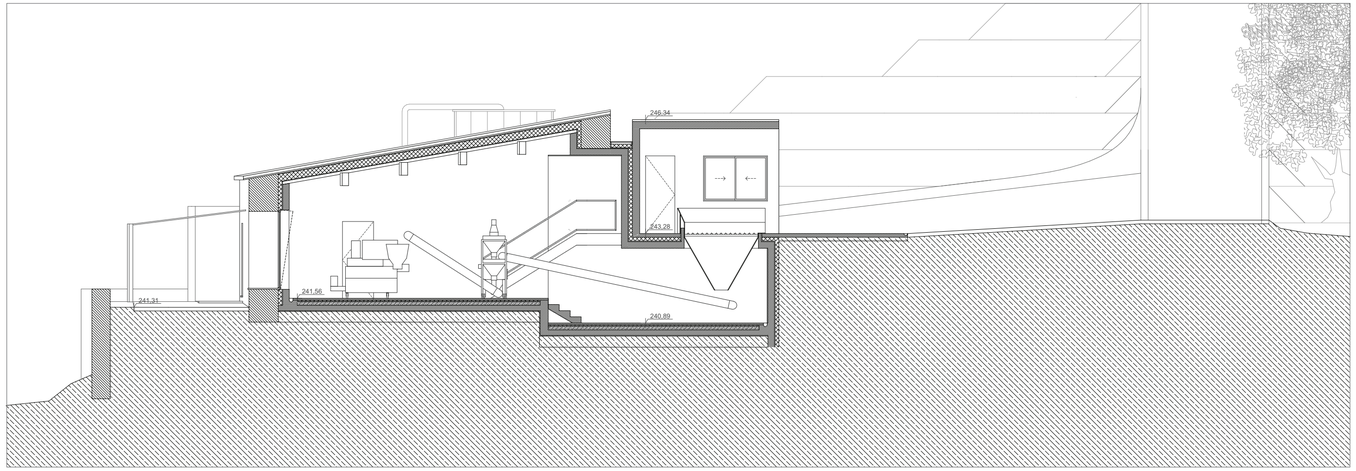
Saídos da unidade de limpeza para um recipiente próprio, são transportados manualmente até à área de compostagem.

Bagaço de azeitona

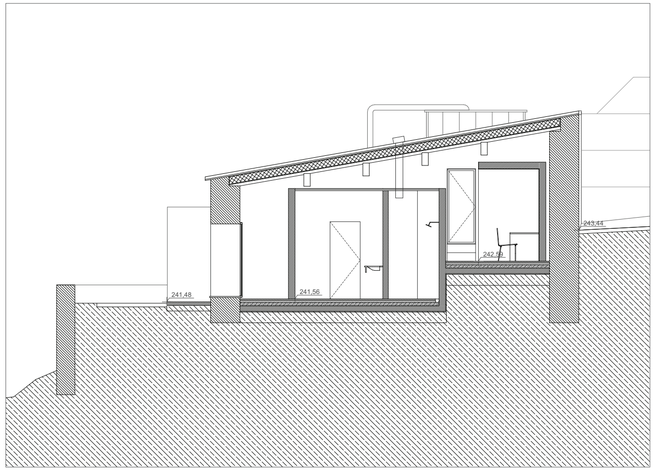
Saído da unidade de moenda-termobatedura-centrifugação, é conduzido para o tegão exterior de recolha de excedentes, primeiro através de uma mangueira e bomba, e depois através de um tubo de inox soterrado, com ligação à parede de betão interior.

Sistema de aquecimento radiante

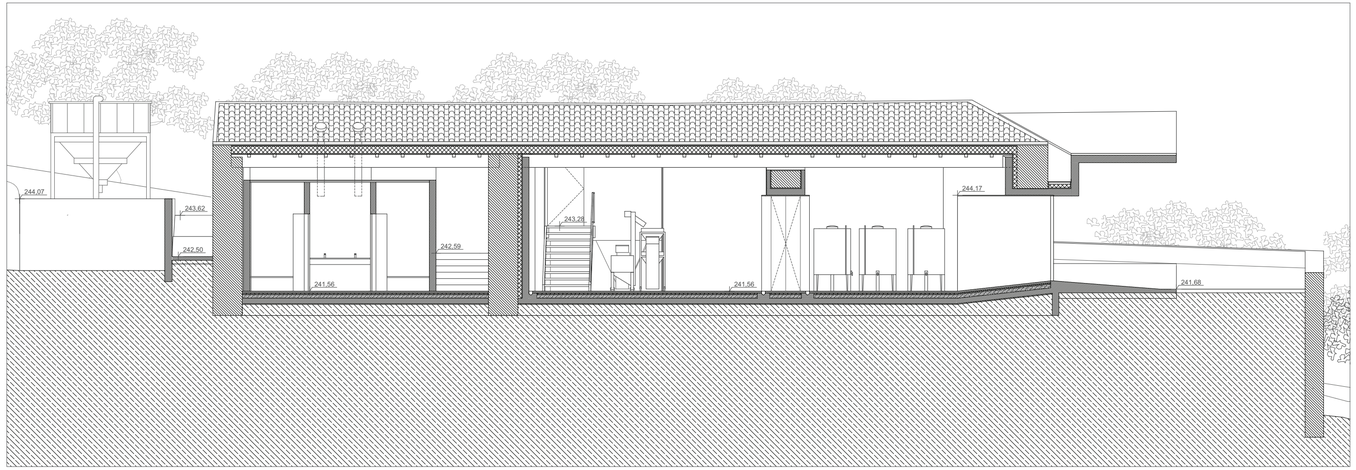
Ligado a uma bomba de calor no exterior.



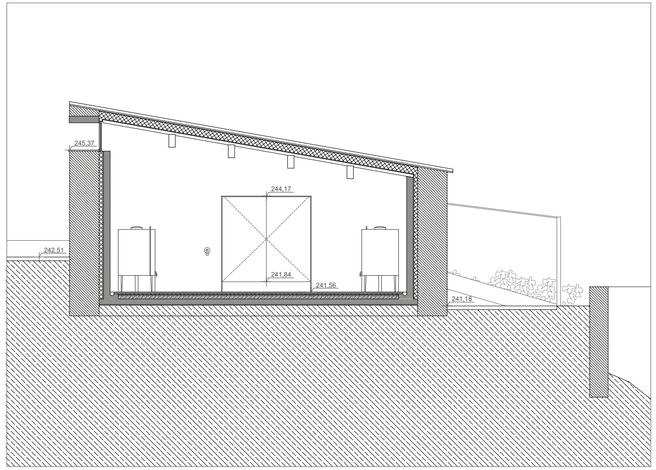
Perfil A.5 (sala de receção-laboração e espaço de descarga da azeitona, com tegão)



Perfil A.7 (zona de serviços, com entrada, balneários e laboratório)



Perfil A.6 (zona de serviços, sala de receção-laboração, sala de armazenamento e ligação ao cais exterior)



Planta A.8 (sala de armazenamento)

3. CASAS COMPLEMENTARES DE AGROTURISMO



Fig. 78 - Lagar do Marmelo: escada de acesso à *Galeria do Azeite*, destinada aos visitantes, e entrada na corredor de serviço, para os funcionários.

3.1 PROGRAMA COMPLEMENTAR: ALOJAMENTO E PROVAS

A transformação da Casa de Cima em lagar de azeite representa a mudança de paradigma daquela àrea da propriedade privada, contribuindo para a regeneração do espaço construído e para a promoção da atividade oleícola da Quinta. A intervenção é representativa de uma requalificação contemporânea geradora de mudança, que despoleta a transformação do ambiente envolvente e a reabilitação das outras duas casas devolutas com vista ao turismo.

A crescente valorização do azeite e da olivicultura em Portugal tem originado a procura de um turismo particular, semelhante ao do vinho se assim se poderá dizer, que incide sobre o conhecimento da atividade de produção nos lagares e a degustação do produto nas instalações das próprias entidades produtoras. Cada vez mais se realizam roteiros turísticos, workshops, provas e outras atividades relacionadas em espaços novos e/ou recuperados para o efeito.

No que diz respeito a este assunto, a *Galeria do Azeite* é provavelmente o melhor exemplo nacional de um espaço deste tipo e constituiu uma referência preponderante para a elaboração do programa complementar de projeto. A *Galeria* localiza-se no primeiro piso do Lagar do Marmelo, sobre o bloco central de serviços que separa as zonas de laboração e de armazenamento, e tem acesso através de um escada escultórica autónoma do circuito dos funcionários. Apresenta uma planta retangular delimitada por grandes planos envidraçados dos dois lados compridos da sala e organiza-se em duas áreas de entrada e auditório plano. A partir destas pode visualizar-se as zonas de laboração e de armazenamento de um ponto de vista superior, respetivamente de um lado e do outro. No centro da sala existe um volume com balcão de degustação, expositor de garrafas e tela de projeção de filmes. A *Galeria* apresenta uma configuração polivalente propícia à realização de atividades variadas e cria nos seus visitantes um sentmento que é de realçar: a sensação de se estar presente no coração do lagar.

Pretende-se desenvolver no projeto um espaço semelhante, ajustado ao caso de estudo, com identidade igualmente marcante. Indagando sobre qual a sua melhor localização, optou-se por considerar a sua incorporação noutra casa que não a do lagar devido à escassez de espaço disponível para edificar nessa zona e ainda à vontade de alargar o campo da intervenção às três casas. Ao mesmo tempo, esta opção desencadeou a possiblidade de desenvolver um espaço com uma função mais abrangente que, para além da prova de azeite permitisse incluir também a prova de vinhos da Quinta, conformando uma hipótese invulgar de relacionamento destes dois produtos tradicionais.

Para além de um espaço de provas, a encomenda também prevê o desenvolvimento de espaços de alojamento para hóspedes. Nesse sentido, criou-se a necessidade de estudar um programa complementar ao lagar, que conjugasse o turismo de degustação com o turismo de alojamento. É de realçar a mais-valia desta conjugação de funções pois dotam a intervenção de uma multifuncionalidade e flexibilidade que enriquecem o projeto, oferecendo uma resposta mais completa e ajustada à circunstância do caso de estudo. A introdução de novas valências programáticas e a sua conciliação com as atividades de



Fig. 79 - Lagar do Marmelo: balcão de workshops da *Galeria do Azeite* com vista elevada sobre a sala de laboração, de um lado, e a sala de armazenamento, do outro.

produção de azeite e vinho resultam numa maior rentabilidade da Quinta, estabelecendo uma nova atratividade que se espera ter impacto positivo na economia da propriedade e na manutenção destes fragmentos construídos na paisagem.

Previamente à definição do programa em si, foi realizado um estudo breve da legislação nacional para perceber em que campo se enquadra o tipo de turismo que se quer implementar, bem como as exigências obrigatórias ao seu funcionamento. Assim, ao abrigo da legislação em vigor, o programa proposto enquadra-se no âmbito do agroturismo[1], que consiste num *"serviço de hospedagem de natureza familiar prestado em casas particulares integradas em explorações agrícolas que permitam aos hóspedes o acompanhamento e conhecimento da atividade agrícola, ou a participação nos trabalhos aí desenvolvidos"*[2]. Compreendido este enquadramento, a construção do programa complementar foca de forma direta as possibilidades de intervenção nas estruturas rurais, sendo concebido em função da sua capacidade de integração e do potencial do contexto (construído e paisagístico) existente, contemplando ao mesmo tempo, os requisitos necessários ao serviço de agroturismo.

Considerando as duas casas, entendeu-se que a de baixo constituiria o melhor espaço para albergar o programa ligado à degustação de produtos, quer pela sua planta quadrangular favorável ao desenvolvimento de um espaço versátil, quer pela relação privilegiada com a paisagem num lugar de remate do percurso e da propriedade. Nesse sentido, deseja-se introduzir nesta casa um espaço de workshops semelhante ao exemplo destacado e um segundo espaço de provas com caráter mais introspetivo. Deste modo poder-se-à gerar uma nova utilização capaz de colocar a propriedade no mapa dos roteiros turísticos[3], através de uma intervenção que valoriza a Quinta e promove uma relação forte entre o Douro, o Azeite e o Vinho.

A Casa do Meio por outro lado, é a que apresenta a tipologia mais adequada para a introdução de unidades de alojamento, tirando partido da sua forma longitudinal, da compartimentação existente e das vistas sobre o vale para nascente. Considerando o espaço disponível da construção, conclui-se que pode integrar três unidades de alojamento[4] a instalar nos três compartimentos existentes, sendo cada uma destas constituída por um quarto duplo[5] com casa de banho privativa. Dada a dimensão reduzida da Casa do Meio, é preciso dotar a Casa de Baixo dos restantes serviços obrigatórios ao funcionamento das

1 | Para o efeito, os serviços de agroturismo *"devem integrar-se de modo adequado nos locais onde se situam, por forma a preservar, recuperar e valorizar o património arquitectónico, histórico, natural e paisagístico das respectivas regiões, através do aproveitamento e manutenção de casas ou construções tradicionais ou da sua ampliação, desde que seja assegurado que a mesma respeita a traça arquitectónica da casa já existente".* Para além do alojamento turístico *"podem ainda desenvolver atividades de animação ou diversão que se destinem à ocupação dos tempos livres dos seus utentes e contribuam para a divulgação das características, produtos e tradições das regiões em que os mesmos se situam (...)". Decreto-Lei nº 54/2002* de 11 de Março. Diário da república: I série- A, nª 59 (2002). Emitido por Ministério da Economia;

2 | Decreto-Lei nº 54/2002 de 11 de Março, Op. Cit.;

3 | A Rota do Azeite de Trás-os-Montes por exemplo, que propõe um conjunto de roteiros pelo nordeste do país com destaque para o azeite e para a gastronomia da região, tendo em vista o seu património histórico, cultural e paisagístico;

4 | *"Nas casas de turismo de habitação o número mínimo e máximo de unidades de alojamento destinadas aos hóspedes é de, respectivamente, 3 e 10".* Decreto-Lei nº 54/2002 de 11 de Março, Op. Cit.;

5 | *" (...) a área mínima dos quartos com duas camas ou uma cama de casal não deve ser inferior a 9 m2 (...)".* Decreto-Lei nº 54/2002 de 11 de Março, Op. Cit.;

PROGRAMA COMPLEMENTAR DE AGROTURISMO

	área útil por espaço (m2)
ESTACIONAMENTO 6- 8 lugares	
CALDEIRA A BIOMASSA a localizar entre as duas casas para aquecimento de águas e aquecimento central	
LAZER EXTERIOR	
Esplanada	
Piscina com área técnica / arrumos	20
CASA DE ALOJAMENTO Casa do meio	
UNIDADES DE ALOJAMENTO	**42**
Quartos duplos (x3) com casas de banho privativas	14
CASA DE PROVAS Casa de baixo	
SERVIÇOS DE ALOJAMENTO	**42**
Sala de refeições com kitchnette	28
Sala de estar	14
ESPAÇO DE PROVAS	**68**
Sala de Workshops Balcão de confecção e workshops e montra de exposição de produtos	44
Sala de Degustação Com mesa de degustação e montra de exposição de produtos	18
WC	6
ÁREA ÚTIL TOTAL área de cada um dos espaços medida pelo perímetro interior das paredes que o delimitam	**152**
ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO área total dos edifícios medida pelo perímetro exterior das paredes exteriores contabilizando velha construção e nova construção	**367**

Fig. 80 - Programa complementar de Agroturismo

unidades de alojamento, tais como cozinha[6], sala de refeições e sala de estar, onde há a possibilidade de explorar uma relação forte com exterior. A localização destas áreas em casas diferentes não é impeditiva da implementação do serviço de agroturismo, podendo estas ser situadas em edifícios próximos, desde que exista uma harmonia do conjunto arquitetónico e da qualidade das instalações e não constitua um incómodo para a utilização dos hóspedes.

A organização das áreas de alojamento nas duas casas tem em vista uma atitude que recicla as estruturas disponíveis sem que se crie a necessidade de projetar nova edificação[7]. Por outro lado acredita-se que esta distribuição potencia um usufruto maior dos espaços da Quinta, originando percursos e zonas de estar que não existiriam caso se concentrassem todas as funções num único edifício.

Dado o caráter isolado destas casas, tendo em conta preocupações de sustentabilidade, houve a necessidade de considerar sistemas de aquecimento das águas quentes sanitárias e de aquecimento central com base em energias renováveis. Nesse sentido, recorreu-se à experiencia do engenheiro Raul Bessa, com o qual se concluiu que a instalação de uma caldeira a biomassa era a solução mais adequada para o caso de estudo. Esta caldeira é uma fonte de energia não poluente que faz uso de biocombustíveis provenientes dos excedentes do trabalho agrícola, tais como granulados de madeira, casca de amêndoa, bagaço e caroço de azeitona, para gerar energia renovável[8]. Nesse sentido, definiu-se a necessidade de incorporar no programa uma área destinada a este efeito, a localizar entre as duas casas de turismo.

Tal como no anterior, o programa complementar tem em conta o caráter vernacular das construções mas não segue por uma via de conservação a todo o custo. O programa adapta-se à circunstância de cada casa e pressupõe a transformação da realidade existente segundo uma atitude crítica que expressa as necessidades do Homem contemporâneo e tem em consideração o conceito de *virtualidade* das obras enfraquecidas pelo tempo. As estruturas antigas são condicionantes das funções novas, significativamente diferentes das originais, o que obriga a uma adaptação mútua entre o programa e os edifcios, para que se renove a sua razão de ser enquanto parte integrante de uma exploração agrícola diferente do período a que originalmente pertencem e para que o lugar possa tornar a ser "*a concreta manifestação do habitar humano".*[9]

---

6 | *"As casas de agro-turismo devem dispor de cozinhas equipadas, no mínimo, com frigorífico, fogão, lava-loiça e armários para víveres e utensílios e dispor de dispositivo para absorver fumos e cheiros".* Decreto-Lei nº 54/2002 de 11 de Março, Op. Cit.;

7 | Ainda se considerou a ampliação da casa existente ou nova edificação noutro lugar da propriedade para aumentar o número de unidades de alojamento. No entanto, entre esta solução e a que foi adoptada, acordou-se com o cliente trabalhar somente no aproveitamento das casas existentes, para que não se interferisse na estrutura agrícola consolidada:

8 | Esta solução tem um período de investimento de 2 anos e poupanças de energia na ordem dos 60% face aos sistemas de aquecimento tradicionais;

9 | *" (...) o lugar é mais do que uma localização geográfica, (...) mais do que um simples espaço. «O lugar é a concreta manifestação do habitar humano».* REIS-ALVES, Luís Augusto (2007) *O Conceito de lugar.* (Online) Vitruvius. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225. Parcialmente citando NORBERG-SCHULZ, Christian (1984) *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture.* Nova Iorque: Rizzolli.



Fig. 81 - Atualidade: alçado tardoz da Casa do Meio.

3.2 PROJETO DA CASA DO MEIO | ALOJAMENTO



Fig. 82 - Simulação: alçado tardoz da Casa do Meio, transformada para alojamento.



Fig. 83 - Atualidade: compartimento Norte da Casa do Meio.



Fig. 84 - Simulação: volume de madeira, com quarto duplo, e respetiva sala de estar privativa.



Fig. 85 - Atualidade: compartimento Norte da Casa do Meio.



Fig. 86 - Simulação: entrada de luz natural na Casa do Meio, durante a tarde.

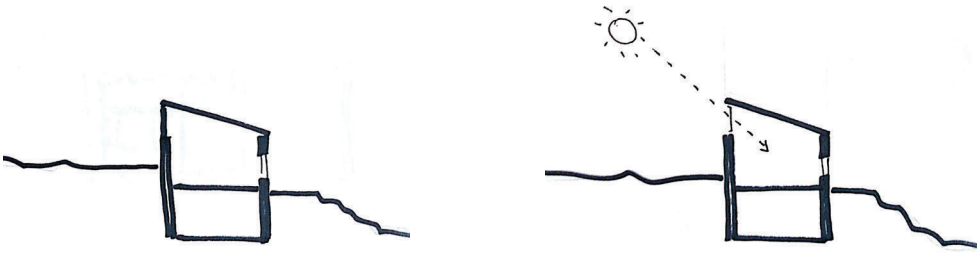


Fig. 87 - Esquissos de projeto com modificação da casa para aumento da luz natural interior.

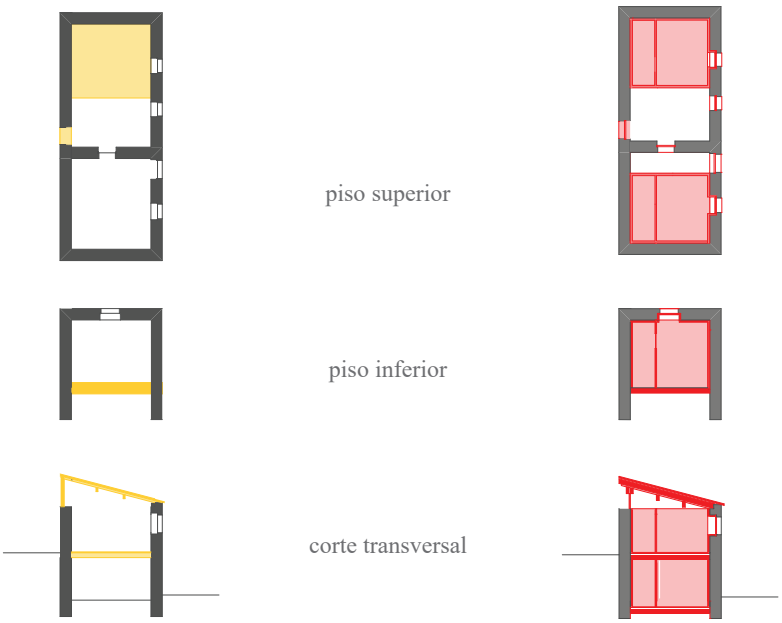


Fig. 88 - Esquemas de demolição (amarelos) e construção (vermelhos). Escala 1:400

Com intenção de recuperar o caráter dos edifícios e da paisagem, no projeto da Casa do Meio desenvolve-se uma intervenção que tenta, por um lado perpetuar o caráter vernacular da construção e introduzir, por outro, o nível de conforto contemporâneo necessário ao alojamento. Assim, tirando partido do potencial da arquitetura existente, sem que se alterem as características morfológicas da construção, o projeto reinterpreta a estrutura antiga e introduz novas soluções arquitetónicas que vão de encontro ao programa desenvolvido, de uma forma que permita uma leitura estratificada da sua evolução no tempo.

Em função do estado do edificado, numa abordagem inicial, o projeto pede uma recuperação da cobertura, uma conservação das paredes estruturais em xisto à vista e uma transformação do andar inferior. As condições precárias da cobertura existente obrigam à sua substituição integral: os novos vigamentos em madeira, corretamente dimensionados, dispensam os esteios existentes e reproduzem a lógica estrutural precedente; e o novo telhado é complementado com isolamento térmico para aumentar os índices de conforto interior. Para conservar o caráter autêntico da estrutura de pedra, as paredes perimetrais podem ser impermeabilizadas pelo interior, através da aplicação de uma argamassa própria nas fissuras das pedras sobrepostas, que dispensa a aplicação de argamassa de cal pelo exterior como em tempos terá existido. Para dotar o andar inferior, onde antigamente se guardaria o gado, das condições mínimas de habitabilidade, é necessário baixar o nível do chão para garantir um pé direito interior aceitável.

Depois de incorporadas no projeto estas alterações básicas com vista à segurança e ao bem-estar requeridos, a aplicação do programa funcional suscitou uma reflexão sobre as marcas deixadas pelo tempo na casa. Estas marcas indicam pistas para o desenvolvimento do projeto e sugerem uma transformação da pré-existência na continuidade de modificações passadas, em prol de uma nova conceção do espaço, nomeadamente no que diz respeito à sua relação com a luz natural, atualmente escassa no interior.

Evocando o arquiteto Eduardo Souto Moura a propósito da reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro, *" (...) optamos por recusar a consolidação pura e simples da ruína para uso contemplativo, apostando por injectar materiais, usos, formas e funções «entre les choses» como dizia Corbusier"*.[1] Citando o arquiteto Luis Martinez Santa-Maria, *"Una obra debe contender un pensamento. Debe ofrecerlo. En esse sentido vendriamos a acercarnos a los origenes de la arquitectura cuando la obra queria inspirar, es decir, inducir a su usuário a sentir y a pensar, a sentir y a pensar a la vez"*.[2] Assim, partindo do caráter operativo da ruína em busca do pensamento que constitui a força desta intervenção[3], surge a vontade de potenciar a entrada de luz natural na estrutura antiga, atualmente delimitada por paredes opacas de pedra e de bloco de cimento em três das suas frentes, com o intuito de aumentar a qualidade do espaço interior e das unidades de

1 | SOUTO DE MOURA, Eduardo, *Reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro em Pousada.* In: CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima (ed.) (1999) *Construir no tempo, Building upon time: Souto de Moura, Rafael Moneo e Giorgio Grassi*. Lisboa: Estar. p. 37;

2 | SANTA-MARIA, Luis (2004) *Intersecciones*. Madrid: Rueda. p. 42;

3 | *"La fuerza de un buen proyecto reside en nosotros mismos y en nuestra capacidade de percibir el mundo com sentimento y razón. Un buen proyecto arquitectónico es sensorial. Un buen proyecto arquitectónico es racional"*. ZUMTHOR, Peter (2014) *Pensar la Arquitectura*. 3ª edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. p. 64;

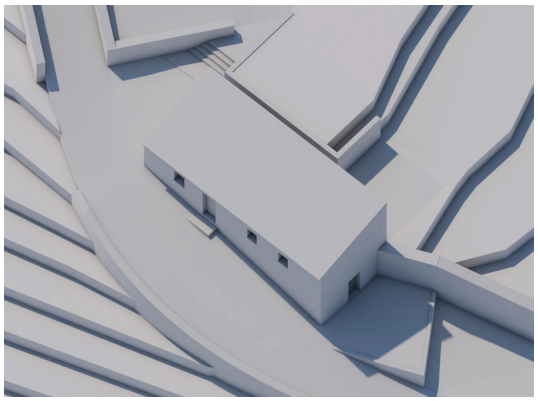


Fig. 89 - Vista do modelo digital com cobertura.

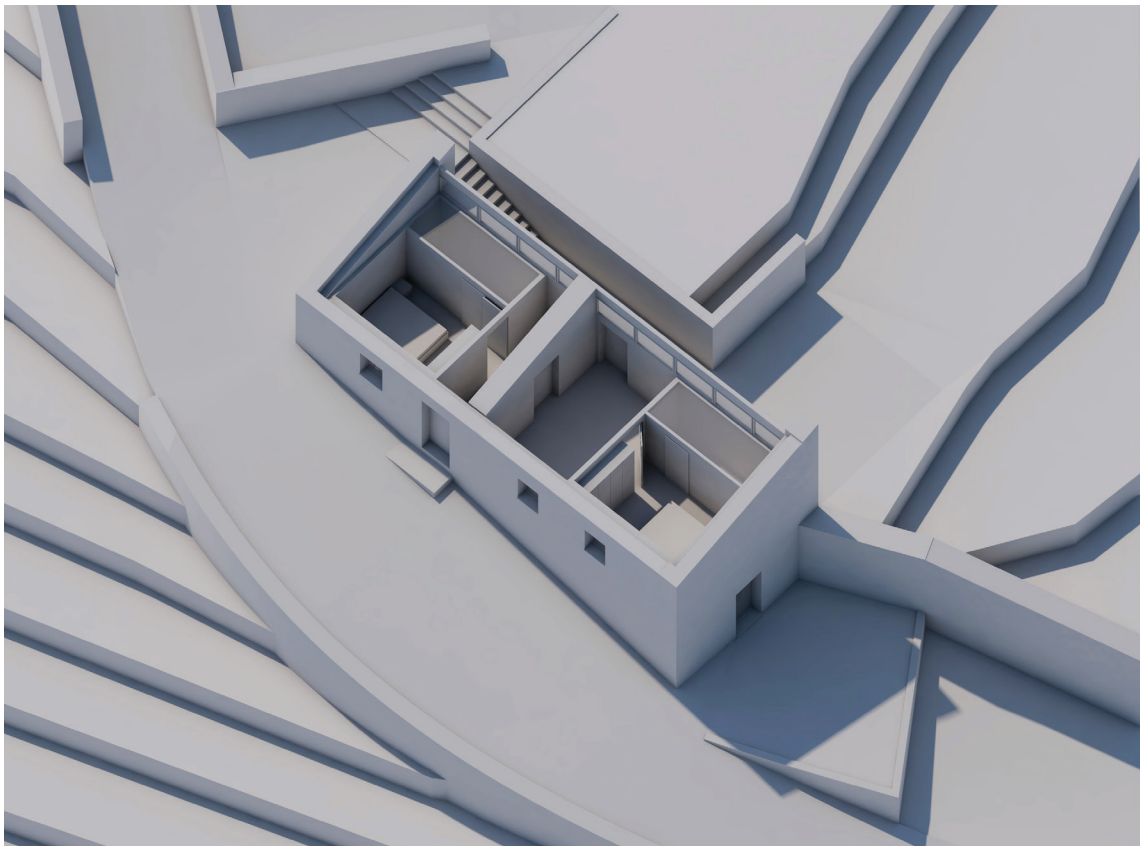


Fig. 90 - Vista do modelo digital sem cobertura.

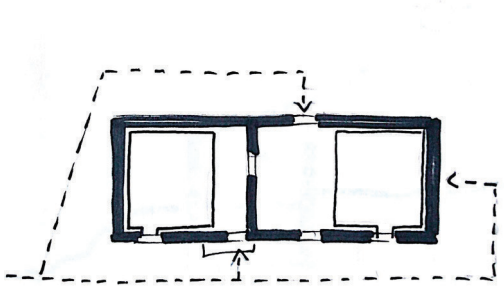


Fig. 91 - Esquema com distribuição das unidades de alojamento e respetivo sistema de acesso.

alojamento correspondentes. Deste modo, considerando os blocos assentes sobre a parede de xisto precedente, aquando da transformação da cobertura da casa, opta-se pela sua remoção para proporcionar a entrada de luz natural durante a tarde, transformando por completo o espaço interior e fazendo entrar a "*beleza"*.[4]

No lugar dos blocos de cimento passa existir um vão horizontal que unifica todo o alçado tardoz através de uma caixilharia metálica, contínua e horizontal. A expressão reduzida da caixilharia não interfere com a leitura desta ação de rasgo da parede antiga, prevalecendo a força desta operação concretizada em continuidade com a modificação antiga. No remate superior deste vão, a estrutura de madeira da cobertura prolonga-se até limite exterior do edifício e participa na (re)definição do alçado poente, que assim ganha um significado novo, constituindo ao mesmo tempo o rosto da intervenção.

Tendo em conta a organização das três unidades de alojamento possíveis por cada compartimento existente, desenvolveu-se um sistema de acesso independente que potencia a autonomia de cada unidade / compartimento. Nesse sentido, cada qual é acedida por uma porta particular situada em frentes distintas do edifício, que assim ganham um protagonismo especial[5]. Deste modo cria-se a sensação de uma maior intimidade enquanto se promove a utilização da área envolvente com novos percursos e áreas de estar. Através desta distribuição, os acessos às três unidades é feito, respetivamente, pela porta da fachada principal, por uma nova porta na fachada tardoz e pelo único vão que existe no compartimento inferior.

Na definição do que são estas unidades de alojamento, procurou-se explorar o contraste entre o caráter rude dos compartimentos de pedra (a manter) e uma ideia de conforto máximo da unidade de alojamento através do uso da madeira. Tendo como referência o trabalho do arquiteto João Mendes Ribeiro[6], desenvolveram-se uns módulos com quarto duplo e casa de banho privativa, que consistem em volumes concebidos em função da configuração espacial existente e da área mínima indicada para estas instalações de agroturismo. Os volumes em madeira encerram em si as condições espaciais ideais ao alojamento, por oposição à frieza da pedra dos compartimentos originais e do microcimento afagado do pavimento que é introduzido, intensificando a sensação de conforto dos espaços de dormir.

Com a introdução destes volumes no andar superior, o espaço sobrante em cada compartimento serve como área de mediação entre o espaço exterior e o espaço de dormir sendo que, no caso do compartimento maior, é utilizado igualmente como sala de estar privativa. Neste piso, as duas unidades podem relacionar-se através do vão que existe na

4 | *"(...) a luz surge sempre como elemento principal da arquitectura. A luz que constrói o tempo. Sem luz a Arquitectura não é nada. (...) A luz natural ilumina o espaço, tornando possíveis as funções que nele ocorrem. Mas podemos também, se a controlarmos, esticar esse espaço e nele fazer entrar a Beleza".* CAMPO BAEZA, Alberto (2013) *Principia Architectónica*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. p. 14;

5 | *"Las puertas de las casas, las puertas interiores, no sólo sierven para limitar una habitación en relación a outra, sino también para presentarlas, para recoger a la habitación enmarcada. Debido a la puerta, entrar en la habitación tendria esse efecto, ofereceria esse milagro que leimos alguna vez en en algun narración, de ingressar en un cuadro, de passar a pertenecer a algo delicadamente enmarcado. Las puertas, queson para passar y para deternerse, son también para ver, para transmitir el sueño que es ver por primera vez un cuarto".* SANTA-MARIA, Luis (2004) Op. Cit., p. 65;

6 | Vejam-se por exemplo os volumes em madeira (com programa) do Centro de Artes de Coimbra e do Centro de Artes Contemporâneas dos Açores;



Fig. 92 - Simulação: quarto duplo da Casa do Meio.

parede divisória de pedra, onde se introduz uma porta com isolamento acústico. No caso dos hóspedes constituírem um grupo familiar ou de amigos, a porta poderá ser aberta e ligar os dois compartimentos, formando uma área de alojamento conjunta com sala de estar. Já no andar inferior, o módulo de alojamento ocupa a totalidade do espaço existente.

No andar superior, a altura dos volumes é imposta pela cércea das paredes de pedra longitudinais, soltando-os do plano inclinado da cobertura, significativamente mais alta. Esta configuração volumétrica cria a sensação que as áreas interiores e exteriores aos volumes constituíem um único espaço, apesar das diferenças materiais e da compartimentação criada. Essa perceção é intensificada pela ausência de teto na zona de dormir, deixando visível a totalidade da estrutura da cobertura a partir de ambas as áreas. Desta forma, o espaço do compartimento é unificado e as áreas mínimas parecem ganhar dimensão. As casas de banho são cobertas em policarbonato alveolar como nos balneários do Lagar, para que não haja propagação de cheiros e humidade e para permitir a entrada de luz difusa, natural ou artificial no seu interior, sendo ventiladas mecanicamente.

Na relação destes volumes com as janelas existentes, usam-se caixilharias metálicas com portadas interiores em madeira, dissimuladas na configuração volumétrica das paredes novas, para maior controlo da luminosidade interior. Para além destas portadas, o vão horizontal da parede tardoz é rematado com rolos blackout. Assim como no lagar os novos caixilhos são colocados pelo lado interior das paredes de pedra, de forma oculta, destacando-se a profundidade da estrutura em xisto e mantendo a leitura do existente.

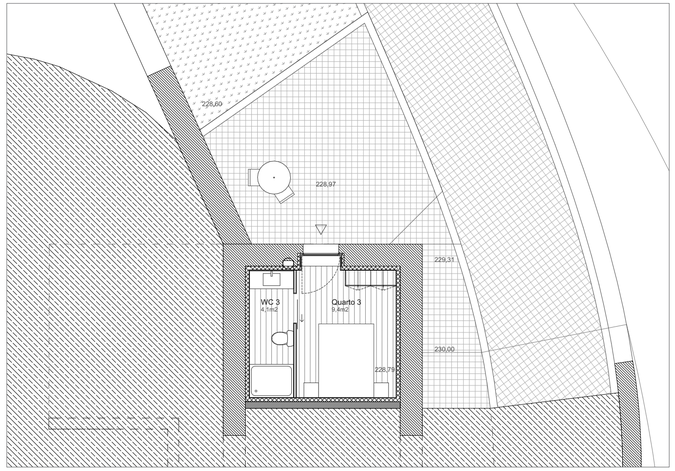
Citando o arquiteto Campo Baeza a propósito do que defende ser uma arquitetura que chegue ao âmago das questões que a própria disciplina coloca, pode-se dizer que a intervenção nesta casa visa *" (...) uma arquitetura (...) construída apenas com o número indispensável de elementos. Uma arquitetura precisa e exata, lógica e simples. (...) Uma Arquitetura essencial, tão essencial como a Poesia o é para a Literatura. Poética, no sentido mais rigoroso do termo, tal como deveria ser toda a Arquitetura".*[7]

Deste modo, a Casa do Meio caracteriza-se por uma intervenção depurada, reduzida ao fundamental, para que o programa de alojamento dialogue com a estrutura precedente segundo conceitos claros. O novo difere do antigo e o espaço é transformado através da introdução de luz natural no interior, da compartimentação dos módulos de alojamento e do contraste material entre a madeira e o xisto, dotando a casa de uma nova atmosfera[8]. A intervenção age contemporaneamente sobre o edifício de forma consciente da passagem do tempo e do sentido da vida humana que por ali passou, absorvendo vestígios do passado e adquirindo uma riqueza especial[9].

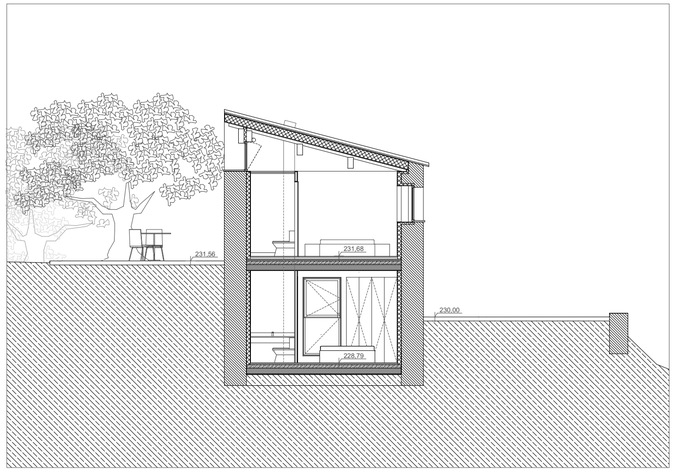
7 | CAMPO BAEZA, Alberto (2013) Op. Cit., p.17;

8 | *"Una obra arquitectónica puede disponer de calidades artísticas si sus variadas formas y contenidos confluyen en una fuerte atmosfera capaz de conmovernos. Esta arte no tiene nada que ver com configuraciónes interessantes o con la originalidade. Trata sobre la visón interior, la comprensión y, sobre todo, la verdade. Y quizá la verdade, inesperada, sea poesia".* ZUMTHOR, Peter (2014) Op. Cit., p. 19

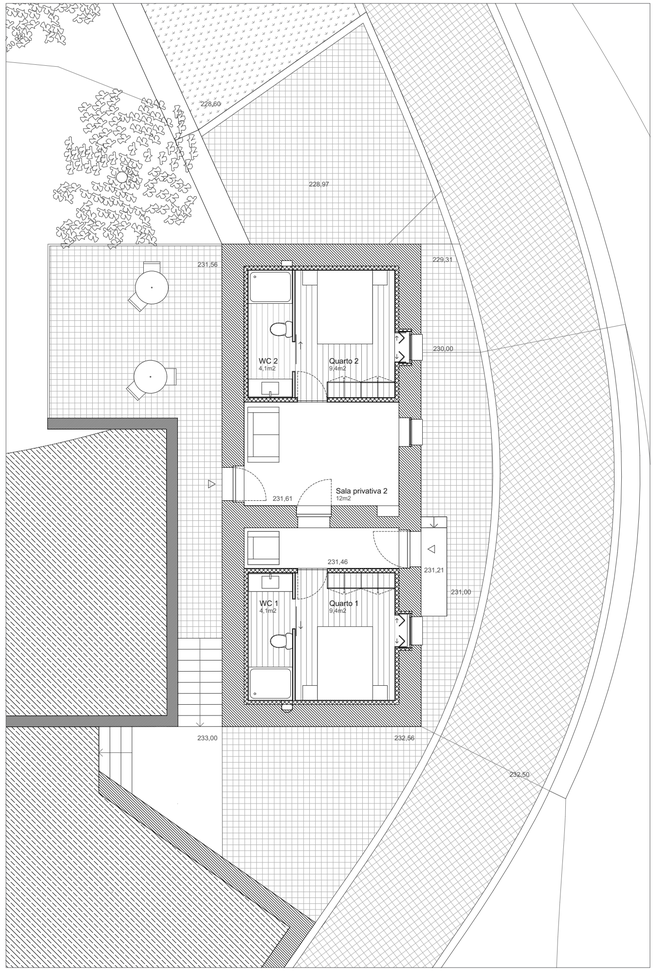
9 | *"(...) estoy convencido de que un buen edifício debe ser capaz de absrober las huellas de la vida humana y que, com ello, puede adquirir una riqueza especial".* Idem, p. 24.



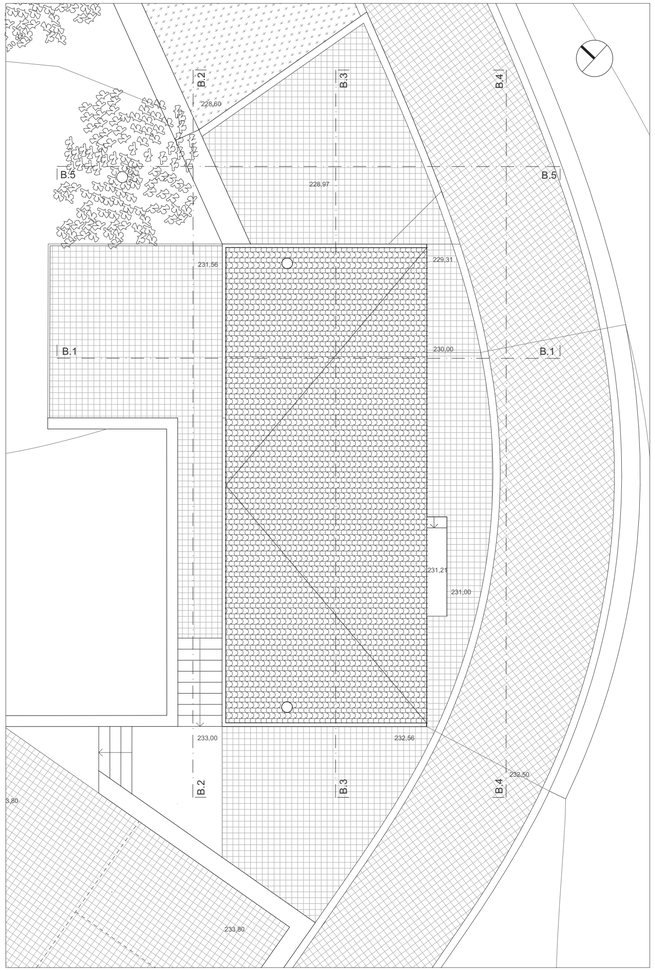
Planta à cota 230,00 (piso inferior)



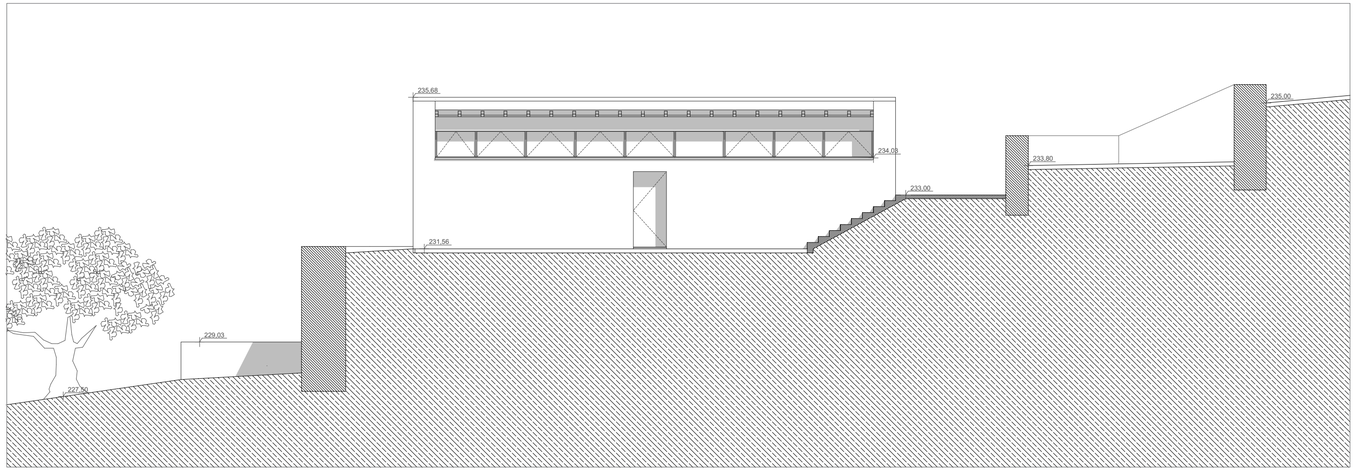
Perfil B.1 (corte transversal)



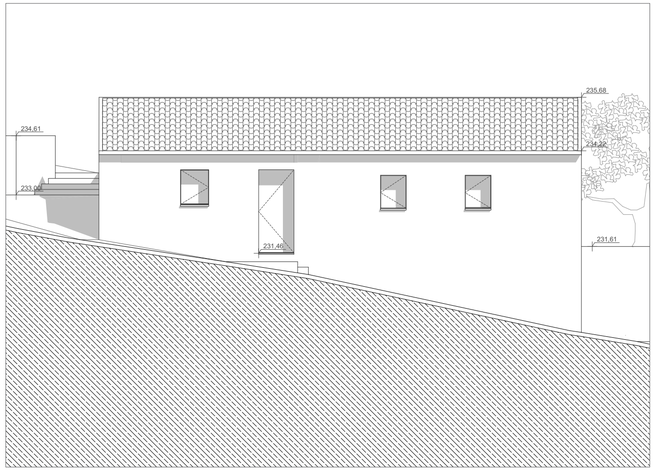
Planta à cota 232,88 (piso superior)



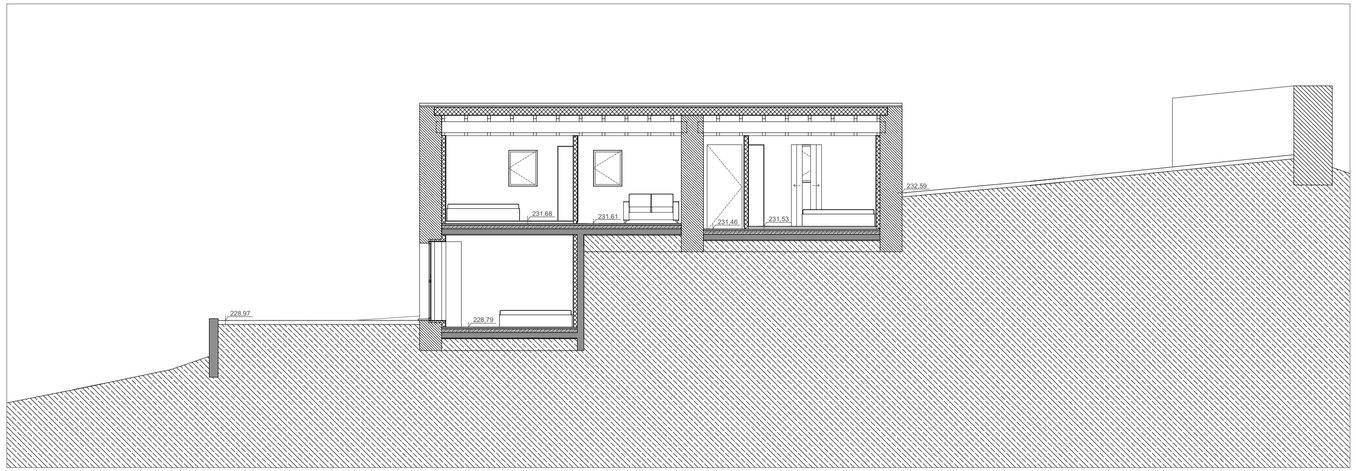
Planta de cobertura



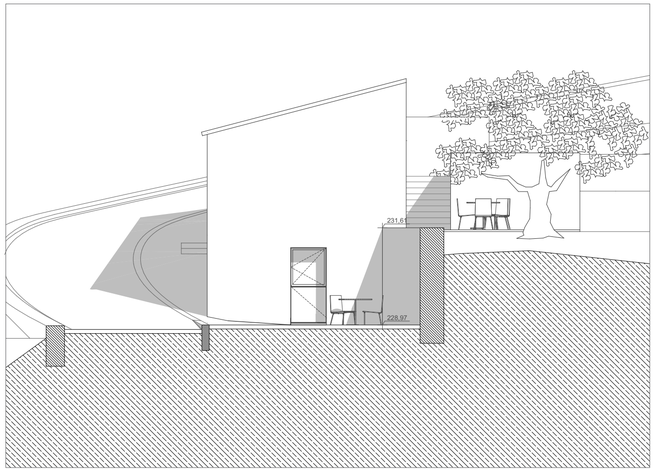
Perfil B.2 (alçado tardoz - Oeste)



Perfil B.4 (alçado principal - Este)



Perfil B.3 (corte longitudinal)



Perfil B.5 (alçado Norte)

CASA DO MEIO | alojamento 9



Fig. 93 - Atualidade: vista da Casa de Baixo e do volume anexo a partir da plataforma mais baixa.

3.3 PROJETO DA CASA DE BAIXO | PROVAS



Fig. 94 - Simulação: recuperação da volumetria antiga da Casa de Baixo e e aproveitamento do espaço exterior em função do programa de agroturismo.



Fig. 95 - Atualidade: piso superior da Casa de Baixo (fotografia com orientação diferente em relação à simulação à direita).



Fig. 96 - Simulação: sala de workshops, no piso superior, com estrutura de madeira da cobertura à vista.



Fig. 97 - Atualidade: compartimento do piso inferior da Casa de Baixo.



Fig. 98 - Simulação: sala de degustação, no piso inferior, em relação com o volume da escada.

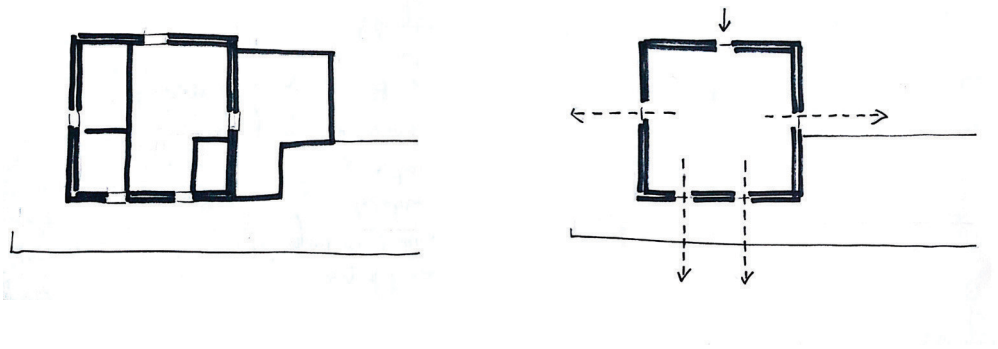


Fig. 100 - Esquissos de projeto com demolição do anexo existente e libertação do andar superior, para um maior relacionamento do espaço interior com o vale.

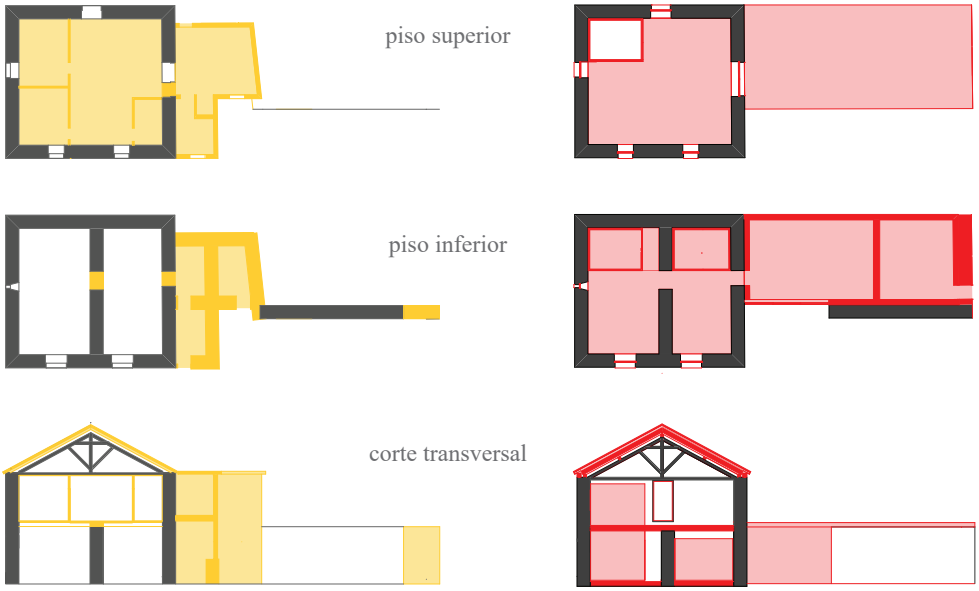


Fig. 99 - Esquemas de demolição (amarelos) e construção (vermelhos). Escala 1:400

A aplicação da segunda parte do programa de agroturismo visa a reabilitação da Casa de Baixo para proporcionar um momento especial aos visitantes, transformando-a num espaço de interiorização de vivências, de degustação de produtos e de deslumbramento paisagístico, num lugar privilegiado de varanda sobre o Douro.

Com intenção de recuperar a casa original e pressupondo o caráter dispensável da construção anexa, arquitetonicamente fraca e funcionalmente desajustada à organização das novas funções, considerou-se a demolição do volume mais recente. Como diz a arquiteta Lina Bobardi, *"(...) se a gente acreditar que tudo o que é velho deve ser conservado, a cidade vira um museu de cacarecos. Em um trabalho de restauração arquitectónica é preciso criar e fazer uma seleção rigorosa do passado".*[1] No seguimento deste raciocínio, sem que se criem preconceitos, avança-se no projeto com esta opção que recupera a volumetria da estrutura antiga e liberta as plataformas para desenvolver zonas de estar exteriores. Ao mesmo tempo cria-se um "buraco" no lugar do vazio consequente à demolição, cujo espaço é aproveitado para inserir parte das áreas complementares ao programa de alojamento instalado na casa anterior, como se verá mais à frente.

Consolidada esta intenção de demolir o anexo mais recente, focam-se as possibilidades da arquitetura do edifício antigo por forma a potenciar a aplicação do programa de agroturismo. Como diz o arquiteto João Mendes Ribeiro, *"Os edifícios históricos mantêm-se porque, ao contrário do que nós julgamos, são mutáveis e sujeitam-se a vários programas, tendo a capacidade de suportar estas alterações. Quando não são mutáveis, entram em desuso e caem".*[2] Segundo o arquiteto, cada edifício pode destinar-se a diferentes programas consoante as suas características e adaptar-se a um determinado projeto sem que este ponha em causa a integridade do próprio edifício. Deste modo, o edifico antigo pode deixar-se manipular pelo presente e modificar-se em função das novas necessidades. Esta flexibilidade e capacidade de adaptação são tidas como de importância para o exercício de reabilitação, pois se assim não fosse, os edifícios antigos não seriam capazes de acompanhar as condições e os usos contemporâneos[3].

Nesta lógica, a casa é interpretada como um contentor com capacidade para albergar uma nova função, onde se distinguem os elementos de caráter perene e de maior importância dos que têm caráter mais transitório e que podem servir ao funcionamento de programas distintos[4]. Os primeiros, que são as paredes de pedra e a estrutura de madeira de suporte do telhado, atualmente camuflados pela compartimentação existente, são tidos como fundamentais para a definição do projeto. Relativamente aos segundos, com caráter reversível, considera-se que podem ser removidos para que o edifício responda melhor à

1 | BO BARDI, Lina, *Uma aula de arquitetura*. In: RUBINO, Silvana e GRINOVER, Mariana (ed.) (2009) *Lina Por Escrito, Textos escolhidos de Lina Bo Bardi.* São Paulo: Cosac e Naify. p. 171;

2 | RIBEIRO, João Mendes, *Anexo 1: Entrevista a João Mendes Ribeiro.* In: VITA, Francisca (2012) *João Mendes Ribeiro: um Caminho para Refletir sobre a Condição Hodierna da Pratica da Arquitetura e do Design de Interiores*. Dissertação de Mestrado em Design de Interiores, ESAD. p. IV;

3 | Ibidem;

4 | *"Tenho defendido exatamente a oposição dos dois tempos diferentes, que é: o edifício envolvente com essa tipologia de espaço perene e o espaço interno em jeito de instalação de arquiteturas efémeras que são mutáveis e que são reversíveis, que são necessárias para dar resposta a este programa, mas que se podem retirar para implantar um outro programa, têm esse caráter claramente de instalação".* Ibidem;

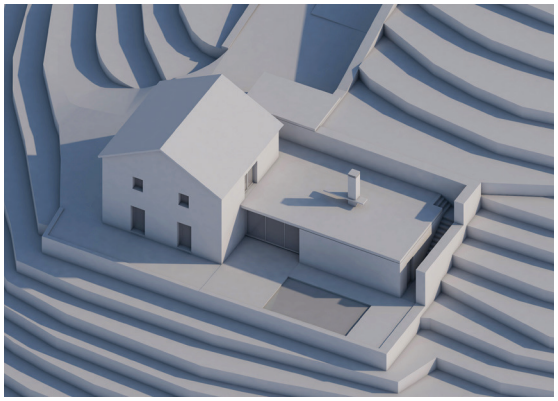


Fig. 101 - Vista do modelo digital com coberturas.

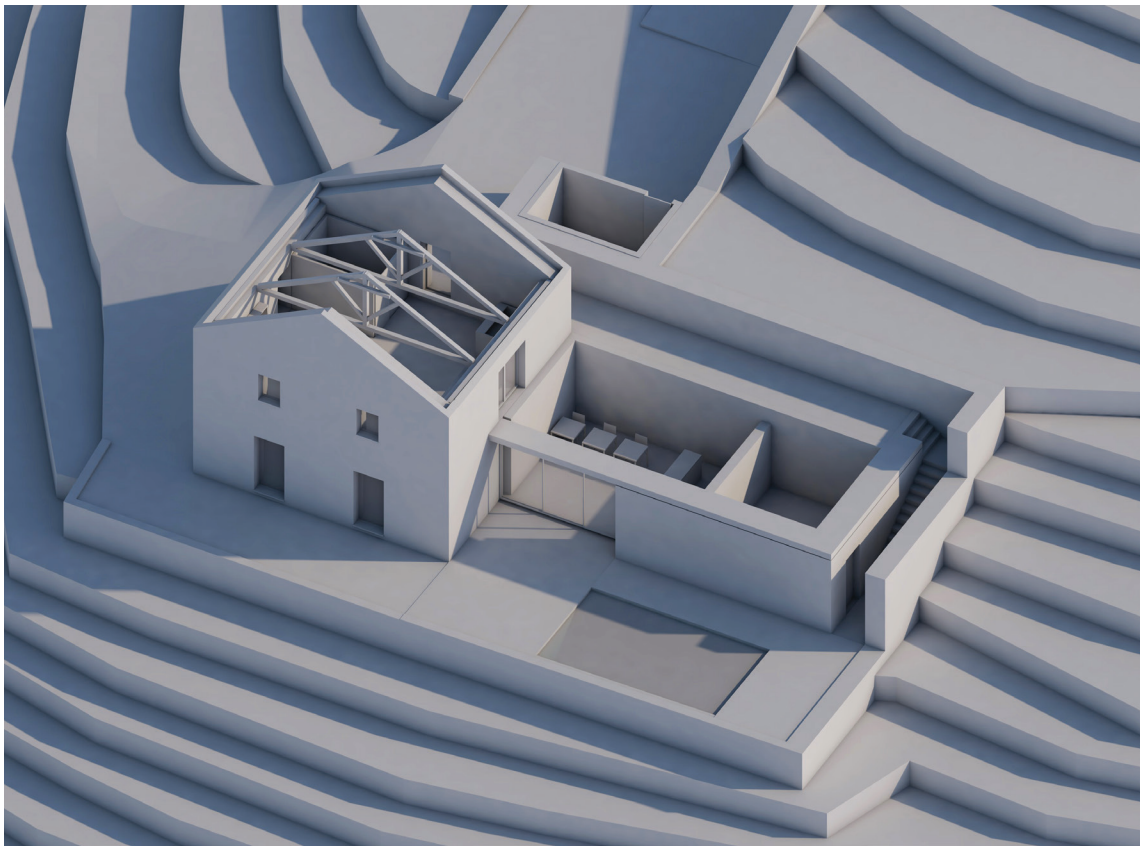


Fig. 102 - Vista do modelo digital sem coberturas.

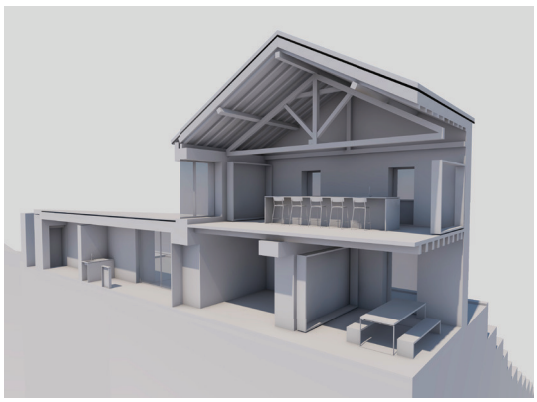


Fig. 103 - Corte perspetivado pelo modelo digital.

nova função que se projeta.

Nesse sentido, como uma força que nasce a partir do interior em busca de uma nova realidade, removem-se as divisórias em tabique e o teto de camisa e saia do piso de cima, tendo em conta a sua função não estrutural e a menor importância destes elementos para a manutenção da traça da construção. Deste modo, estabelece-se uma nova espacialidade no andar superior, com planta quadrangular e um pé direito alto que expõe as duas asnas de madeira de suporte da cobertura de duas águas. O espaço fragmentado dá lugar a uma nova sala una, ampla e flexível, que se abre para a paisagem através dos cinco vãos presentes nas paredes perimetrais em xisto. No piso de baixo mantem-se os dois compartimentos separados pela parede divisória de pedra existente.

Com razões idênticas às que guiaram o arquiteto Valerio Olgiati no desenvolvimento da obra *Das Gelbe Haus*[5], mais conhecida por *Yellow House*, como a estrutura interna desta casa não se compatibiliza com o novo propósito, opta-se por uma transformação mais radical do espaço interior. Para além dos elementos não estruturais, também se removem aqueles que não são passíveis de recuperar (tais como o telhado, alguns travejamentos, o tabuado do primeiro andar e a respetiva estrutura de suporte) e reconstrói-se o necessário: o piso é integralmente substituído por um novo tabuado com isolamento acústico, suportado por um vigamento disposto com métrica apertada; as asnas de madeira são inteiramente recuperadas e completadas com novos travejamentos de suporte da cobertura; e a cobertura é substituída por um novo telhado com isolamento térmico, tal como nas casas anteriores.

De igual modo, as caixilharias e as portadas de madeira muito deterioradas também são alvo de substituição. Se por um lado a degradação das peças implica uma substituição integral das janelas, por outro, considera-se que o espaço interior pode usufruir de uma maior relação com a paisagem envolvente, o que implica uma mudança de material. Isto porque, considerando a pequena dimensão dos vãos existentes, jutamente com a espessura das peças e a subdivisão dos caixilhos em madeira, criam-se áreas de visualização muito reduzidas. Logo, seguindo a mesma lógica das intervenções anteriores, aplicam-se novos caixilhos metálicos que, comparativamente aos originais, dispõem de uma maior área envidraçada, aumentando na mesma medida a relação do interior com o exterior.

Por fim, na procura de dotar o conjunto de uma nova unidade coerente com esta metamorfose interior, descasca-se o reboco verde e rosa e pintam-se as paredes com uma camada fina de branco, assim como as estruturas de madeira de suporte do piso e da cobertura[6]. O objetivo passa pela uniformização dos elementos velhos, novos e

5 | *"Since the internal structure of the residential building, which was divided into small sections, was not suitable for its new purpose, we had to take radical action. The building was completely gutted, the interior was rebuilt in solid wood, the old external plaster-work was removed to reveal the natural stone walls (…)Finally, the new interior wood structure, the existing external stone walls and the new slab-stone roof were all painted white. The outermost skin of building is now formed by an extremely fine white coat of lime wash that conceals anything left unfinished. At the same time it evokes a kind of contradictoriness: the bright white surface invests the childlike archaism and sensual materiality of the structure with the character of an abstract thought, which in turn lends the building its 'apparitional' appearance".* OLGIATI, Valerio, *The Yellow House.* In: *El Croquis Valerio Olgiati 1996-2011* (2011) n.º 156. Madrid: El Croquis Editorial. p. 75;

6 | A cal aplicada preserva a textura das pedras e, conjuntamente com estrutura de madeira pintada de branco estabelece uma materialidade que se poderá dizer próxima do que se pode observar na Sala do Arquivo da Alfândega do Porto,



Fig. 104 - Simulação: sala de Workshops com balcão, expositor de produtos e volume com escada de ligação entre andares. Nas salas de workshops e de degustação, prevêm-se instalar expositores simples para as garrafas de azeite e de vinho, com grande transparência, para que não se quebre a unidade das paredes perimetrais em xisto caiado. Não se definiu um desenho em específico para os expositores, mas sugere-se uma moldura conceptual (como se vê na imagem) que permita ver a parede por detrás do móvel.

recuperados segundo uma atitude minimal e sintética. O branco, para além de se adequar ao caráter polivalente do novo programa, intensifica a luminosidade do espaço. Com esta ação cobre-se praticamente todo o interior de igual, dotando a casa de uma harmonia particular em que, citando o arquiteto Peter Zumthor, *"Las partes nuevas de la casa no parece que quieran decir «somos nuevas», sino que, más bien, nos susurran «somos parte del nuevo todo»"*[7].

Tendo em conta a libertação do andar superior, instala-se aí a sala de workshops, que se pretende ampla e flexível. O novo espaço com asnas brancas e paredes de xisto caiadas constitui a principal área do projeto da Casa de Baixo e beneficia de uma atmosfera especial que advém das operações de modificação anteriormente descritas. Inspirado pela *Galeria do Azeite* do Lagar do Marmelo, o projeto integra um balcão de confeção e prova, solto das paredes de pedra, que constitui uma peça central no espaço. Nas laterais da sala posicionam-se dois expositores dedicados ao Azeite e ao Vinho da Quinta, respetivamente, e ainda um pequeno balcão para registo de atividades e hospedagem, próximo da porta de entrada. A sua relação com o exterior também é de realçar: as janelas, tal qual quadros durienses, prolongam o olhar na direção do vale, e o vão a poente, cuja dimensão foi alargada, expande o espaço interior na direção do terraço exterior.

Se antigamente não existia ligação entre os dois andares da casa, porque as funções anteriores assim o determinaram, no projeto estes espaços devem ligar-se para garantir um bom funcionamento do programa de agroturismo. Nesse sentido, introduz-se uma escada dentro de um volume em madeira que fura o piso para ligar os dois andares. Este volume, sem teto, apresenta a mesma expressão dos módulos de alojamento da casa anterior e dispõe de uma cércea com altura inferior às linhas das asnas. Ao esconder a escada no seu interior cria-se uma espécie de contradição: o programa funcional requer a instalação de uma escada, mas o facto de esta originalmente não existir levou a que se fosse oculta. Assim, quando fechada a porta de correr no andar superior, o volume encerrado não permite que se percecione a escada. Por outro lado, quando aberta a mesma porta, a ligação entre pisos ocorre naturalmente.

No rés-do-chão, aproveita-se o compartimento maior ao qual se liga a escada para definir a sala de degustação. A escala reduzida desta divisão e a luz Norte que entra pela porta existente criam um ambiente calmo com caráter introspetivo. No compartimento adjacente organiza-se uma sala de estar com casa de banho, esta última posicionada dentro de um segundo volume de madeira com configuração semelhante aos demais. As duas salas ligam-se através de um vão novo criado na parede divisória. O pavimento em microcimento afagado e as vigas apertadas do teto conferem unidade à totalidade do andar térreo. A sala de estar, pensada no âmbito do programa de alojamento, é a área interior de mediação entre a casa reabilitada e um novo espaço que se cria no lugar do vazio consequente à demolição do anexo existente.

Uma porta nova fura a parede antiga da construção e liga-a a uma sala de refeições para hóspedes com cozinha integrada. A conceção deste espaço advém de uma atenção grande

após intervenção do arquiteto Eduardo Souto de Moura;
7 | ZUMTHOR, Peter (2014) *Pensar la Arquitectura*. 3ª edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. p .54;



Fig. 105 - Simulação: relação da cozinha e da sala de refeições com o exterior, no lugar do anexo demolido.

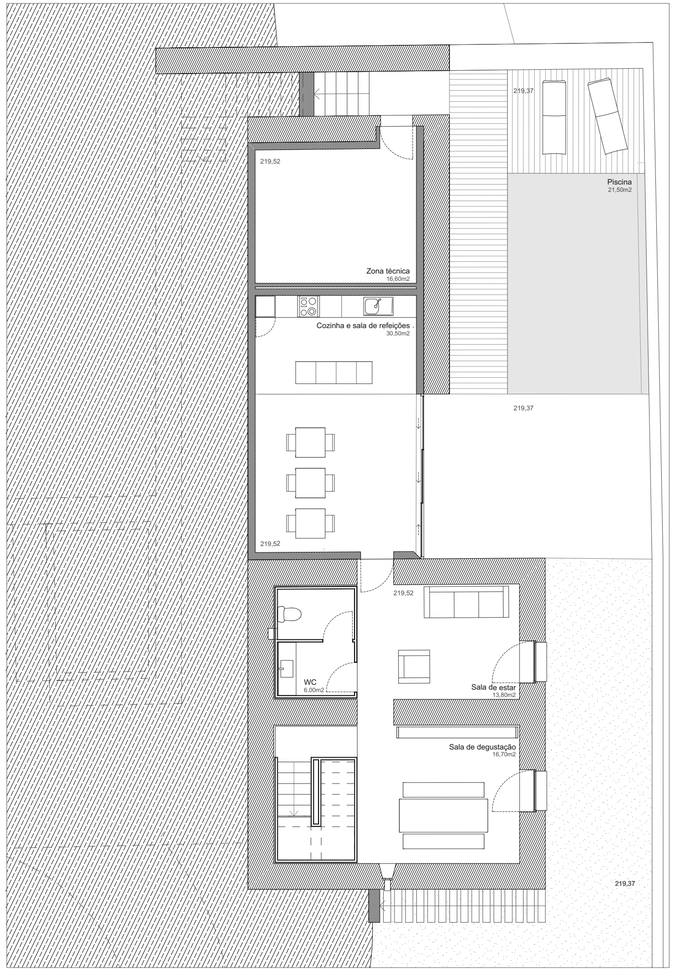
ao equilíbrio tangível entre a topografia do lugar e a casa antiga. O objetivo passa pela vontade de deixar prevalecer o edifico tradicional, sem que isso resulte numa construção sem caráter[8]. Nesse sentido, definiu-se uma sala de um piso com pé direito condicionado pela altura do socalco existente, posicionada por detrás do muro em xisto e rematada por uma cobertura exposta em betão que, como um objeto novo, *"parece ter caído do céu"*.[9]

Opta-se por deixar o muro de pedra sem revestimento de cal para que se mantenha a hierarquia atual entre a casa revestida de branco, de maior importância, e o muro de xisto em bruto, com acabamento semelhante aos restantes muros da propriedade. Na junção entre a casa e o muro recuperado trabalha-se o vazio com um plano envidraçado de correr que intensifica a relação entre a sala interior e o terraço exterior, com deck e piscina sobre o vale.

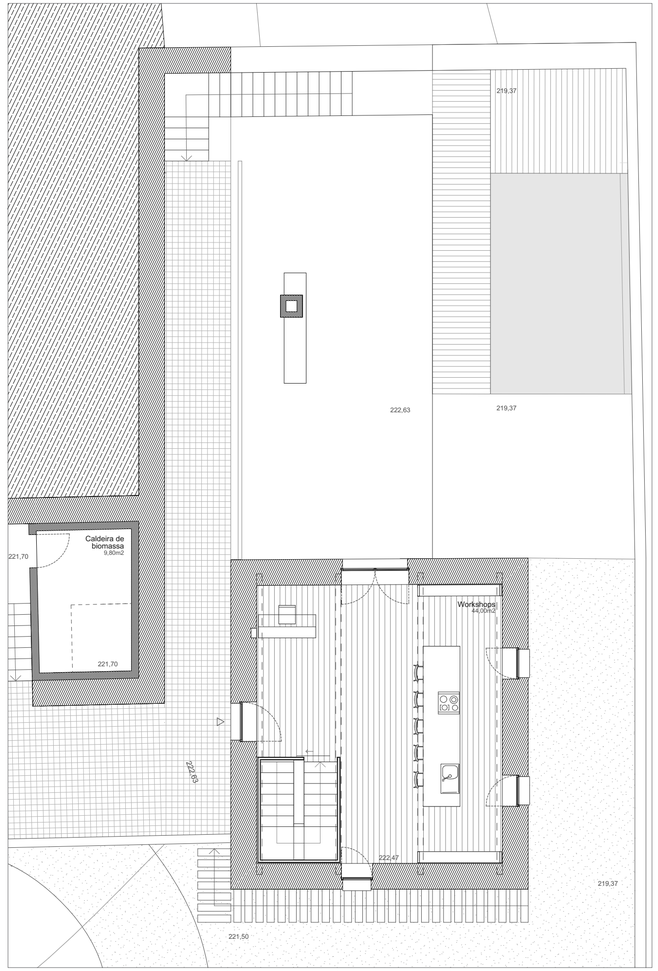
A intenção arquitetónica do espaço complementar é clara e não concorre com a estrutura tradicional principal, assumindo-se no todo da intervenção com uma identidade forte, apesar de secundária. O novo espaço contíguo dissimula-se na topografia existente, evidenciando uma presença subtil através de elementos construtivos contemporâneos que se demarcam dos demais materiais vernaculares e naturais. Por outro lado, a casa libertada assume o protoganismo da intervenção e vê o seu revestimento exterior em argamassa de cal ser substituído por um novo, restituindo-se o seu vigor na paisagem.

8 | *"(...) é importante a expressão de uma qualquer singularidade que, não traindo a essência, liberte o desenho das razões demasiado óbvias. Consegue assim definir-se um toque de autenticidade que atrai de maneira não agressiva mas que, ao mesmo tempo, surge, em parte como banal. Partir com a obsessão da originalidade é um processo inculto e primário".* SIZA, Álvaro (2006) *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições 70. p. 145;

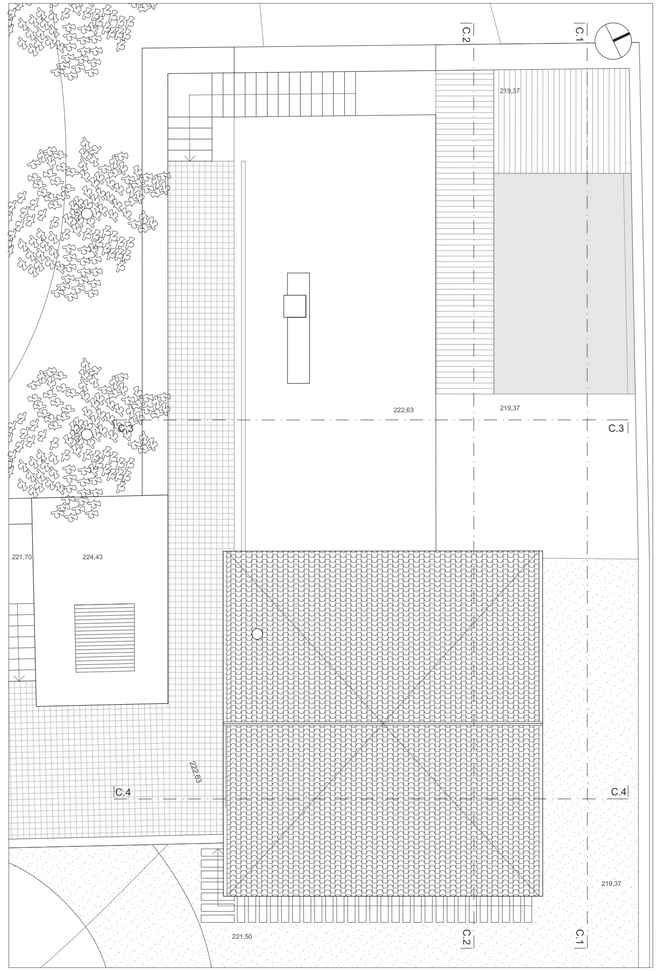
9 | *"(...) the roof has been exposed to view, declaring itself as a new object, visible as if fallen from the sky".* SOUTO DE MOURA, Eduardo, *Casa em Moledo.* In: *2G Souto de Moura* (1998) N.º 5. Barcelona: Gustavo Gili. p. 44.



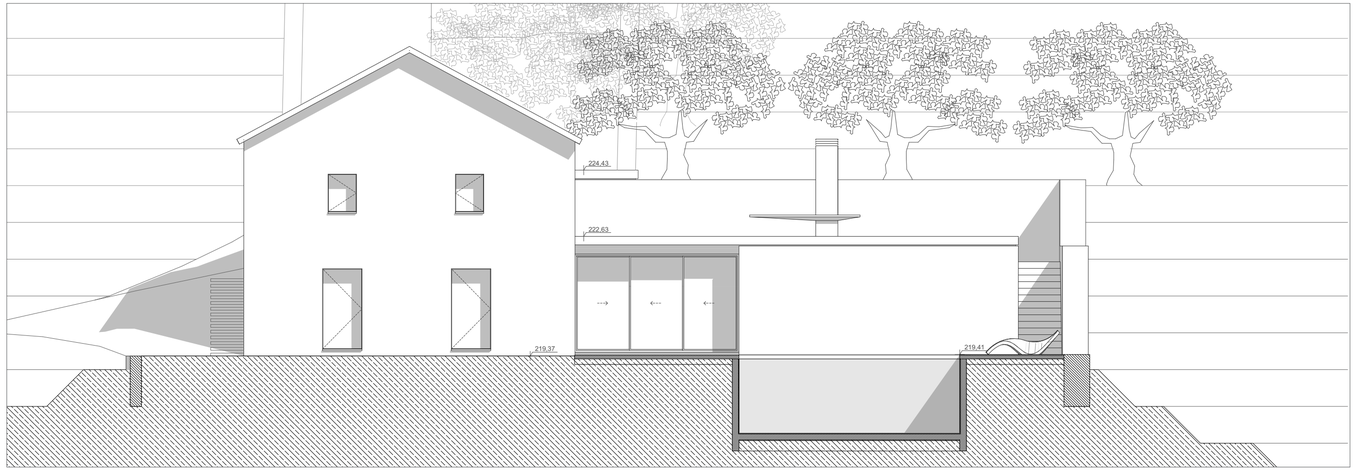
Planta à cota 220,72 (piso inferior)



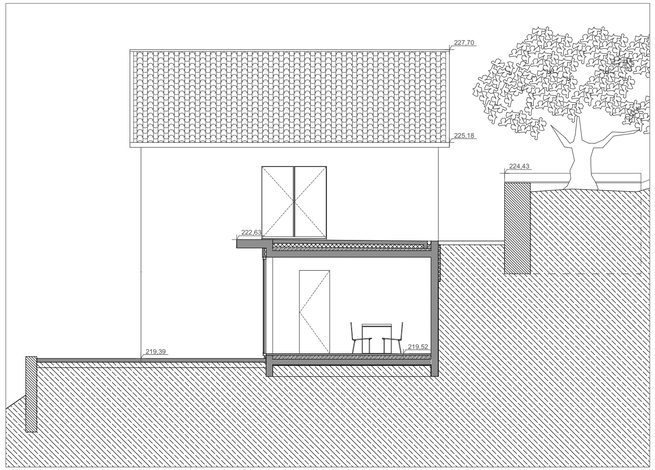
Planta à cota 223,67 (piso superior)



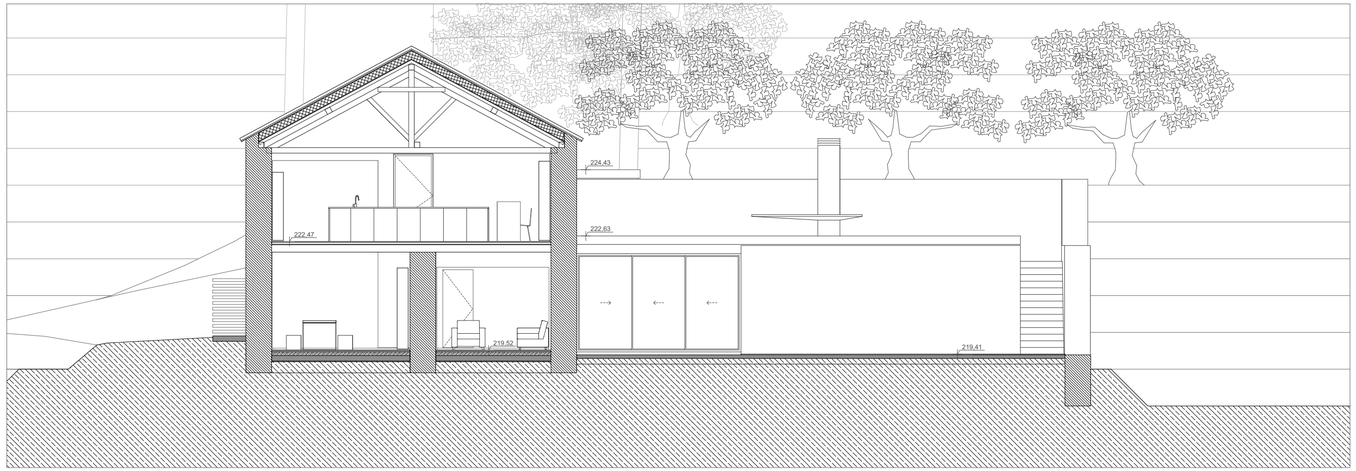
Planta de coberturas



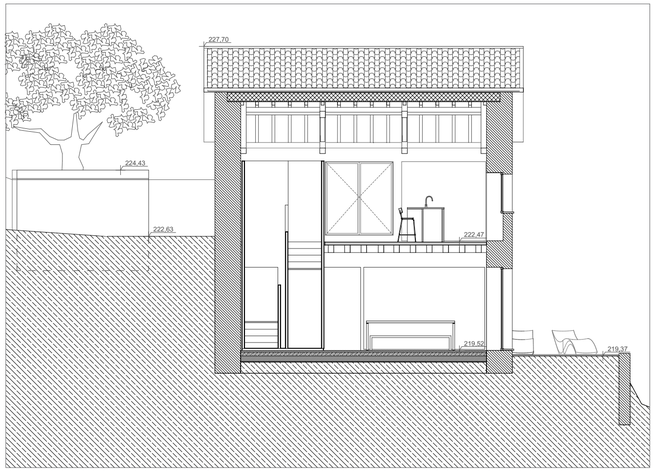
Perfil C.1 (alçado Norte da Casa, com corte pelo terraço com piscina)



Perfil C.3 (alçado Oeste da Casa, com corte pela sala de refeições)



Perfil C.2 (sala de workshops em cima; salas de degustação e de estar em baixo)



Perfil C.4 (relação do volume da escada com as salas de workshops e de degustação)

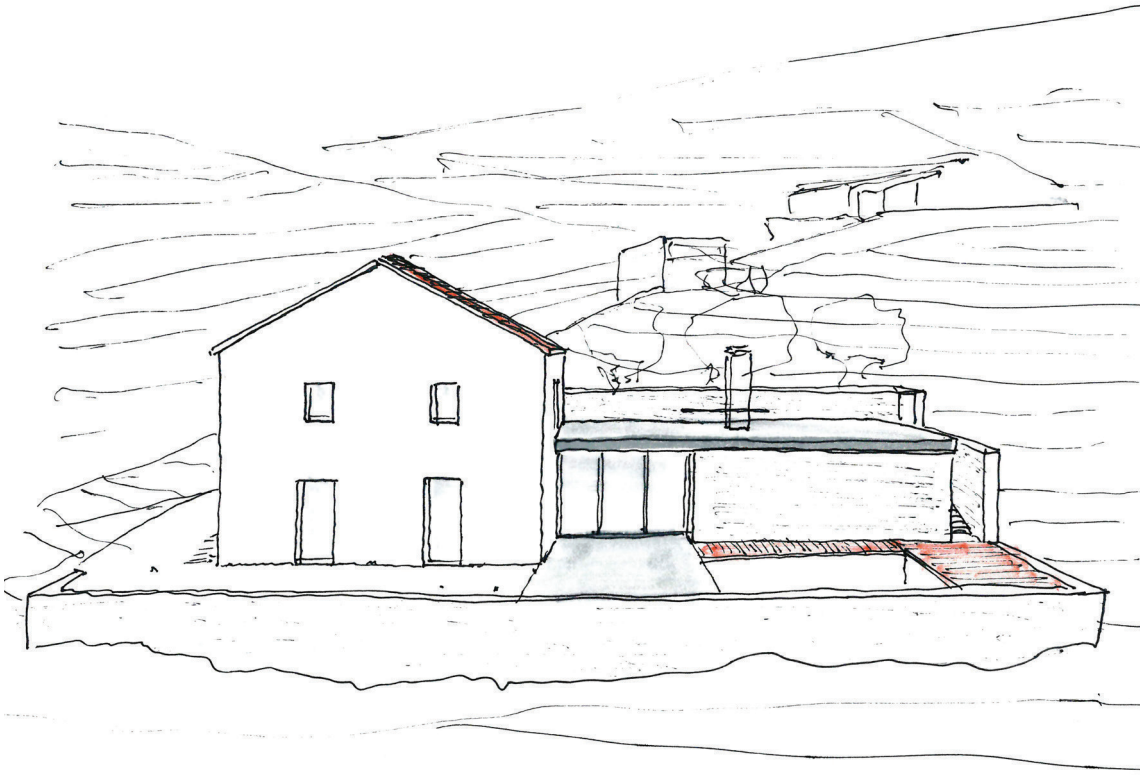


Fig. 106 - Casa de Baixo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação partiu da intenção de realizar um trabalho teórico-prático com foco na produção de azeite e nos elementos construídos que sustentam a paisagem cultural do Douro. Teve por base um contexto existente, um cliente potencial e uma realidade económica e territorial determinante. A busca de uma oportunidade tão real quanto possível adveio da vontade de estruturar a reflexão teórica e o projeto prático consequente, a partir de condicionantes verdadeiras, não excluindo a ambição de futura concretização de obra.

O contacto com os clientes e o estudo da Quinta desencadearam um caráter específico e inesperado no projeto. Em vez de um projeto de raiz, a investigação sobre a temática de produção e o estudo da circunstância sugeriram a operacionalização de estruturas rurais antigas, desocupadas e com caráter próprio. Deste modo, o projeto ganha importância enquanto *pacemaker*, tanto do ponto de vista da reanimação de estruturas em ruína, como do ponto de vista da renovação da função e significado das mesmas enquanto parte integrante da Quinta e da paisagem duriense.

Pode-se dizer que esta possibilidade real criou alguma inquietação, talvez por se tratar do primeiro caso prático de projeto em construções pré-existentes, realizado no âmbito do ciclo de estudos em arquitetura que agora termina. O contexto da dissertação não representava uma liberdade total por explorar, mas sim um condicionalismo para superar e uma oportunidade para ensaiar novas abordagens. Perante esta circunstância assumiu-se o desafio, agarrou-se no sonho dos clientes e partiu-se para a descoberta daquele enquadramento físico e paisagístico, com vista à validação das estruturas existentes como possibilidades de lagar de azeite e espaços de turismo.

Com o decorrer do processo de trabalho descobriu-se um potencial encoberto e específico da arquitetura existente, com necessidades de atualização, e desenvolveu-se uma postura crítica de projeto que se acredita contribuir para a (re)valorização do território. O resultado ultrapassa as questões da mera reabilitação e integra potencialidades que extravasam os limites da propriedade privada. Com o projeto desenvolvido, confere-se ao setor intervencionado um papel importante com responsabilidade sobre a paisagem. O lagar, enquanto dispositivo de produção, incentiva o papel da oliveira na caracterização do contexto duriense. De forma complementar, o conjunto das casas reabilitadas, enquanto fragmentos construídos na paisagem, contribuem para a consolidação da identidade territorial com um papel renovado, pertinente e atual.

Num mundo com cada vez menos espaço livre, em transformação acelerada e com pressões económicas e sociais crescentes, a reabilitação no sentido de dar uma vida nova os edificados antigos e descontextualizados será um desafio cada vez mais presente. Isto aplica-se aos aglomerados urbanos de grande concentração e caráter patrimonial com importância cultural reconhecida, mas igualmente aos meios rurais onde predominam necessidades de revitalização e de relançamento económico.

No seguimento deste raciocínio, face à implementação de um programa novo de

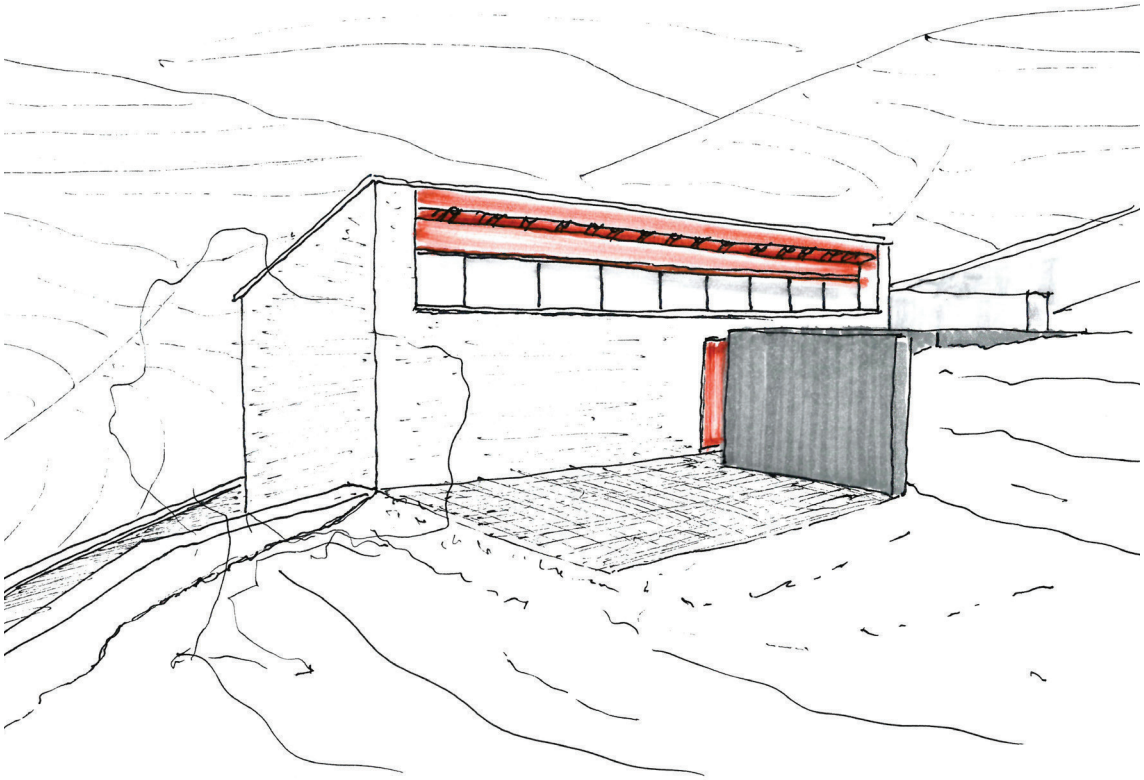


Fig. 107 - Casa do Meio.

arquitetura em contexto construído, o existente, assim como a sua função original, não têm de constituir fator limitativo. Contrariamente a um caráter rígido, o programa pode ser flexível e beneficiar de uma relação recíproca de compatibilidade e adaptação entre as novas funções e o edificado que as precede. Deste modo, o programa representa uma dimensão ativa do projeto e tem um papel fundamental para o sucesso de qualquer intervenção desta natureza.

Crê-se que projetar ou construir em edifícios antigos não representa um desafio criativo menor. Bem pelo contrário, impõe que se adote uma atitude crítica de intervenção projetual[1], como defende o arquiteto Ignasi Solà-Moralez. Ao invés de posturas evasivas, típicas da proteção ou preservação da condição existente, deve repensar-se a intervenção contemporânea em edifícios do passado, segundo uma atitude integradora, com projetos voltados para o futuro. Assim, em vez de aplicar regras ou estilos pré-estabelecidos, defende-se que deve prevalecer um modo de abordar as arquiteturas ditas antigas, deixando que cada edifício fale por si. O que, tendo em conta as diferenças implícitas em cada contexto, favorece o aparecimento de diferentes possibilidades de intervenção. Tal forma de lidar com o desafio, requer um estudo profundo do contexto e a aprendizagem de novas linguagens, estimulando o aparecimento de soluções tão criativas como aquelas pensadas de raiz.

O enriquecimento cultural cumulativo do presente exige a integração dessas diferentes linguagens, com valor criativo contemporâneo acrescentado, quando combinadas e sobrepostas. O mesmo se passa noutras áreas para além da arquitetura, como na arte, na música ou no design, onde se verificam tendências constantes de revalorização e reinterpretação de expressões antigas.

Tal integração e sobreposição de valores em estruturas que perduram no tempo para além dos respetivos períodos de edificação, contribui para que se diluam autorias em prol da (re)valorização do espaço, indo de encontro àquilo que, segundo o arquiteto Eduardo Souto Moura, deve ser a maior aspiração de um arquiteto: "ser anónimo"[2]. Assim, deve procurar-se a atualização do edificado segundo um equilíbrio justo entre o presente, o passado e o futuro, entrecruzando a intervenção de homens e de arquitetos de gerações distintas num trabalho já iniciado, mais abrangente e por isso enriquecedor, que remete para o conceito de colaboração vertical[3], do arquiteto Fernando Távora.

Nesse sentido, a dissertação propõe uma atitude inclusiva dos edifícios do passado mas apresenta um projeto com caráter inovador que não se limita pela condição existente. Com a convicção de que as estruturas antigas da Quinta dos Poços constituem um importante valor cultural e memorial, que deve perdurar, o projeto defende a sua continuidade mas adota uma atitude construtiva que reconhece e determina as suas necessidades de atualização. Mais do que um somatório de funções, o projeto desenvolvido traduz a

1 | SOLÀ-MORALEZ, Ignasi (1982) Teorías de la Intervención Arquitectónica. (Weblog) Cuatro Cuadernos- escritos sobre arquitectura y patrimonio. 16 , Abr 2015;
2 | SOUTO DE MOURA, Eduardo. In: 2G Souto de Moura (1998) N.º 5. Barcelona: Gustavo Gili. pp.122-136;
3 | TÁVORA, Fernando (1993) Teoria geral da organização do espaço: arquitetura e urbanismo: a lição das constantes. Porto: FAUP Publicações. p. 20-21.

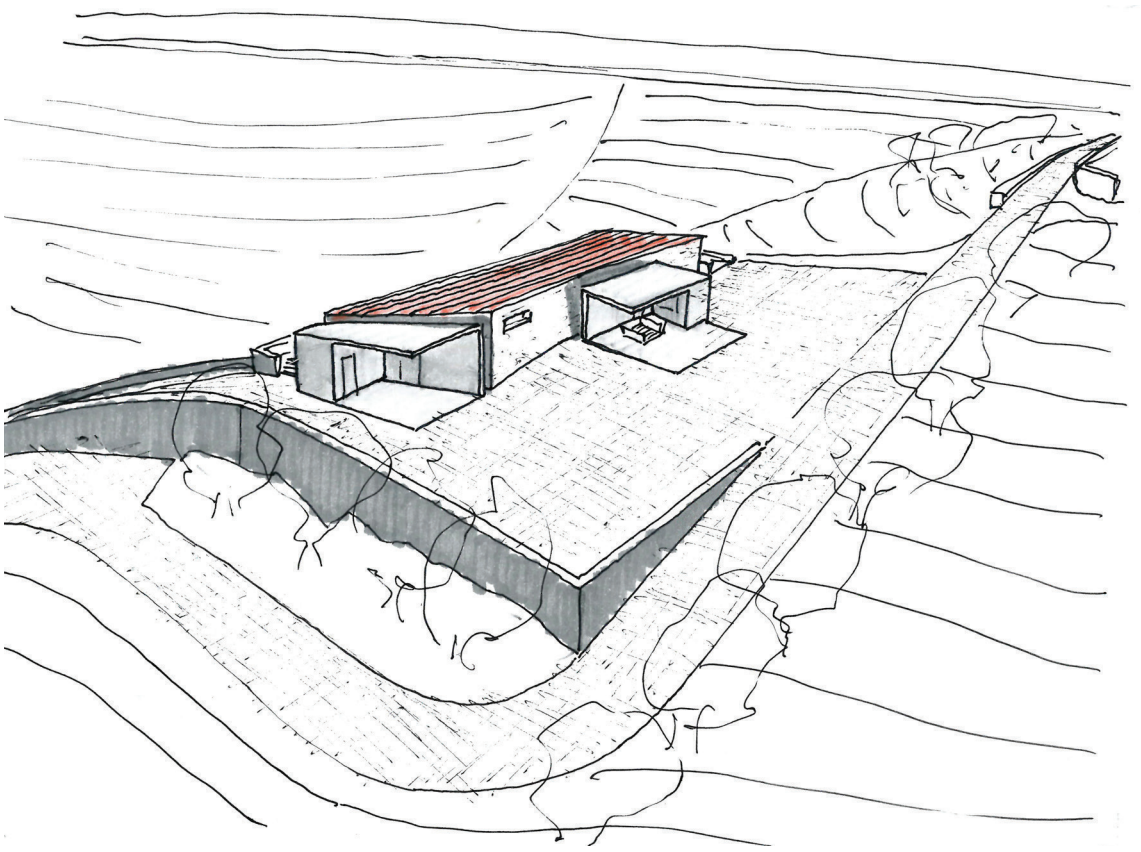


Fig. 108 - Casa de Cima.

integração do programa funcional em espaços pré-existentes, com valor reconhecido, e enfatiza a importância da continuidade e da transformação ativa do território ao longo do tempo.

No final deste processo, para além do enriquecimento prático e intelectual enquanto estudante finalista, pretende-se que o trabalho desenvolvido constitua mais um estímulo à reflexão sobre a forma como a arquitetura contemporânea deve lidar com os valores legados pelo passado. Assim, espera-se contribuir com uma dissertação útil e sensibilizadora nesta matéria, cativando o interesse de outros acerca de um tema que é cada vez mais pertinente e atual.

Ao mesmo tempo, a investigação realizada no âmbito do lagar, coloca em hipótese a produção autónoma de volumes de azeite mais reduzidos, em equipamentos próprios, tendo como foco a importância da arquitetura na obtenção de um produto com qualidade. Deste modo, através da validação da Casa de Cima como lagar, pensa-se poder contribuir para a valorização do azeite enquanto produto identitário do Douro Património da Humanidade e da cultura agrícola portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*

Publicações:

AFONSO, João, MARTINS, Fernando, MENESES, Cristina (ed.) (2004) *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos;

ALARCÃO, Pedro (ed.) (2014) *Intervenção arqutiectónica em contextoarqueológico, propostas e desafios para a cidade de Braga*. Porto: Faup Publicações;

ALVES COSTA, Alexandre (ed.) (2008) *Só nós e Santa Tecla*. Porto: Dafne Editora;

ARIS, Carlos Martí (2005) *El Concepto de Transformación Como Motor de Proyecto*. (Weblog) Cuatro Cuadernos - escritos sobre arquitectura y patrimonio. 23, Jul 2015. Dísponível em: https://cuatrocuadernos.wordpress.com/concepto-transformacion-como-motor-proyecto/ (acedido a 20/01/2017);

BRAGA-AMARAL, José (2011) *Quinta dos Poços. 300 Anos de História*. Porto: Pagella;

CAMPO BAEZA, Alberto (2013) *Principia Architectónica*. Casal de Cambra: Caleidoscópio;

CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima (ed.) (1999) *Construir no tempo, Building upon time: Souto de Moura, Rafael Moneo e Giorgio Grassi*. Lisboa: Estar;

CHOAY, Françoise (ed.) (2011) *As questões do património, Antologia para um combate*, Lisboa: Edições 70;

COSTA, Bento, et al. (2002) *Código de Boas Práticas para o Processamento Tecnológico dos Azeites Virgem*. Lisboa: Casa do Azeite – Associação de Azeite de Portugal;

COSTA, Natália Fauvrelle da (1999) *Quintas do Douro, As Arquitecturas do Vinho do Porto*. Dissertação de Mestrado em História da Arte, FLUP;

ECO, Umberto (1988) *Como se Faz Uma Tese*. Lisboa: Presença, Lisboa;

ELIOT, Thomas Stearns (1943) *The four Quartets*. Califórnia: Harcourt;

EYCK, Aldo van (1996) *El Interior del Tiempo*. (Weblog) Cuatro Cuadernos - escritos sobre arquitectura y patrimonio. 24. Mar 2016. Dísponível em: https://cuatrocuadernos.wordpress.com/interior-tiempo/ (acedido a 20/01/2017);

GOUVEIA, José (ed.) (2002) *O Azeite em Portugal*. Lisboa: Inapa;

GRACIA, Francisco de (1996) *Construir en lo Construído*, Madrid: Nerea;

* Segundo o Sistema Harvard.

GRASSI, Giorgio (1990) *Una Opinión Sobre la Restauración.* (Weblog) Cuatro Cuadernos- escritos sobre arquitectura y patrimonio. 26, Nov2015. Dísponível em: https://cuatrocuadernos.wordpress.com/opinion-sobre-restauracion/ (acedido a 20/01/2017);

INE (2015) *Estatísticas Agrícolas de 2014.* Lisboa: INE;

INE (2016) *Estatísticas Agrícolas de 2015.* Lisboa: INE;

MARTÍ, Antonio (2013) *Los Ciclos del Tiempo.* (Weblog) Cuatro Cuadernos - escritos sobre arquitectura y patrimonio. 31, Dez 2015. Dísponível em: https://cuatrocuadernos.wordpress.com/ciclos-tiempo/ (acedido a 20/01/2017);

NORBERG-SCHULZ, Christian (1984) *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture.* Nova Iorque: Rizzolli;

PEREIRA, Gaspar (ed.) (2014) "*Quintas do Douro: História, Património e Desenvolvimento".* In: *Atas das 2as Conferências Museu de Lamego / Citcem*, Lamego, Outubro, 2014. Lamego: Museu de Lamego, 2014, pp. 9-20;

RUBINO, Silvana e GRINOVER, Mariana (ed.) (2009) *Lina Por Escrito, Textos escolhidos de Lina Bo Bardi.* São Paulo: Cosac e Naify;

RUDOVSKY, Bernard (1965) *Architecture without architects: a short introduction to non-pedigree architecture*. Nova Iorque: MOMA - Museu de Arte Moderna;

SANTA-MARIA, Luis (2004) *Intersecciones*. Madrid: Rueda;

SIZA, Álvaro (2006) *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições 70;

SOLÀ-MORALEZ, Ignasi (1982) *Teorías de la Intervención Arquitectónica.* (Weblog) Cuatro Cuadernos- escritos sobre arquitectura y patrimonio. 16 , Abr 2015. Dísponível em: https://cuatrocuadernos.wordpress.com/2015/04/16/teorias-intervencion-arquitectonica/ (acedido a 20/01/2017);

SOUSA, Diana (ed.) (2008) *Páginas Brancas*. Matosinhos: Quidnovi;

TÁVORA, Fernando (1960) Diário *de Bordo da Viagem aos USA, 1960.* In: SIZA, Álvaro (ed.) *Diário de "bordo".* Matosinhos: Associação Casa da Arquitectura;

TÁVORA, Fernando (1993) *Teoria geral da organização do espaço: arquitetura e urbanismo: a lição das constantes*. Porto: FAUP Publicações;

VITA, Francisca (2012) *João Mendes Ribeiro: um Caminho para Refletir sobre a Condição Hodierna da Pratica da Arquitetura e do Design de Interiores*. Dissertação de Mestrado em Design de Interiores, ESAD;

ZUMTHOR, Peter (2009), *Atmosferas*. 1ª edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili;

ZUMTHOR, Peter (2014) *Pensar la Arquitectura*. 3ª edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Revistas:

2G Souto de Moura (1998) N.º 5. Barcelona: Gustavo Gili;

2G Lacaton & Vassal (2001) n.º 60. Barcelona: Gustavo Gili;

AZ-ZAIT (2011) n.º 16. Lisboa: Casa do Azeite;

DPA: Documents de projectes d'arquitectura (1998) n.º 14. Barcelona: DPP;

El Croquis Valerio Olgiati 1996-2011 (2011) n.º 156. Madrid: El Croquis Editorial;

João Mendes Ribeiro (p/ Désirée Pedro) (2011) n.º 7, Colecção Arquitectos Portugueses. Vila do Conde: QN Edição e Conteúdos;

Pereriferia (1984) n.º 2. Sevilha;

Douro: Estudos & Documentos (1998) n.º3. Porto: UTAD;

TC Cuadernos Menos é Mais 2000-2013 (2013) n.º 111. Valência: General de Ediciones de Arquitectura.

Documentários:

DOP AZEITE ep. 3. (14, Jun 2016) (Documentário) Dirigido por ANABELA SAINT-MAURICE. Gaia: RTP2.

Websites:

http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/335579/fullscreen

http://www.archdaily.com.br/br/01-18355/marmelo-mill-bak-gordon-arquitectos

http://www.archdaily.com.br/br/762180/arquipelago-centro-de-artes-contemporaneas-menos-e-mais-arquitectos-plus-joao-mendes-ribeiro-arquitecto

http://www.archdaily.com.br/br/788553/casa-na-chamusca-da-beira-joao-mendes-ribeiro

http://www.casadoazeite.pt/Hist%C3%B3ria/Azeite-em-Portugal

http://www.goodreads.com/quotes/3543028-tradition-is-not-the-worship-of-ashes-but-the-preservation

http://www.soulportugal.com/blog/azeite-ouro-liquido-portugues-2/

http://www.tem.it/en/products/olive-oil-plants/olive-oil-mills.html

http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225

LISTA DE ORIGEM E/OU CRÉDITOS DE IMAGENS

**

Fig. 2 - http://www.quintadospocos.pt/azeite-mel;

Fig. 6 - JOSEPH JAMES FORRESTER. Disponível em: http://purl.pt/22487/2/;

Fig. 7 - Vista área montada a partir do Google Earth;

Fig. 8 - Planta topográfica cedida pela Câmara Municpal de Lamego;

Fig. 9 - Vista área montada a partir de extratos do Bing Maps;

Fig. 41 - http://miesarch.com/uploads/images/works/1891-12211.jpg;

Fig. 42 - http://1.bp.blogspot.com/-PlCeXWbXU_A/UQAy3tav3GI/AAAAAAAAAKM/ue-AdpSvb6k/s1600/05malatestatemplelarge.jpg;

Fig. 43 - HÉLÈNE BINET. Dísponíveis em: http://www.architecturenorway.no/questions/identity/perez-gomez-on-fehn/;

Fig. 44 - DENNIS GOLBERT. Dísponível em: https://www.architectural-review.com/today/neues-museum-by-david-chipperfield-architects-berlin-germany/8601182.article;

Fig. 45 - *El Croquis Valerio Olgiati 1996-2011* (2011) n.º 156. Madrid: El Croquis Editorial;

Fig. 46 - JOSÉ CAMPOS. Disponível em: http://www.archdaily.com.br/br/762180/arquipelago-centro-de-artes-contemporaneas-menos-e-mais-arquitectos-plus-joao-mendes-ribeiro-arquitecto;

Fig. 47 - LUÍS FERREIRA ALVES. Disponível em: http://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira;

Fig. 48 - CUSTÓDIO, Jorge (1998) *O lagar e o "Azeite Herculano"*, Santarém: CM Santarém, 1998;

Fig. 49 - http://www.trekearth.com/gallery/Europe/Portugal/North/Castelo_Branco/Idanha-a-Velha/photo1320034.htm;

Fig. 52 - NICOLAU LEOCÁDIO. Disponível em: http://fozcoafriends.blogspot.pt/2011/11/apanha-da-azeitona.html;

Fig. 53 - http://s3.observador.pt/wp-content/uploads/2014/12/Lagar-Marmelo69_jpeg1.jp;

Fig. 56 - FG + SG. Disponível em: http://www.archdaily.com/186419/marmelo-mill-ricardo-bak-gordon/5016ca7028ba0d1416001192-marmelo-mill-ricardo-bak-gordon-photo;

Fig. 59 - Plantas originais disponíveis em: http://www.bakgordon.com/;

Fig. 61 - http://www.tem.it/en/products/olive-oil-plants/olive-oil-mills.html;

Fig. 70 - GRACIA, Francisco de (1996) *Construir en lo Construído*, Madrid: Nerea;

Fig. 78 - FG + SG. Disponível em: http://www.archdaily.com/186419/marmelo-mill-ricardo-bak-gordon/5016ca3f28ba0d141600118b-marmelo-mill-ricardo-bak-gordon-photo;

Fig. 119 - http://www.archdaily.com.br/br/01-18355/marmelo-mill-bak-gordon-arquitectos/18355_18372.

****As figuras em falta pertencem ao arquivo pessoal ou foram produzidas pelo autor, não sendo por isso referenciadas nesta lista de origem e/ou créditos de imagens.

ANEXO 1:
EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS DE AZEITE NA ÚLTIMA DÉCADA

Exportações Portuguesas de Azeite*	
Ano	(kg) Exportações
2005	23 267 200
2006	23 472 200
2007	33 373 300
2008	40 419 000
2009	43 366 300
2010	54 171 800
2011	79 983 700
2012	96 713 000
2013	103 793 700
2014	128 310 700
Total	626 870 900
Média	62 687 090

Fonte: Eurostat
* Azeite Virgem Lampante + Azeite Virgem + Azeite

ANEXO 2:
DIAGRAMA DE EXTRAÇÃO DO AZEITE

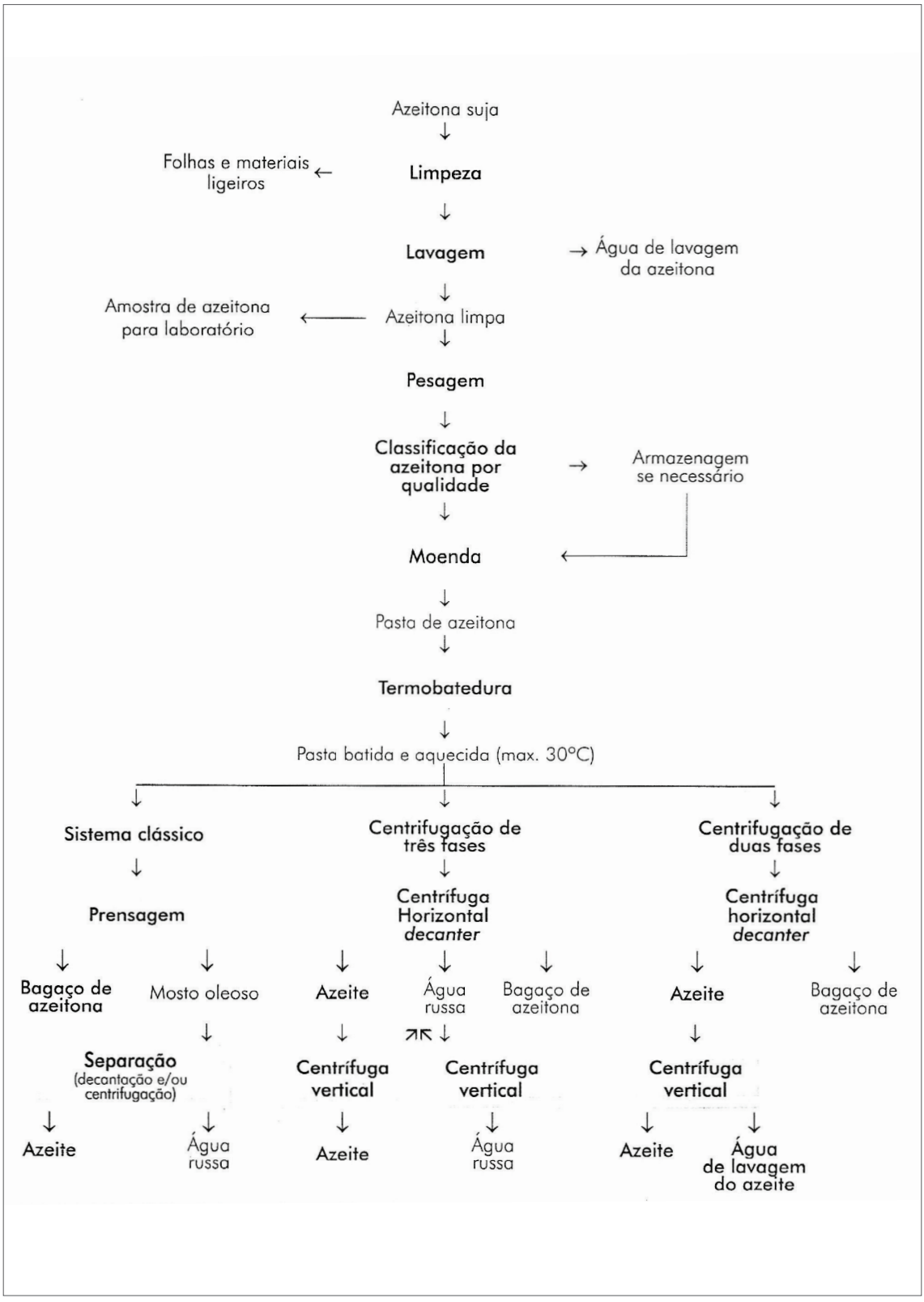


Diagrama extraído de: COSTA, Bento, et al. (2002) *Código de Boas Práticas para o Processamento Tecnológico dos Azeites Virgem*. Lisboa: Casa do Azeite – Associação de Azeite de Portugal. p. 17.



Fig. 109 - Largo em torno do qual se localiza o edifício do Lagar da Quinta do Romeu.

ANEXO 3:
VISITAS DE ESTUDO A TRÊS LAGARES

LAGAR DA QUINTA DO ROMEU

A Quinta do Romeu, situada em Mirandela, Trás-os-Montes, numa região com Designação de Origem Protegida (DOP), é propriedade da sociedade Agrícola Clemente Menéres e dispõe de 120 hectares com um imenso olival, com capacidade para produzir anualmente 10 000l a 40 000l de azeite extra virgem. O Azeite Romeu, *"Puro como Deus o deu"*[1], beneficia das condições especiais do clima seco da Terra Quente Transmontana, com grandes amplitudes térmicas, para produzir um azeite várias vezes premiado como um dos melhores do mundo.

O lagar existente é um equipamento exclusivo e integra um conjunto edificado antigo organizado em torno de um largo, constituído por um antigo edificio administrativo, um solar e o edifício correspondente ao equipamento de produção. O tom amarelo azeite gasto dos edifícios e as carpintarias verde azeitona esbatidas, em conjunto com os tons brancos e violetas das glicínias que preenchem o largo exterior, criam uma atmosfera especial. O conjunto transmite um certo romantismo e nostalgia, criando uma ambiência que parece pertencer ao passado.

A visita foi possbilitada pelo eng. João Pedro Menéres, gerente da Sociedade Agrícola Clemente Menéres, e guiada pelo Sr. Vitor, um técnico que por ali cresceu e sempre trabalhou, que abriu as portas do lagar e explicou o seu funcionamento. O lagar do Romeu organiza-se em 5 espaços:

1) Receção;
2) Lavagem;
3) Laboração;
4) Armazenamento;
5) Engarrafamento e rotulagem.

1) A receção é feita num pequeno alpendre exterior, onde se encontra posicionada uma máquina desfolhadora, que estabelece uma relação direta com o olival e com o espaço interior. A máquina recebe as azeitonas provenientes da colheita, que chegam de reboque, a granel, e retira os galhos e as folhas dos frutos através de uma ventilação. Posteriormente a azeitona é colocada em cestos furados, para evitar a sua fermentação, já no interior do edifício, pronta para a limpeza.

2) A lavagem ocorre numa pequena divisão interior em relação com a receção e com a laboração. A azeitona é colocada em sem-fins que a fazem passar por duas máquinas lavadoras, para remover os detritos e as impurezas. Depois de lavada com água, é recolhida por um tubo que a transporta para a maior divisão do lagar, onde ocorre a laboração, através de um furo (improvisado) na parede.

1 | Slogan da marca;



Fig. 110 - Receção da azeitona. Neste alpendre exterior existe máquina desfolhadora que dá início ao circuito.



Fig. 112 - Lavagem da azeitona com água. 1ª divisão interior do circuito, relacionada com a receção e a laboração.





Fig. 111 - Laboração. A sala preserva características antigas (desnível no pavimento e prensas hidráulicas) e combina métodos de extração do sistema clássico (moinho com mós de pedra e decantação natural) num sistema contínuo com processos mais evoluídos (termobatedura, decanter de separação de duas fases e centriugadora vertical). O revestimento das paredes e do pavimento é impermeável.

3) A laboração dá-se numa sala com iluminação natural ténue, com pavimento e paredes impermeáveis e um desnível de 0,8m. O desnível diz respeito a métodos de produção mais antigos e que caiream em desuso, nos quais se tirava partido da gravidade para recolher o azeite proveniente das três prensas hidráulicas existentes, hoje desativadas. Atualmente, a laboração realiza-se através de um circuito constituído por: um moinho de galgas cónicas de granito, com funcionamento elétrico, que esmaga a azeitona transformando-a numa pasta; por uma termobatedeira, que homogeneiza a pasta e a aquece ligeiramente para facilitar a extração que se segue; por um decanter de separação de duas fases (ou centrifugadora horizontal), que substitui a função das referidas prensas hidráulicas com capachos; por três "tarefas" metálicas, ordenadas da mais alta para a mais baixa, que realizam a decantação natural do azeite; e por uma centrifugadora vertical, que conclui o processo de extração. Antes de seguir para o armazenamento, realiza-se uma prova de qualidade do azeite de um modo artesanal.

Durante este circuito, os desperdícios sólidos são encaminhados para o exterior por via de tubos e bombas até a uma zona de compostagem, situada no exterior, sendo posteriormente utilizados como adubo. O aquecimento das máquinas utiliza o caroço das azeitonas como fonte energética, apesar deste ser recuperado fora da atividade do lagar.

4) O armazenamento ocorre em duas salas afastada do núcleo de laboração O azeite é transportado por tubos até uma zona onde existem vários depósitos de aço inox, cada um com 5 000l de capacidade e temperatura controlada. A altura dos depóstios ocupa pé direito existente, com 4m.

5) Numa das salas de armazenamento, com relação direta com o exterior, realiza-se o engarrafamento e a rotulagem através de um circuito automatizado próprio para o efeito.

Segundo o técnico do lagar, o azeite Romeu rende entre 18% e 20%, o que quer dizer que por cada 100kg de azeitona se obtém em média 20l de azeite. Referiu ainda a obrigatoriedade de existirem balneários para os funcionários (equipados com sanitários, vestiários e chuveiros), afastados do espaço de laboração por questões de higiene.

LAGAR DA CASA DE SANTO AMARO

O Lagar da Casa de Santo Amaro também se situa em Mirandela, Trás-os-Montes, na mesma região DOP do equipamento anterior. A propriedade agrícola em que se insere dispõe de 150 hectares de olival, que resultam num volume interno de produção anual de cerca de 30 000l de azeite. Para além disso, o lagar integra produção externa para outros produtores, perfazendo uma produção anual máxima de 90 000l.

O lagar, dirigido pelo empresário agrícola Francisco Pavão, é um edifício antigo vocacionado para esta função, mas que foi recentemente recuperado e reequipado para responder às novas exigências de produção. O edifício faz parte de um conjunto edificado organizado em torno de um largo. Entre várias construções existentes, destaca-se o Solar, a casa onde ocorre a extração e o armazenamento do azeite e a casa onde se localiza o espaço de engarrafamento e rotulagem.



Fig. 113 - Edifício antigo (onde ocorre a extração e o armazenamento) e anexo relativo ao espaço de receção.



Fig. 114 - Início do ciclo de produção com descarga da azeitona (de um produtor externo) para o tegão de recolha.



Fig. 116 - Sala de laboração localizada no interior do edifício antigo. À semelhança do lagar do Romeu também preserva algumas características antigas, mas encontra-se melhor equipada.



Fig. 115 - Sala de armazenamento com depósitos de inox, organizados por variedades e por produtores. O espaço foi recentemente reabilitado com uma nova cobertura com estrutura em madeira, isolamento térmico e um novo pavimento com sistema de drenagem de água e/ou azeite em caso de derrame.

A visita foi guiada pelo engenheiro agrónomo João de Azeredo, que começou por explicar que o largo exterior é fundamental para o funcionamento deste equipamento com produção externa para outros produtores, dispondo de uma dimensão que permite a chegada e movimentação de tratores, camiões, carrinhas e atrelados. O técnico referiu também que, em período de laboração, o lagar trabalha 24h/dia com uma capacidade de transformação de 1000kg/h, e necessita em média de 4 funcionários. O facto de incluir produção externa requer uma grande capacidade de gestão do processo de produção.

A sequência de produção é semelhante à que se observou no lagar anterior, mas é complementada com duas balanças (para calcular o rendimento da tranformação da azeitona em azeite) e com tegões de armazenamento que antecdem a fase de laboração. De qualquer forma, o importante é salientar que este lagar se organiza em três espaços, correspondentes às três principais fases de produção:

1) Receção;
2) Laboração;
3) Armazenamento.

1) A receção ocorre num espaço anexo ao edificado antigo, com estrutura metálica e caráter industrial, mais recente do que a casa onde ocorre a laboração. Este espaço estabelece uma relação direta com o cais exterior através de um portão e coberto com 4m de altura. A azeitona transportada em carrinhas, tratores, atrelados ou palotes de plástico, é descarregada para um tegão de recolha, onde se inicia o circuito. Depois de descarregada, a azeitona segue por tapetes mecãnicos para uma máquina desfolhadora, que retira os galhos e as folhas, e depois vai para uma máquina lavadora, onde se removem as restantes impurezas com recurso à agua. Depois de limpa, é pesada e segue para um de quatro tegões de armazenamento, onde aguarda para entrar na fase de produção seguinte. Nestes tegões armazena-se o fruto por variedades e/ou clientes, sendo cuidadosamente planeado e faseado. No interior deste espaço existe uma pequena cabine de controlo onde opera um funcionário, a partir de onde pode gerir a logística envolvida na atividade de receção.

2) A laboração ocorre dentro da casa antiga, com cota interior significativamente mais alta do que o espaço de receção. Por causa do desnível, a azeitona é transportada para a casa através de sem-fins e de tapetes mecãnicos, que a conduzem desde os tegões até a um moinho com mós de pedra onde ocorre a moenda. Segundo o técnico, o moinho ocupa demasiado espaço e é lento, obrigando as restantes máquinas a funcionarem a 50% da sua capacidade. Por isso querem substituí-lo por um moinho metálico de martelos, mais rápido e eficiente. Do moinho, a pasta é puxada por um sem-fim para as termobatedeiras, que requerem a existência de uma caldeira para aquecer a pasta a 21ªC, posicionada fora da zona de laboração para evitar o contacto do azeite com fumos e cheiros. Depois de homogeneizada a pasta, uma bomba encaminha-a para um decanter que separa a fase líquida da fase sólida, à qual se segue uma centrifugadora vertical, que faz uma última limpeza ao azeite através da adição de água. No fim deste circuito, o azeite sai pronto, é pesado e realiza-se uma prova de qualidade. Em caso positivo segue para os depósitos de armazenamento através de uma mangueira.

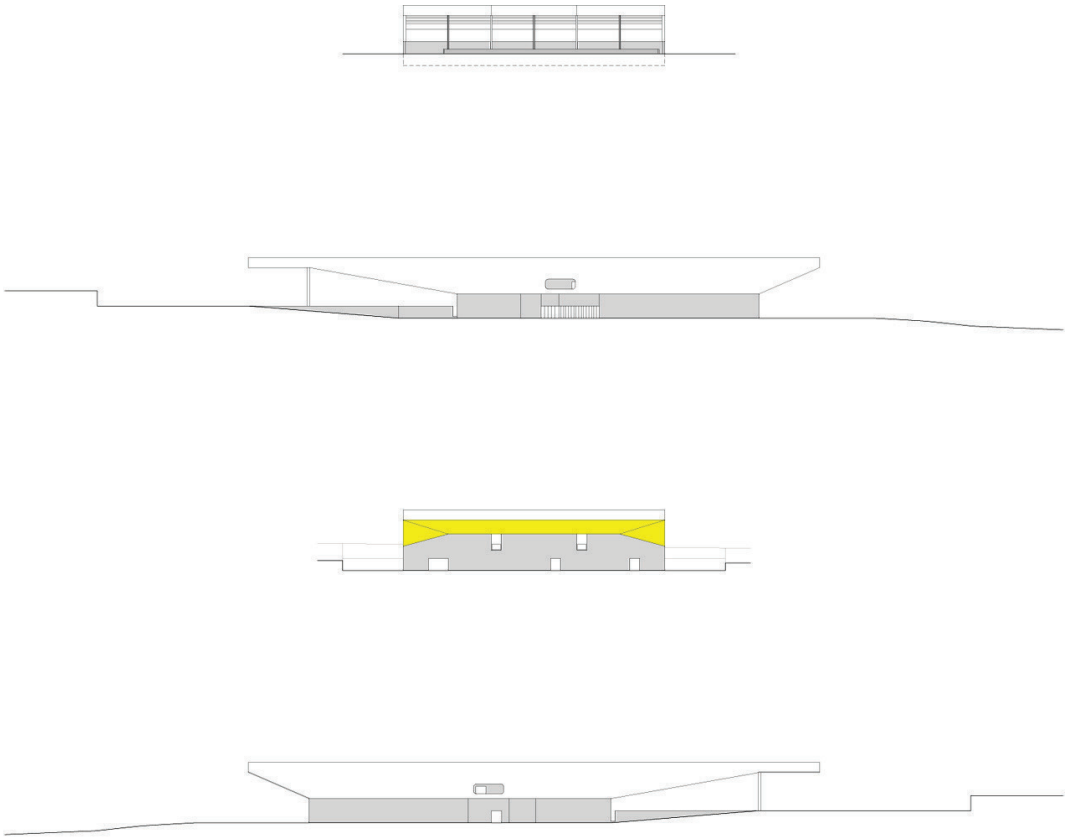


Fig. 117 - Perfis do Lagar do Marmelo.

3) O armazenamento é feito numa sala afastada da zona de laboração, que foi recentemente transformada em funçáo de melhores condições térmicas e higiénicas. A sala encontra-se bem isolada termicamente, tem temperatura controlada na ordem dos 18ªC e é protegida de odores. Nesta zona, o técnico referiu a importância de existir um sistema de drenagem no pavimento, por causa das lavagens de água regulares e de eventuais situações de derrame de azeite.

A transformação e o armazenamento devem ter lugar num ambiente termicamente controlado, fresco, e protegido de cheiros e fumos, porque o azeite é uma gordura e absorve aromas com muita facilidade. Para além disso, de produtor para produtor e de variedade para variedade, é fundamental higienizar-se todas as máquinas e respetivas ligações, com jato de água quente e posterior secagem com papel absorvente. Por esse motivo, os espaços devem ter um caráter impermeável e lavável.

A parte sólida excedente (bagaço de azeitona), separada no decanter de 2 fases, é encaminhada para um tegão exterior, para posteriormente ser vendido a uma empresa habilitada ao tratamento do mesmo. No exterior existe ainda um descaroçador que separa o caroço utilizado como fonte energética para o funcionamento da caldeira anteriormente mencionada.

LAGAR DO MARMELO

O Lagar do Marmelo, situado em Ferreira do Alentejo junto à Herdade do Marmelo, é da autoria do arquiteto português Ricardo Bak Gordon e representa o *"expoente máximo da tecnologia ao serviço da qualidade do azeite e da sustentabilidade ambiental"*[2]. O equipamento, de imagem leve e flutuante por entre o mar de oliveiras do monte alentejano, é um dos maiores investimentos da agricultura portuguesa dos últimos 20 anos e constitui uma referência arquitectónica mundial.

O lagar dispõe do maior olival do mundo (com 10 000 hectares) e está equipado com a mais recente tecnologia de ponta, composta por 4 linhas de extração com capacidade para transformar 40 toneladas/hora. Desta forma, alcança-se uma produção diária aproximada de 200 000l e um volume anual de 8 milhões de litros. Em concordância com estes volumes de produção, a sala de armazenamento equipa-se com 48 depósitos de inox, cada um com 80 000l de capacidade. Estes valores altíssimos colocam o Lagar do Marmelo acima da demais concorrência e afastam a hipótese de servir como modelo para o projeto desta dissertação. No entanto, a qualidade dos seus espaços, o modo como se organizam e o facto de terem sido pensados de raiz para o efeito, representam uma enorme aprendizagem para o projeto.

O edifício caracteriza-se por ser um grande volume rectangular, de caráter industrial, organizado em quatro áreas muito claras e eficientes na função que desempenham:

2 | OLIVEIRA DA SERRA (n.d.) *O Lagar*. (Online) Oliveira da Serra. Disponível em: http://www.oliveiradaserra.pt/oliveira-da-serra/lagar.aspx?lang=pt-PT;



Fig. 118 - Àrea de receção.



Fig. 119 - A consola que cobre a área de receção marca a paisagem com um revestimento dourado cor de azeite que se ilumina durante a noite, permitindo adivinhar o que se produz no interior do equipamento.



Fig. 120 - Sala de laboração vista a partir da *Galeria do Azeite.*



Fig. 121 - Sala de armazenamento.

1) Receção;
2) Laboração;
3) Armazenamento;
4) Serviços e turismo.

1) A área de receção consiste num espaço exterior voltado a Norte, que é a imagem de marca do edifício O espaço é definido por uma enorme consola com estrutura metálica e revestimento inferior dourado, que abriga duas áreas: uma primeira de descarga, posicionada numa cota elevada, onde existem quatro tegões de recolha preparados para receber a azeitona proveniente do olival em camiões; e uma segunda de receção propriamente dita, onde ocorrem os processos de ventilação, lavagem, pesagem, recolha de amostras e moenda, montados num impressionante circuito ligado por tapetes mecãnicos que circulam em direções opostas.

2) A seguir, a sala de laboração constitui a primeira área interior do ciclo de extração e integra quatro linhas de produção com todo o tipo de máquinas necessárias: prensas metálicas, decanters de separação de duas fases (ou centrifugadoras horizontais) e centrifugadoras verticais. Ainda na esma sala, depois destas máquinas o azeite proveniente das centrifugadoras passa por um processo de decantação com quatro depósitos, onde "descansa" 24h andes de seguir para o armazenamento. A sala liga-se a uma área de subprodutos e uma sala com caldeira a biomassa.

3) O circuito existente liga-se por tubos e bombas à sala de armazenamento posicionada no extremo oposto do edifício, com ligação direta ao cais Sul para expedição de azeite a granel. No respetivo topo do edifício existe um sistema de tubos, que atravessa a parede para realizar a trasfega do azeite dos depósitos de inox para camiões estacionados no exterior. Ambos os espaços de laboração e armazenamento são termicamente controlados e iluminados com luz natural.

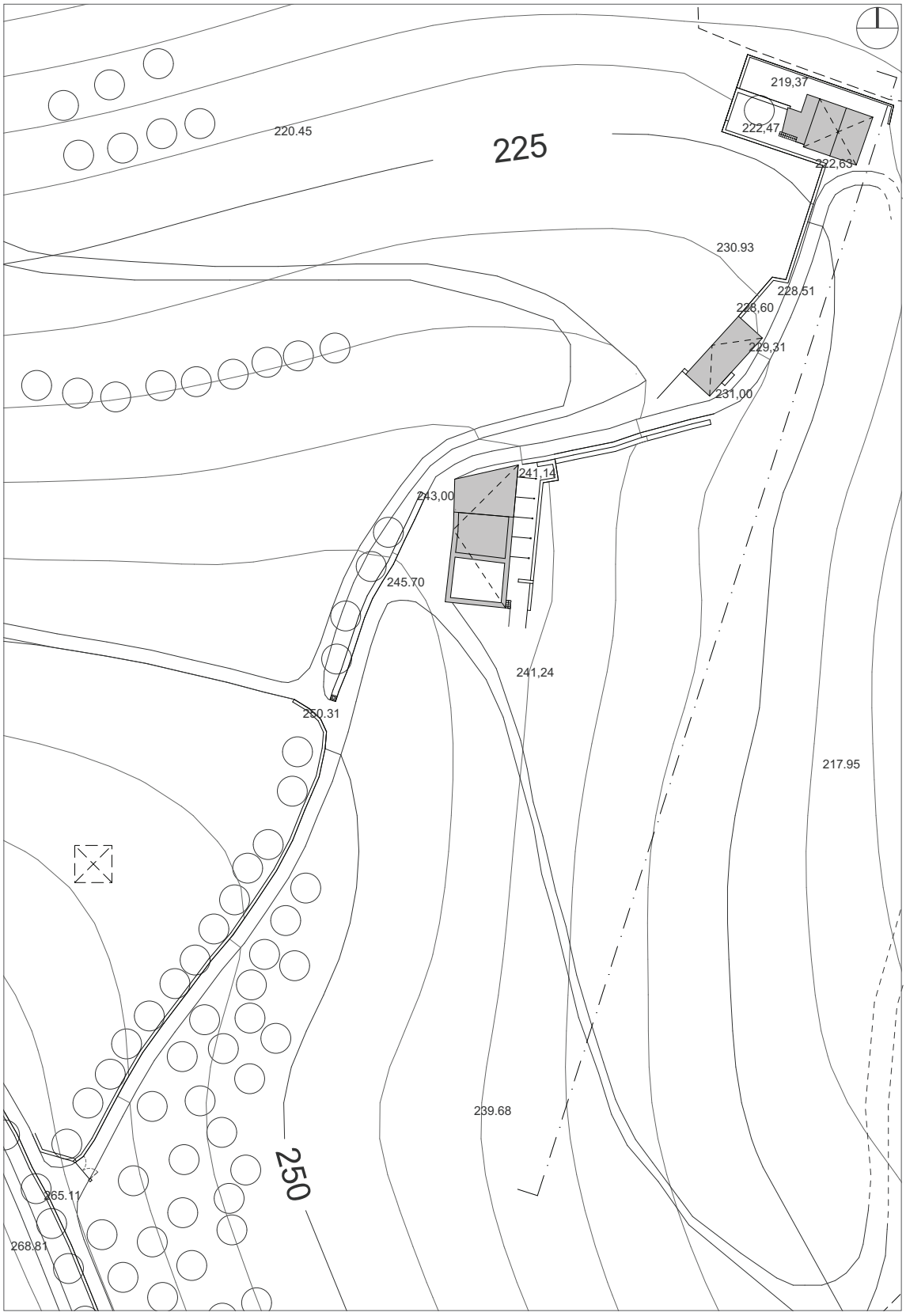
4) No centro do equipamento existe um corpo que separa e liga as áreas de produção, ao mesmo tempo que organiza os espaços de serviço e de turismo: em baixo distribuem-se as áreas de laboratório, WC's, vestiários e refeitório, e em cima situam-se a *Galeria do Azeite*, o escritório do lagar e uma sala de reuniões.

A *Galeria* consiste num espaço turístico de caráter polivalente, onde se realizam diversas atividades, com acesso a partir de uma escadaria escultórica em caracol relacionada com uma entrada lateral no edifício. É definida por dois enormes planos envidraçados com vista elevada para as áreas de laboração e armazenamento, tem um pequeno auditório e instala um volume central com um balcão de prova/confeção e montra de exposição de produtos.

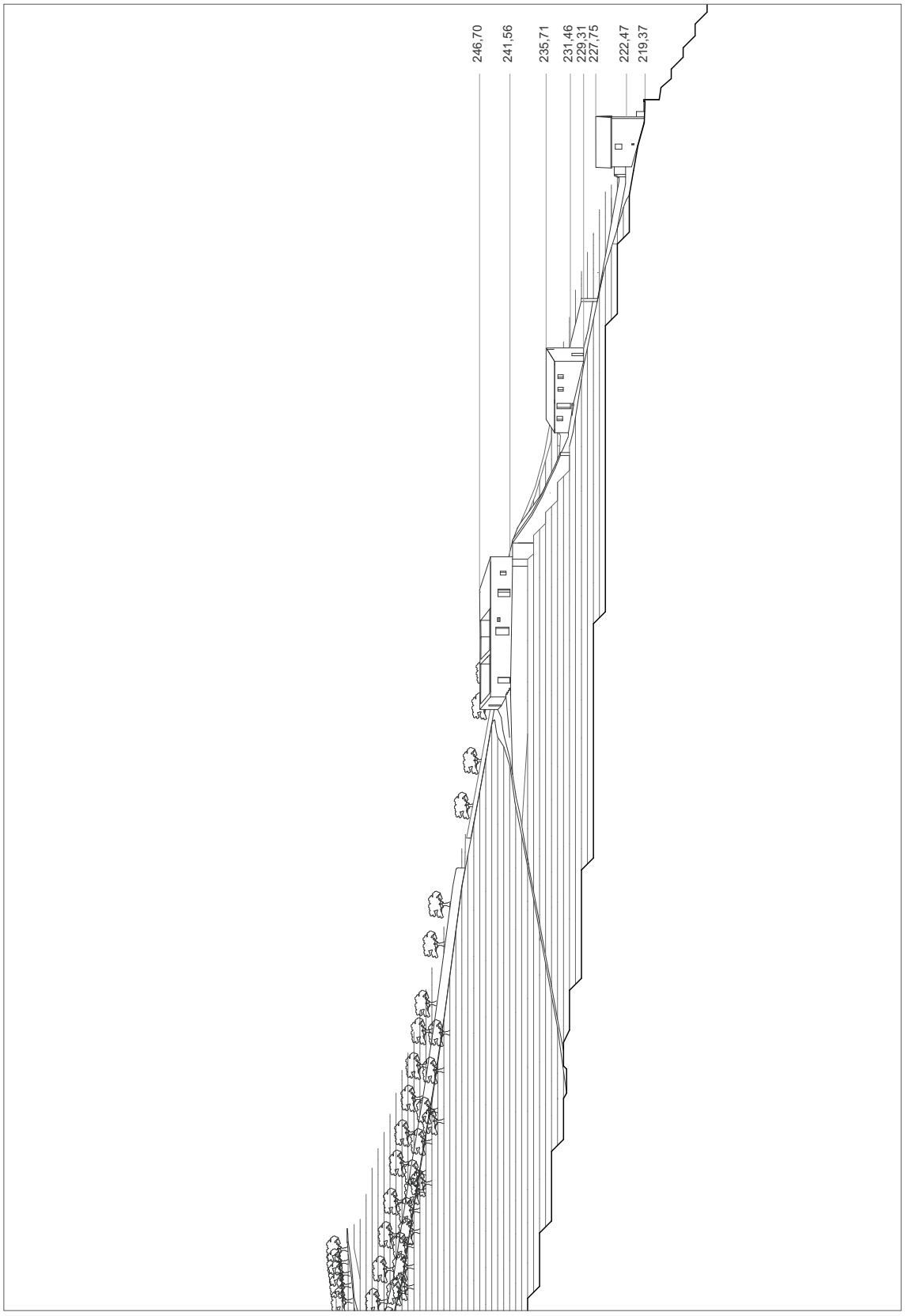
O lagar constitui uma referência incontornável no setor da olivicultura e do azeite, com grande responsabilidade sobre a paisagem. Associado ao seu caráter fabril enquanto arquitetura de produção, o equipamento beneficia de um desenho arrojado e de forte inegração paisagística que concilia o programa de lagar com um espaço turístico inovador. É um caso verdadeiramente único no país, com reconhecimento internacional, particularmente inspirador para o projeto.

ANEXO 4:
DESENHOS DE LEVANTAMENTO

PLANTA DO SETOR DE INTERVENÇÃO NAS LIBERATAS. 1:1000



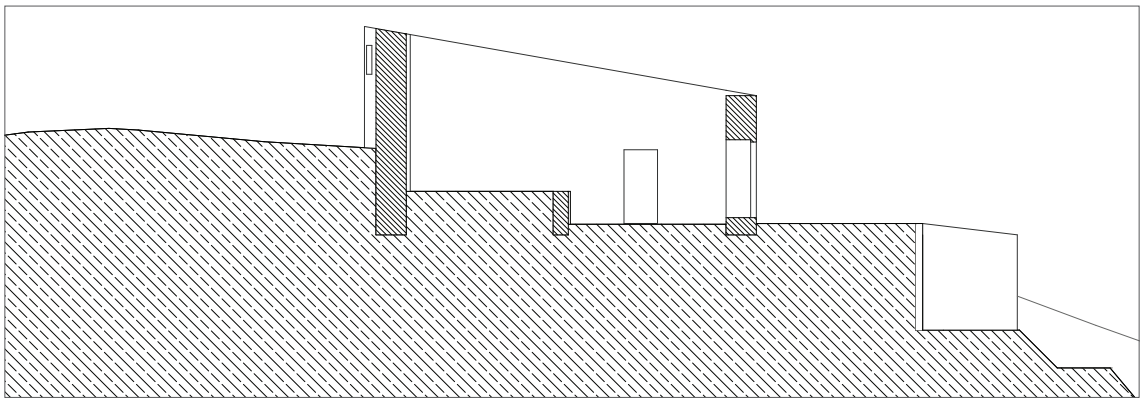
PERFIL DO SETOR DE INTERVENÇÃO NAS LIBERATAS. 1:1000



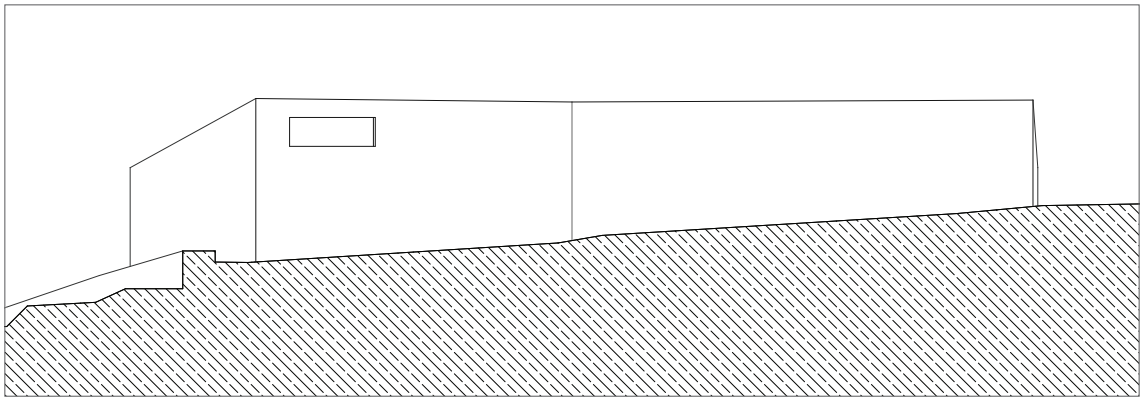
CASA DE CIMA. 1:200



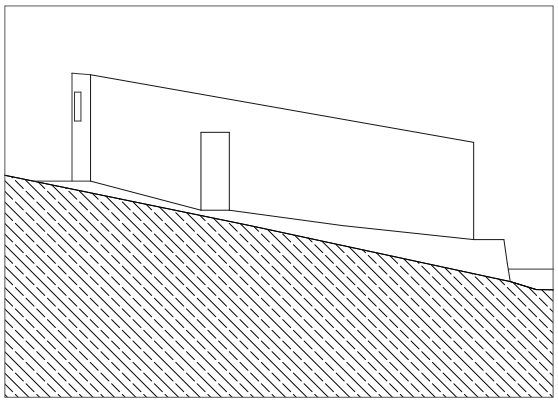
Planta à cota 243.



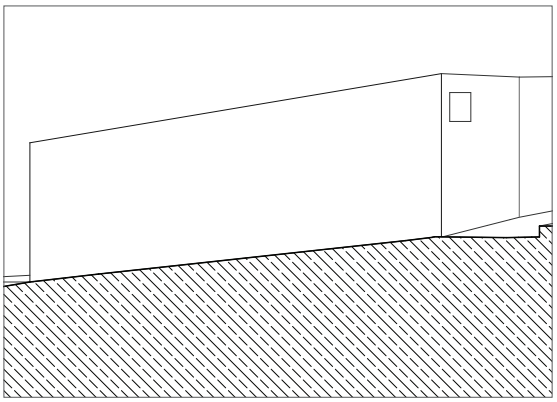
Perfil A.2 (corte transversal).



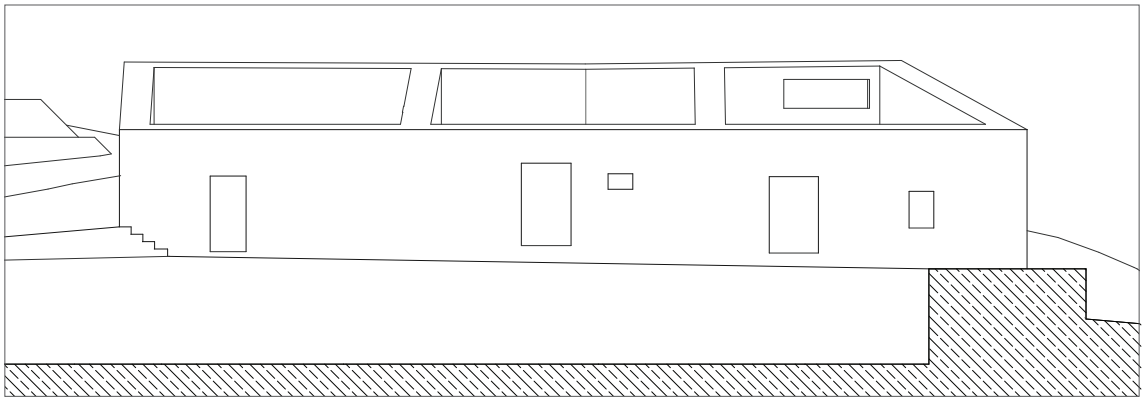
Perfil A.4 (alçado Oeste).



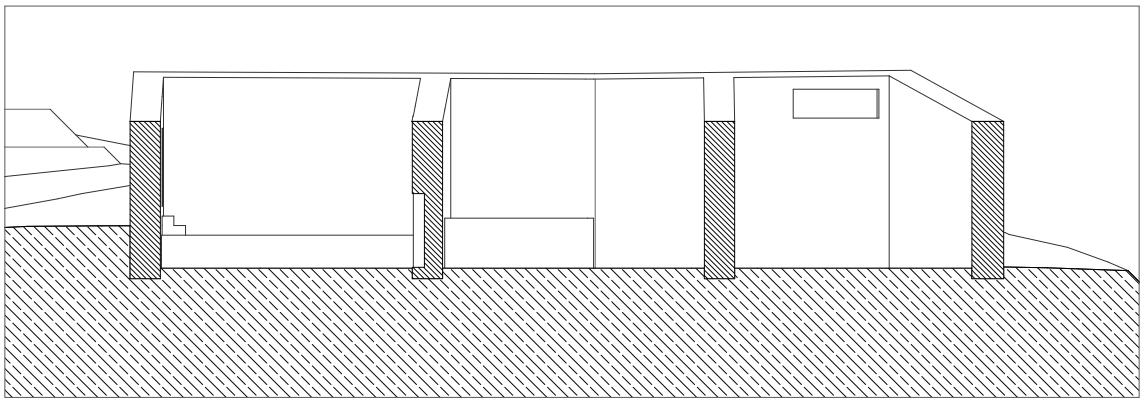
Perfil A.5 (alçado Sul).



Perfil A.6 (alçado Norte).

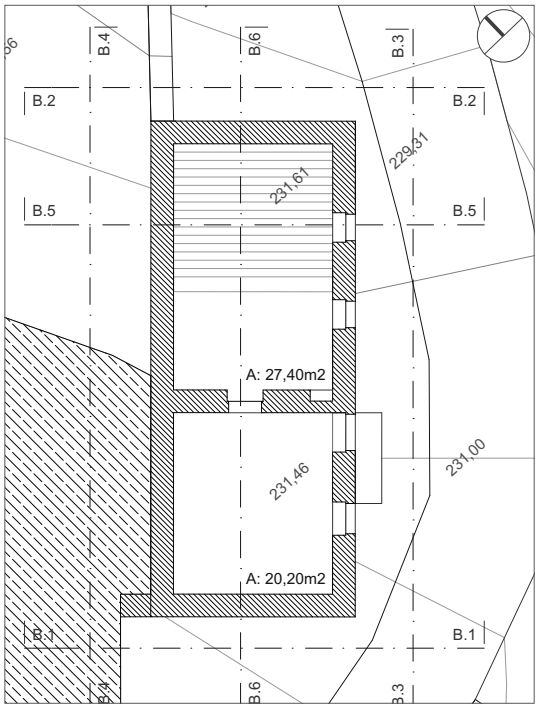


Perfil A.1 (Alçado Este.).

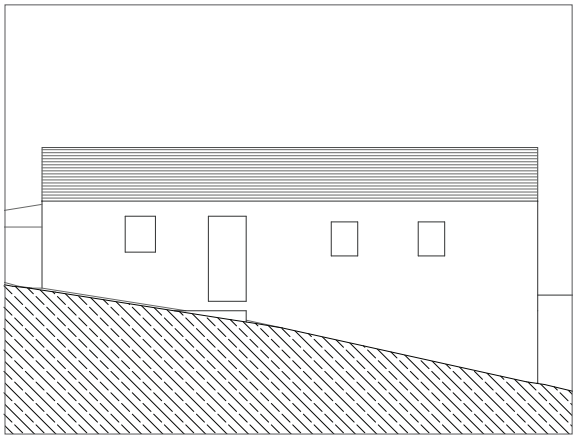


Perfil A.3 (corte longitudinal).

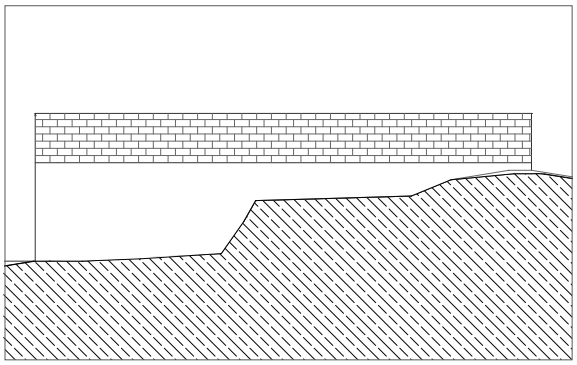
CASA DO MEIO. 1:200



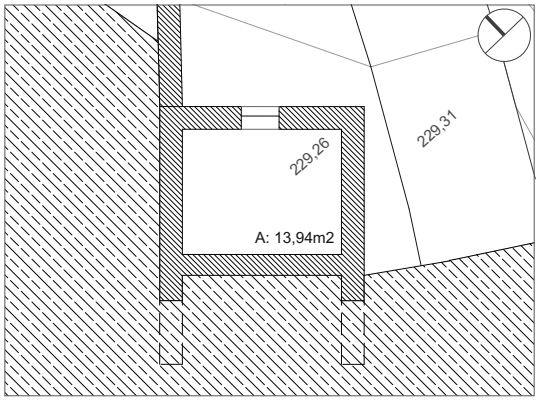
Planta à cota 233 (piso superior).



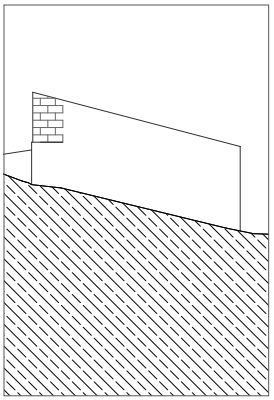
Perfi B.3 (alçado Este).



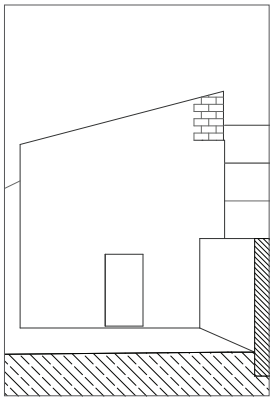
Perfi B.4 (alçado Oeste).



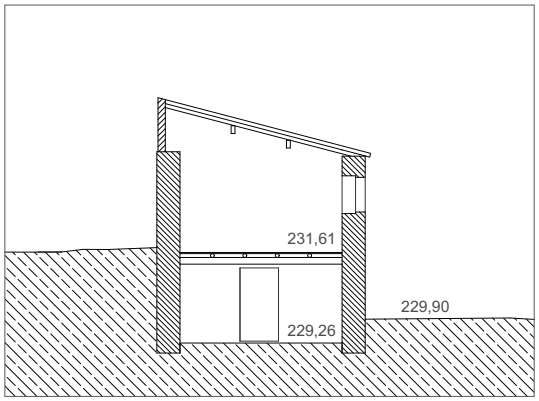
Planta à cota 230 (piso inferior).



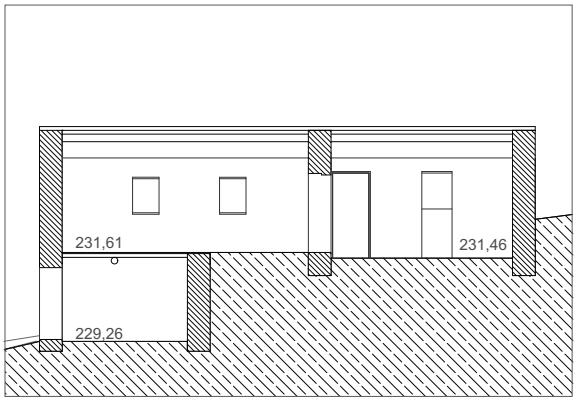
Perfi B.1 (alçado Sul).



Perfi B.2 (alçado Norte).

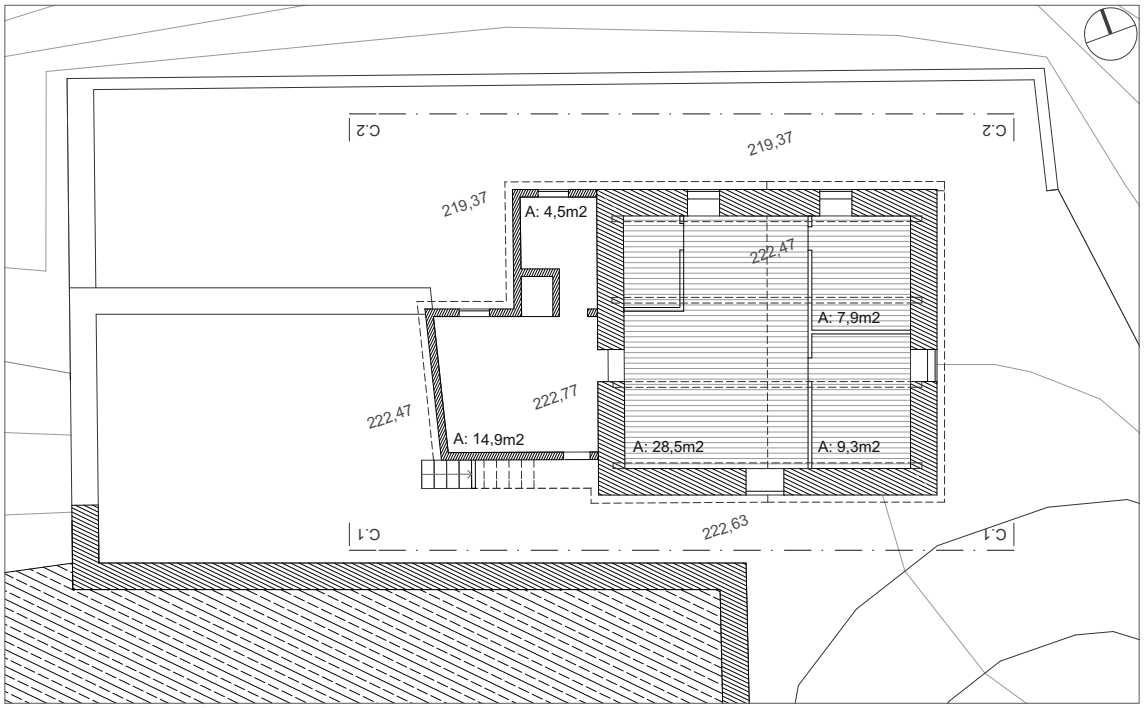


Perfil B.5 (corte transversal).

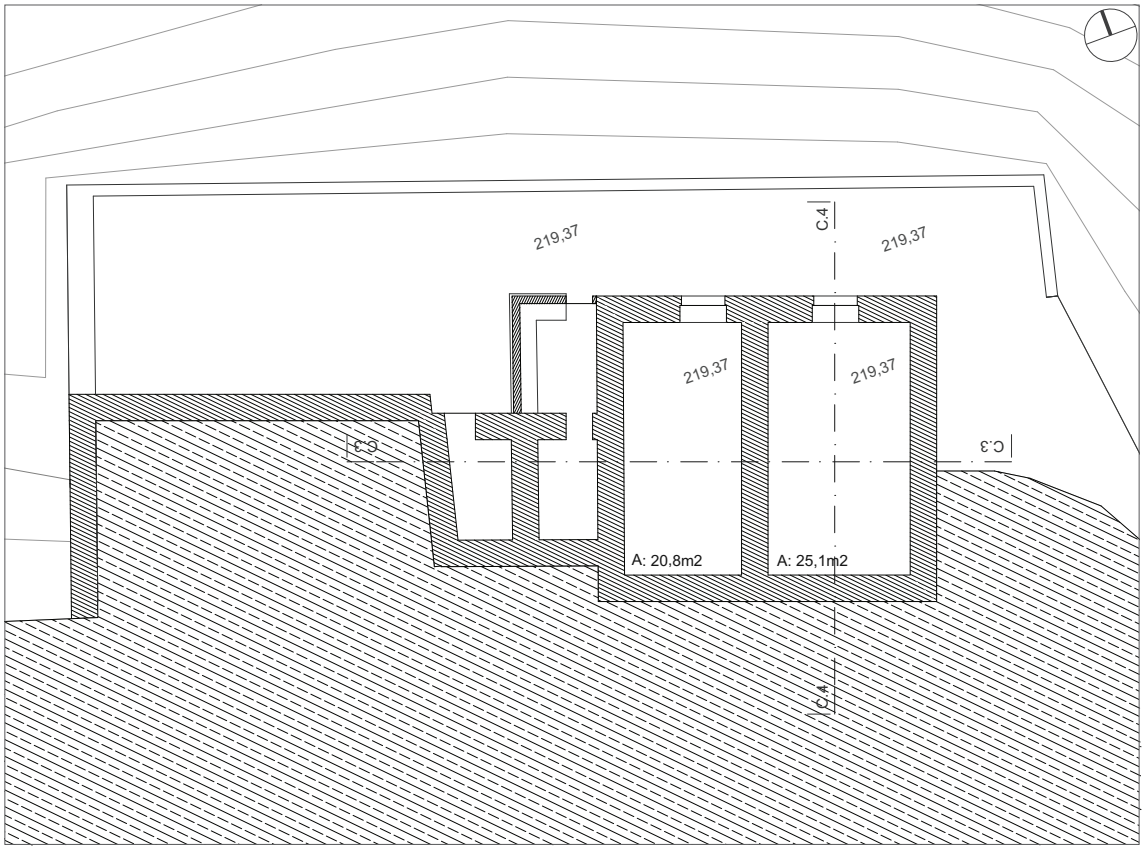


Perfil B.6 (corte longitudinal).

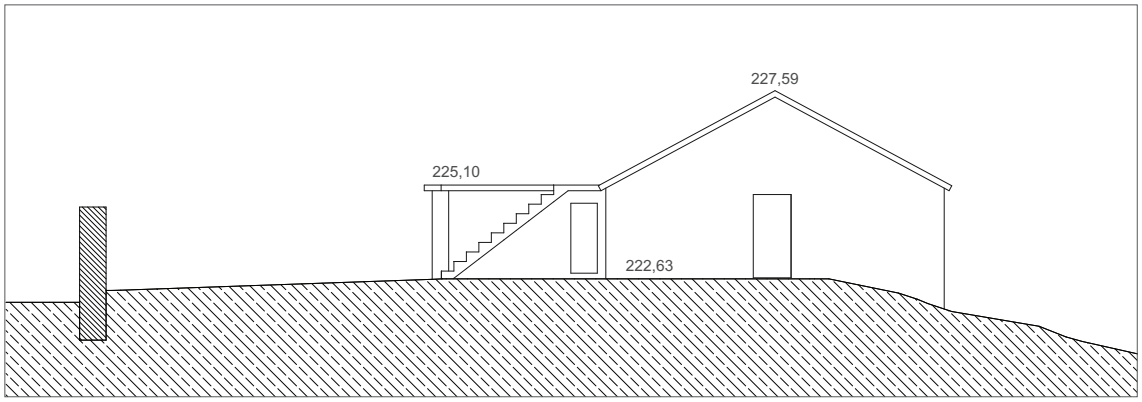
CASA DE BAIXO. 1:200



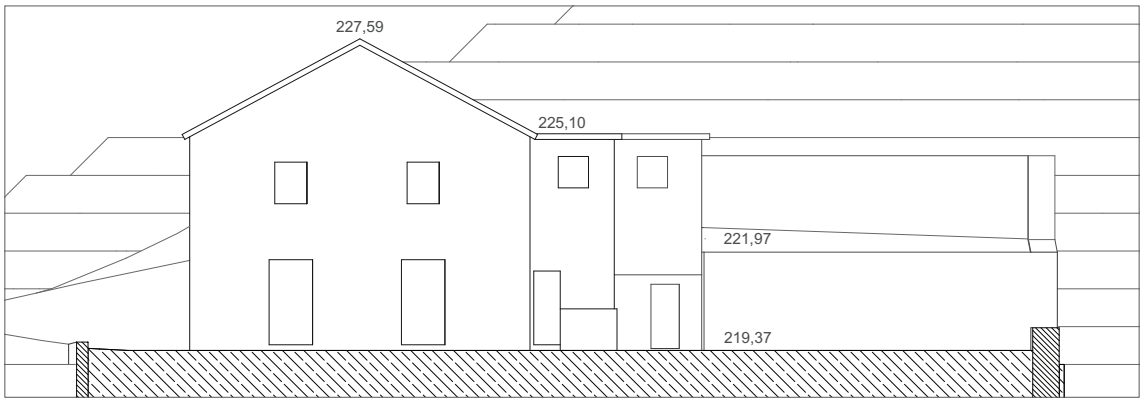
Planta à cota 224 (piso superior).



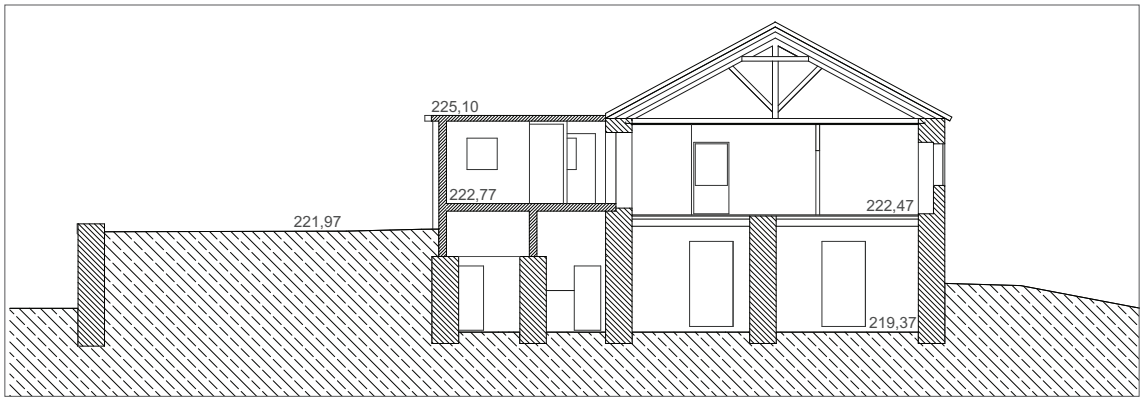
Perfil à cota 221 (piso inferior).



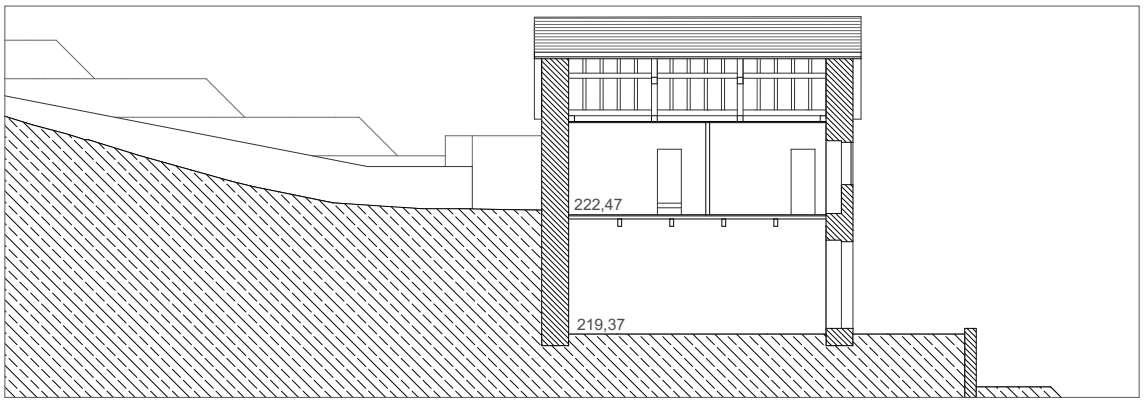
Perfi C.1 (alçado Sul).



Perfi C.2 (alçado Norte).



Perfi C.3 (corte longitudinal).



Perfil C.4 (corte transversal).